



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

A FAIANÇA DO FORTE ORANGE, ITAMARACÁ-PE

MARIA ELEONÔRA DA GAMA GUERRA CURADO

RECIFE-PE
2010

MARIA ELEONÔRA DA GAMA GUERRA CURADO

A FAIANÇA DO FORTE ORANGE, ITAMARACÁ-PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Albuquerque

Co-orientadora: Prof^ª. Dra. Veleda Lucena

RECIFE-PE
2010

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB-4 1291.

C975f Curado, Maria Eleonôra da Gama Guerra.
A Faiança do Forte Orange, Itamaracá-PE / Maria Eleonôra da Gama Guerra Curado. - Recife: O autor, 2010.
232 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Albuquerque.
Co-orientadora: Profa. Dra. Veleda Lucena.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2011.
Inclui bibliografia e apêndice.

1. Arqueologia. 2. Arqueologia e História. 3. Escavações (Arqueologia). 4. Faiança - Forte Orange (Ilha de Itamaracá, PE). 5. . I. Albuquerque, Marcos(Orientador). II. Lucena, Veleda (Co-orientadora). III. Título.

930.1 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2011-111)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA MARIA ELEONÔRA DA GAMA GUERRA CURADO

Às 14 horas do dia 29 (vinte e nove) de janeiro de 2010 (dois mil e dez), no Curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Maria Eleonôra da Gama Guerra Curado** intitulada "*A Faiança do Forte Orange, Itamaracá - PE*", sob a orientação do **Prof. Dr. Marcos Antônio Gomes de Mattos de Albuquerque**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito "**Aprovada**", em resultado à atribuição dos conceitos das professoras: **Cláudia Alves de Oliveira**, **Viviane Maria Cavalcanti de Castro** e **Veleda Christina Lucena de Albuquerque**. Assinam também a presente ata, o Vice-Coordenador, Prof Ricardo Pinto de Medeiros e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 29 de janeiro de 2010

Profa. Dra. Cláudia Alves de Oliveira

Profa. Dra. Viviane Maria Cavalcanti de Castro

Profa. Dra. Velleda Christina Lucena de Albuquerque

Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros

Luciane Costa Borba

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos à todos aqueles – familiares, amigos, professores e colegas – que de alguma forma tiveram sua participação na elaboração deste trabalho. Sem querer ser injusta, preferiria não mencionar nomes, uma vez que são muitos. Entretanto, algumas pessoas não poderiam deixar de ser mencionadas nesta ocasião. Aproveito, portanto, para expressar os meus mais profundos agradecimentos aos meus MESTRES, Marcos Albuquerque e Veleda Lucena, pela confiança, incentivo e apoio que recebi e venho recebendo durante todo o período de convivência; aos quais, sem dúvida, deverei sempre a minha formação profissional.

Agradeço ainda a toda a Equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE, colegas e amigos que contribuíram cada um a sua maneira, passando por momentos de sobrecarga, para que eu pudesse me concentrar em minhas atividades didáticas, particularmente na elaboração desta dissertação. Jamais poderia deixar de reconhecer que mais do que colegas de trabalho, eu contei com o apoio de amigos, no Laboratório. Gostaria, no entanto, de agradecer de forma especial àquelas pessoas que tiveram uma participação mais direta, por estarem ao meu lado, nesta ocasião, como é o caso de Sílvia, Érica, Milena, Rúbia, Micarla, Tatiane, Elisabete e Viviane Galvão.

Agradeço de forma especial à Sílvia Uchoa, minha companheira de bancada, com quem dividi preocupações, dúvidas e descobertas durante a análise do material arqueológico, particularmente da faiança.

A Érica Lima que se empenhou em preparar as imagens que seriam utilizadas nesta dissertação, juntamente com Tatiane Kelly e Elisabete Hora. Quantas horas de envolvimento para que todas as imagens estivessem prontas para serem inseridas na hora certa!

A Milena Duarte e Albino Dantas que se disponibilizaram a ler e comentar a dissertação antes que chegasse às mãos de meus orientadores. Agradeço muito às contribuições e, principalmente, ao apoio e ao tempo de dedicação em uma leitura cuidadosa.

A Rúbia Nogueira e Micarla que se envolveram diretamente na impressão e encadernação dos exemplares para a defesa, independentemente do horário avançado.

A Doris Walmsley agradeço a disponibilização do maravilhoso acervo fotográfico que vem produzindo, além de todo estímulo e apoio que sempre recebi.

Agradeço ainda o apoio dos amigos como Edson Leôncio, Taciana Taborda, Fredson Corpes e Alberes que aqui se encontram e de Darlene Maciel e Marcelo Milanez que embora estejam distantes na ocasião, mas com os quais sempre contei.

Não poderia deixar de agradecer a pessoas que já não se encontram mais vinculadas ao Laboratório de Arqueologia da UFPE, mas com as quais contei quando integravam a Equipe e que deixaram sua parcela de contribuição para a realização deste trabalho, como é o caso de Claristella Santos, Cláudia Oliveira, Ana Katarina Moura, Carolina Carvalho, Anahi, Ubiratan, Maricélia Milanez, Elisângela Souza .

A Claristella Alves dos Santos tenho muito a agradecer. Seu apoio e amizade me acompanharam desde minha entrada no Laboratório, introduzindo-me nas atividades diárias e facilitando minha integração à Equipe.

A minha amiga Cláudia Oliveira, não tenho palavras que possam expressar o quanto lhe sou grata. Contei com seu apoio desde minha entrada no Laboratório e, hoje, devo-lhe este momento e esta dissertação.

As minhas amigas Ana Katarina, Antonieta Moura, Carolina Carvalho também tenho muito a agradecer. É um privilégio tê-las como amigas! Muito me estimularam antes e durante o mestrado e com elas muito aprendi. Nunca me deixaram desanimar.

Meus agradecimentos também aos queridos amigos Carlos Vilarinho, Maria Betania Oliveira, Rosilene Farias e Sônia Amorim, que sempre estiveram ao meu lado, não me permitindo desanimar.

Meus agradecimentos a Paulo Tadeu de Albuquerque, uma referência importante para quem se dedica ao estudo da faiança. Despertou-me o interesse pelo tema, fazendo-me “ver” a faiança.

Aos meus professores e colegas de curso pela compreensão e apoio durante o período em que trabalhamos e estudamos juntos, principalmente, pelos questionamentos e considerações a este trabalho durante os seminários de pesquisa, eu agradeço.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, cujas disciplinas e palestras que tive a oportunidade de assistir, agradeço a contribuição para o desenvolvimento deste trabalho. Nesta oportunidade, gostaria de agradecer de forma especial todo o estímulo e apoio dos Professores Anne-Marie Pessis e Ricardo Pinto Medeiros. Apoio sem o qual eu não teria enfrentado este mestrado.

Agradeço à Professora Viviane Cavalcanti de Castro pelas contribuições feitas a este trabalho, durante e após o exame de qualificação, além de todo o incentivo para que o trabalho fosse realizado.

Stela Bartel é alguém que não poderia ser esquecida neste momento. Agradeço o incentivo e apoio que me dispensou desde o momento em que aventei a possibilidade de me submeter à seleção para o mestrado. Agradeço-lhe os textos que reuniu e me enviou para que eu pudesse me preparar para as provas.

Meus agradecimentos a Luci Danielli Avelino, por suas palavras de incentivo e por se preocupar em procurar bibliografia que me pudesse ser útil, dedicando-me um tempo, quando deveria estar concentrada em sua própria dissertação.

Agradeço o apoio de meus colegas de departamento, Rogéria Feitosa, Vânia Vasconcelos e Levi.

Gostaria muito de poder agradecer à Profa. Alice Aguiar (in memoriam) que tanto me incentivou a enfrentar este mestrado e que agora, com certeza, estaria aqui vibrando comigo.

Agradeço também o apoio e incentivos de Carmem Lúcia, durante o tempo em que estive vinculada à Pós-Graduação em História da UFPE.

Meus agradecimentos também à eficiente secretária do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, minha colega e amiga, Luciane Borba, com quem sempre contei e que tem sempre me incentivado.

Gostaria ainda de agradecer ao Prof. Fernando Guerra, que sempre se mostrou um professor atento e dedicado a seus alunos, estimulando-nos e despertando-nos o interesse pela História da Arte; agradeço pelos conhecimentos sobre Arte, transmitidos em sala de aula e em campo e, principalmente, por seus incentivos e confiança.

Um agradecimento muito especial a Suely Cisneiros, que talvez nem tenha idéia do quanto me incentivou durante este período de mestrado, não me permitindo desanimar. Agradeço, por palavras e ações de incentivo e solidariedade. Apoiou-me sempre e sem sequer me esperar pedir. Transmitiu-me força e coragem para enfrentar o mestrado e a defesa da dissertação, repassando-me “dicas” de ações e atitudes que facilitariam a apresentação e a defesa. Não tenho palavras que expressem o quanto sou grata.

Um outro agradecimento especial eu faço aos meus pais, irmãos, cunhadas, sobrinhos, tios e primos. Que contribuíram e contribuem para minha formação, orientando, incentivando e me fazendo repensar minha postura perante o mundo. Agradeço também pela paciência.

E, não poderia de deixar de agradecer também às bibliotecárias do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, particularmente Fátima Gomes, pelo apoio e orientação recebidos durante a finalização deste trabalho.

E ao meu professor de Inglês, Andy Bryan Pozo, agradeço o apoio na elaboração do abstract desta dissertação.

A todos os meus mais sinceros agradecimentos

SUMÁRIO

RESUMO.....	i
ABSTRACT	ii
LISTA DAS ILUSTRAÇÕES	iii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	iv
APRESENTAÇÃO.....	1
INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-AMBIENTAL	10
1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	10
1.1. A OCUPAÇÃO DAS TERRAS NO LITORAL NORDESTE DO BRASIL... ..	10
1.2. O FORTE ORANGE.....	15
2. CONTEXTUALIZAÇÃO AMBIENTAL	29
2.1. GEOLOGIA- GEOMORFOLOGIA.....	32
2.2. CLIMA.....	33
2.3. HIDROLOGIA.....	34
2.4. VEGETAÇÃO	39
2.5. HUMANA.....	45
3. O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO NO FORTE ORANGE	49
CAPÍTULO II – A FAIANÇA	53
1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	53
2. A FAIANÇA DO FORTE ORANGE.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
1. BIBLIOGRAFIA	97
2. DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA E ICONOGRÁFICA.....	102
3. SITES CONSULTADOS	103
APÊNDICE 1	105
APÊNDICE 2	219

A FAIANÇA DO FORTE ORANGE, ITAMARACÁ-PE

Autora: Maria Eleonôra da Gama Guerra Curado

Orientador: Prof. Dr. Marcos Albuquerque

Co-orientadora: Prfa. Dra. Vele da Lucena

RESUMO

O presente trabalho consiste na avaliação dos critérios e procedimentos analíticos adotados no estudo da faiança, uma categoria de material arqueológico freqüente e normalmente abundante nos sítios arqueológicos coloniais brasileiros, principalmente no Nordeste do Brasil. A escolha do tema se deve fundamentalmente à relação entre sua potencialidade enquanto documento material e o acesso objetivo às informações nele contidas. A subjetividade do processo analítico, no entanto, no que se refere à faiança, não permitiu, até o momento, um confiável acesso a esta documentação. Ao converter a faiança em documento legível, no entanto, o arqueólogo poderá recuperar informações importantes referentes ao conhecimento e domínio técnico de seus produtores, necessidades, relações comerciais e sociais de época, e perfil de seus consumidores. Vale salientar, no entanto, que apenas a faiança não será suficiente para explicar todas estas relações, mas poderá fornecer preciosas contribuições. Entretanto, a análise desta categoria de material não tem, até o momento, permitido uma leitura segura desta documentação, uma vez que não se dispõe de critérios analíticos adequados. A abordagem da faiança se baseia, normalmente, em critérios artísticos e não científicos. Conseqüentemente, a necessidade de avaliação e identificação de atributos objetivos que possam ser utilizados no processo de leitura desta categoria de documento é inquestionável.

A faiança encontrada em escavações arqueológicas realizadas no Forte Orange, localizado na Ilha de Itamaracá-PE, nos anos de 2002 e 2003 constitui o objeto de estudo deste trabalho. Sua representatividade qualitativa e quantitativa transformou-a em excelente amostra para o estudo.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica; Faiança; Tipologia; Forte Orange; Itamaracá; Pernambuco

THE FAIENCE OF FORTE ORANGE, ITAMARACÁ-PE

Author: Maria Eleonôra da Gama Guerra Curado

Advisor 1: Prof. Dr. Marcos Albuquerque

Advisor 2: Prfa. Dra. Veleida Lucena

ABSTRACT

The work presented here consist of an evaluation of the criteria and of the analytical procedures adopted in the study of faience, a category of archaeological material frequently found and often abundant in Brazilian colonial archaeological sites, mainly in northeastern Brazil. The choice of this subject was fundamentally made due to the relationship between its potential as a material document and the objective access to the information contained therein. When converting the faience into a readable document, the archaeologist will be able to retrieve important information pertaining to the knowledge and technical abilities of its producers, necessities, commercial and social relationships of the time and a profile of its consumers. It is important to point out that the faience alone does not sufficiently explain all these relationships, but it supplies important contributions. However, analysis of this category of material has not, up until now, allowed an accurate or reliable reading of this documentation, since it does not make use of adequate analytical criteria. The approach to this kind of artifact is normally based on artistic criteria rather than in scientific criteria. Consequently, the necessity for evaluation and identification of objective attributes that can be utilized in the process of document reading of this category are unquestionable.

The faience found during the archaeological excavations that were carried out at Forte Orange, in Itamaracá - PE, between 2002 and 2003 is the subject of this dissertation. Its qualitative and quantitative representativeness transformed it into an excellent sample for study.

Keywords: Historical Archaeology; Faience; Typology; Forte Orange; Itamaracá; Pernambuco

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Capitania de Pernambuco, Itamaracá e Parayba – Iconografia AHU.....	14
Ilustração 2 - Descrição da Barra de Tamaracá com os alojamentos do inimigo holandês, quando a tomou e fortificação da Villa, s/d. Biblioteca da Ajuda.....	14
Ilustração 3 – Escavação arqueológica do Forte Orange – Praça de Armas. Acervo do	16
Ilustração 4 - Escavação arqueológica do Forte Orange – Praça de Armas. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE, 2003.....	16
Ilustração 5 - Capitania de Itamaracá – Iconografia seiscentista, autor desconhecido - AHU	17
Ilustração 6 - Forte Orange – Detalhe de iconografia da Capitania de Itamaracá de autor seiscentista desconhecido - AHU	18
Ilustração 7- Planta do Forte que existe na Ilha de Itamaracá. Ano 1763. AHU	19
Ilustração 8 – Imagem de satélite do litoral norte do Estado de Pernambuco, mais especificamente do trecho sul da Ilha de Itamaracá. Google Earth (2010).....	20
Ilustração 9 - Cortina do Forte Orange em ruínas. Acervo fotográfico do IPHAN – Superintendência Regional em Pernambuco.	21
Ilustração 10 – Dependências sul do Forte de Orange em ruínas. Acervo fotográfico do IPHAN – Superintendência Regional em Pernambuco.....	21
Ilustração 11 – Planta do atual Forte Orange, Itamaracá-PE. Laboratório de Arqueologia da UFPE, 2001.....	23
Ilustração 12 – Sobreposição de plantas realizada durante os trabalhos de escavações arqueológicas. Laboratório de Arqueologia da UFPE, 2002.....	25
Ilustração 13 – Vala do alicerce de possível alojamento do Forte Orange holandês, em perfil. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.	26
Ilustração 14- Base da vala do alicerce de possível alojamento do Forte Orange holandês. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.....	26
Ilustração 15 – Casa de Pólvora do Forte Orange holandês. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE, 2002.....	27
Ilustração 16 – Escavação da porta do forte holandês no terrapleno sul do atual Forte Orange. Acervo do Laboratório de arqueologia da UFPE, 2003.	28

Ilustração 17 – Detalhe da porta do Forte de Orange holandês. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE, 2003.....	28
Ilustração 18 - Aerofoto Fx 109-034 (1998) modificada por Albuquerque, Lucena & Pessoa (2003).....	31
Ilustração 19 – Riacho que forma a “ilhota” onde foi construído o Forte de Orange, na baixa-mar. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.....	36
Ilustração 20– Riacho que forma a “ilhota” onde foi construído o Forte Orange, na préa-mar. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.	36
Ilustração 21 – Sondagem estratigráfica mecânica na Ilha de Itamaracá. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.....	36
Ilustração 22- Sondagem estratigráfica manual na Ilha de Itamaracá Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.....	36
Ilustração 23 – Área de loteamento na Ilha de Itamaracá, ocupada com casas de veraneio. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.	39
Ilustração 24- Raízes de <i>Risophoramangle</i> , cobertas de ostra (<i>Ostrea</i> sp). Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.....	42
Ilustração 25 – Vegetação nativa em reconstituição na Ilha de Itamaracá. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.....	43
Ilustração 26 – Área sendo aterrada na Ilha de Itamaracá-PE. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.....	46
Ilustração 27 – Desmonte de barreira em Palmares-PE durante as obras de duplicação da BR-101 Nordeste, trecho RN-PE. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.....	50
Ilustração 28 – Baluarte do Forte Orange em ruínas. Acervo fotográfico do IPHAN – Superintendência Regional e Pernambuco.	51
Ilustração 29 - Prato fragmentado, encontrado no sítio arqueológico PE 0016 LA/UFPE. Produção seiscentista de origem portuguesa. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.	64
Ilustração 30 - Tigela fragmentada, encontrada no sítio arqueológico PE 0016 LA/UFPE. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.	64
Ilustração 31 - Jan Jansz. van de Velde. Still-Life with Tall Beer Glass – 1647. Rijksmuseum, Amsterdam.....	65
Ilustração 32 - Jan Jansz. van de Velde. Still-Life with Römer, Flute Glass, Earthenware Jug and Pipes – 1651. Rijksmuseum, Amsterdam	66

Ilustração 33 – Escarradeira produzida na Fábrica de Faiança de Massarelo, Porto, Portugal, no século XVIII. Acervo da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.	73
Ilustração 34 – Espectro de Fluorescência de Raios X de pasta de faiança do atual Forte Orange. Grupo de Metrologia Arqueológica e do Patrimônio (MAP) da UFPE.	81
Ilustração 35 – Prato em faiança portuguesa setecentista. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.....	83
Ilustração 36 – Fragmentos de faiança portuguesa apresentando decoração em azul sobre branco. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.	85
Ilustração 37 – Espectro de Fluorescência de Raios X de pigmento branco aplicado em faiança do atual Forte Orange. Grupo de Metrologia Arqueológica e do Patrimônio (MAP) da UFPE.	87
Ilustração 38 – Espectro de Fluorescência de Raios X de pigmento azul aplicado em faiança do atual Forte Orange. Grupo de Metrologia Arqueológica e do Patrimônio (MAP) da UFPE.	88
Ilustração 39 – Espectro de Fluorescência de Raios X de pigmento marrom ou vinioso aplicado em faiança do atual Forte Orange. Grupo de Metrologia Arqueológica e do Patrimônio (MAP) da UFPE.	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LAPEH – Laboratório de Pesquisa e Ensino em História

MAP – Grupo de Metrologia Arqueológica e do Patrimônio

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

APRESENTAÇÃO

A escolha da faiança como tema deste trabalho teve origem a partir de necessidades geradas durante o processo de análise desta categoria de material arqueológico. No momento em que os questionamentos levantados antes e durante os procedimentos analíticos não puderam ser respondidos com base em critérios científicos, constatou-se a inacessibilidade com base nos critérios em voga, desta documentação primária, de natureza material. Documentação esta que traz em si uma significativa gama de informações referentes ao conhecimento técnico, estilo vigente, modas, relações sócio-econômicas e comerciais de cada contexto cronológico; o conhecimento técnico e seu domínio por parte de seus produtores, bem como seus objetivos e condições de realização voltados para o atendimento das necessidades e interesses de seus consumidores; e por fim, as necessidades, condições sócio-econômicas, interesses e gostos dos consumidores desta categoria de material. A inquestionável potencialidade da faiança enquanto documento primário confere a esta categoria de material uma grande importância no estudo e resgate da sociedade em estudo. Convém ressaltar, no entanto, que a despeito de todas as informações contidas nesta documentação, sua natureza fragmentária limitará ou até mesmo poderá conduzir a uma interpretação errônea, caso não seja abordada em associação com outras categorias de dados. O desafio gerado em função da relação inversamente proporcional entre a sua potencialidade enquanto documento material e o acesso objetivo às informações nele contidas, constituíram um grande estímulo ao desenvolvimento do tema em questão. Considerando, no entanto, as limitações inerentes a uma dissertação de mestrado, como é o caso deste trabalho, não se pretende resolver o problema, mas contribuir para o estabelecimento de uma base consciente e mais sólida a partir da qual se poderá propor uma nova proposta analítica para a faiança.

Como objeto de estudo deste trabalho, utilizou-se a faiança resgatada no Forte Orange, localizado na Ilha de Itamaracá-PE. A escolha da faiança proveniente das escavações arqueológicas realizadas no Forte como estudo de caso para a realização deste trabalho se deve a duas razões principais. Primeiramente, considerou-se o fato de que esta categoria de material se revelou quantitativa e qualitativamente abundante no Forte. Diante deste fato, pode-se afirmar que esta faiança representa um excelente conjunto para que se pudesse buscar alcançar os objetivos a que se propôs o trabalho. Uma outra questão que contribuiu para que a faiança do Forte Orange fosse escolhida como estudo de caso a ser apresentado neste trabalho foi o fato desta categoria de material consistir em uma excelente fonte de informações, se devidamente abordada, o que contribuiria para uma melhor compreensão do

quotidiano do Forte, bem como de suas relações externas. Entretanto, considerando os critérios e procedimentos analíticos atualmente em uso, o resgate das informações contidas na faiança tem sido comprometido. Muito pouca ou praticamente nenhuma contribuição efetiva tem sido obtida através da faiança para a compreensão do contexto sistêmico dos sítios estudados. Assim sendo, considerou-se importante a realização de uma avaliação dos critérios e procedimentos analíticos, como passo inicial para a realização de uma análise mais consciente em seus resultados e de seus limites, constituindo-se, portanto, um dos objetivos desta dissertação.

No que se refere especificamente ao Forte Orange, convém esclarecer que a campanha arqueológica realizada entre os anos de 2002 e 2003, foi longa o bastante para possibilitar uma maior dedicação às atividades de análise de laboratório, que transcorreram durante e após o término das escavações. Durante o período houve oportunidade de se contactar e discutir com outros pesquisadores questões relativas à identificação e análise de determinadas categorias de material arqueológico, particularmente no que se refere à faiança. Especialistas como Paulo Tadeu de Souza Albuquerque, que em diversas outras oportunidades forneceu subsídios para a identificação de peças no que se refere à origem de produção e cronologia, e Jan Baart estiveram no Laboratório de Arqueologia da UFPE para conhecer seu acervo, principalmente a faiança, quando o material do Forte Orange se encontrava sobre as bancadas. As discussões e trocas de informações ocorridas nestas ocasiões despertaram um maior interesse pela faiança. Todas estas circunstâncias, ou seja, a potencialidade da faiança enquanto documento primário, de natureza material, a fragilidade científica dos resultados obtidos a partir de sua identificação e classificação, a riqueza qualitativa e quantitativa da faiança encontrada no Forte e o caráter insatisfatório obtido na bancada de análise, evidenciaram a necessidade de se dispor de um tempo maior para avaliar e discutir os critérios analíticos aplicados ao estudo da faiança, buscando-se relações entre atributos que pudessem ser resgatados cientificamente e que realmente representassem o que Marcos Albuquerque se refere como “elementos índices”¹. As condições geradas a partir da campanha arqueológica realizada no Forte Orange conduziram um maior aprofundamento no que se refere ao estudo de determinadas categorias de material arqueológico. A faiança, por exemplo, suscitou em bancada, inúmeros questionamentos que, pelos critérios normalmente adotados, não foram convenientemente respondidos; ao contrário, geraram novos questionamentos. Quanto às respostas obtidas pelos procedimentos da abordagem convencional, por apresentarem caráter subjetivo, não mereceram confiabilidade,

¹ “Elementos índices” são aqueles atributos de qualidade que inquestionavelmente indicam cronologia, origem de produção – local e /ou fabricante, morfologia funcional, gênero, faixa etária, categoria sócio-econômica.

requerendo novas avaliações, porém requerendo a aplicação de critérios científicos. Foi então que se optou por abordar a faiança do Forte neste trabalho.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na avaliação dos critérios e procedimentos analíticos adotados no estudo de uma categoria de material arqueológico: a faiança.

Esta categoria de material é freqüente nos sítios arqueológicos históricos brasileiros, em especial no Nordeste do Brasil, sendo particularmente abundante nos sítios do litoral de Pernambuco. Vale ressaltar, entretanto que a presença de faiança não se restringe aos sítios históricos do Brasil. Antes, é uma categoria de material de origem no Velho Mundo que se dispersou, sobretudo a partir do século XVII, através das rotas comerciais que abrangiam o mundo conhecido de então. Alguns pesquisadores, como é o caso, por exemplo, de Carlos Etchevarne (2006), no Brasil, ou Rosa Varela Gomes e Luís Sebastian (2009), em Portugal, consideram, inclusive, que a faiança pode ter sido o primeiro bem de consumo global da história.

A faiança é uma categoria específica de cerâmica esmaltada, que apresenta uma combinação de pasta e esmaltação características. Segundo Pileggi (1958 apud ZANETTINI, 1986, p. 120), os produtos de faiança podem ser definidos como “feitos com argila de grande plasticidade, cozidos à temperatura reduzida, porosos e resistentes. Estes são recobertos de esmalte opaco à base de compostos de chumbo e estanho tornando-se mais duros e sonorosos.” Convém ressaltar, no entanto, que o termo faiança utilizado neste trabalho inclui não apenas a faiança propriamente dita, mas também a majólica ou maiólica. A distinção entre a faiança e a majólica é macroscopicamente percebida, muito embora para alguns estudiosos do assunto a distinção entre ambas estaria apenas no que se refere ao local de origem de sua produção. Paulo Zanettini (1986, p. 120), por exemplo, especifica que “Este tipo de louça recebe nomes nacionais como faiança (Portugal), louça de Delft (Holanda), Delft Ware (Inglaterra), maiólica (Espanha e em alguns casos Itália, México). Pertencem todavia a uma única categoria cerâmica.”

As informações contidas na faiança do Forte Orange representam uma significativa contribuição para a compreensão do Forte inserido no contexto de suas relações internas e externas. A compreensão desta unidade funcional de defesa, por sua vez, contribuirá para a compreensão da área em estudo, considerando o processo de ocupação do território, desde o

século XVII até os dias atuais, e assim por diante, considerando-se sempre a contribuição para a ampliação do conhecimento em um patamar acima.

O objetivo final deste trabalho, portanto, consiste em contribuir para o entendimento da sociedade em estudo a partir da faiança. Para alcançar tal objetivo, faz-se imprescindível que esta categoria de material esteja legível, na qualidade de documento material primário. A viabilização do processo de transformação da faiança em documento legível, repleto de informações relativas a concepções, necessidades e ações requer a adequação de uma tecnologia baseada em critérios científicos.

Assim, a elaboração deste trabalho visa, em uma primeira instância, a avaliação dos critérios e procedimentos analíticos aplicados à faiança arqueológica, considerando seus limites e potencialidades. O estudo desta categoria de material arqueológico requer a superação de problemas de natureza terminológica, teórica e analítica. Pode-se, inclusive, afirmar que estes problemas, sentidos na bancada de análise, durante a abordagem desta categoria de material, representam um obstáculo que o pesquisador precisa superar para que possa finalmente ultrapassar a peça e alcançar o objeto formal de seu estudo: a sociedade. A desigualdade dos trabalhos arqueológicos, no que se refere à análise da faiança, considerando-se a subjetividade dos critérios e procedimentos analíticos, bem como a imprecisão e falta de homogeneidade terminológica dificultam a constituição do conhecimento arqueológico, de uma forma mais ampla. A constatação desta realidade e, conseqüentemente, a necessidade de se dispor de critérios analíticos objetivos e confiáveis, ou seja, científicos, que realmente permitam um acesso às informações que contribuem para a compreensão da sociedade estudada conduziram à elaboração deste trabalho, tomando-se como ponto de partida a avaliação dos critérios e procedimentos adotados na identificação, análise e classificação da faiança. A realização desta avaliação, em um primeiro momento, contribuirá para uma análise mais consciente, na qual o pesquisador estará ciente da potencialidade e dos limites de seus resultados.

A partir da avaliação dos critérios e procedimentos analíticos no tocante à faiança arqueológica, pretendeu-se contribuir para a identificação de atributos que combinados pudessem conduzir ao estabelecimento de tipos que representem cronologia, procedência, morfologia funcional e perfil (poder aquisitivo, gostos, necessidades) de seus consumidores. Vale ressaltar, no entanto, que este estudo não se propôs a apresentar uma proposta de análise para a faiança, mas contribuir para uma análise mais consciente, consistente e objetiva desta categoria de material arqueológico. Com base nesta avaliação e na

identificação de “elementos índices”, pretendeu-se então apresentar a faiança encontrada no Forte Orange mediante a aplicação de uma tipologia. A explicitação dos atributos utilizados no estabelecimento dos tipos de faiança encontrados no Forte permitirá sua comparação com conjuntos desta mesma categoria de material, encontrados em outros sítios. A idéia que norteou este trabalho foi a de transformar a faiança encontrada no Forte Orange em documento primário legível para todos aqueles que se dedicassem ao estudo desta categoria de material. Primeiramente, esta conversão da faiança do Forte em documento legível, esteve voltada para o resgate de informações relativas aos ocupantes do Forte. Obviamente, não se poderá explicar a ocupação do Forte Orange unicamente através da faiança encontrada no sítio, mas esta fonte de informação de natureza material, juntamente com o resultado da análise das demais categorias encontradas, bem como de suas estruturas e estratigrafia, contribuem para uma maior aproximação entre o pesquisador e seu objeto formal de estudo: os ocupantes do Forte Orange, em suas relações internas e externas.

Ao abordar a faiança encontrada nas escavações arqueológicas realizadas no Forte Orange mediante uma perspectiva tipológica, tinha-se por objetivo torná-la consultável e comparável. Sua caracterização mediante a explicitação da abordagem analítica adotada, viabilizará a sua comparação com conjuntos de faiança de outros sítios. Seu acesso, por parte de outros estudiosos do assunto, foi também um dos objetivos deste trabalho. Pois, a comparação entre faianças encontradas em diferentes sítios por diferentes pesquisadores contribuirá para a ampliação do conhecimento no que se refere a esta categoria de material e, conseqüentemente, para uma compreensão mais ampla dos sítios em estudo.

Um outro aspecto levado em consideração na escolha do tema desta dissertação foi a importância das unidades funcionais no processo de fixação do europeu no Novo Mundo. O Forte Orange, na qualidade de unidade funcional de defesa, constitui um excelente representante do sistema de defesa colonial, tanto holandês quanto português. As escavações realizadas no Forte revelaram estruturas de ambas as ocupações, além do grande e variado acervo de artefatos móveis resgatados. Os resultados obtidos a partir da análise do Forte Orange em toda a sua gama de variáveis relacionadas e interrelacionadas, ou seja, inserido em sua complexidade contextual, considerando-se as variáveis internas e externas que a compõe, fornecerá subsídios para o estudo do processo de ocupação do território brasileiro a partir da fixação do europeu. A importância estratégica na escolha do local de implantação do Forte também lhe conferiu grande importância enquanto fonte de informações para a compreensão das concepções de defesa da época, das relações iniciais

estabelecidas entre o Velho e o Novo Mundo, e como o sistema americano foi inserido no sistema mundial. Espera-se, portanto, contribuir para um melhor entendimento deste processo, ao se contribuir para o estudo da faiança encontrada em uma unidade de defesa do sistema colonial, no caso o Forte Orange. Convém, no entanto, ressaltar as limitações inerentes a um trabalho que aborda uma única categoria de material arqueológico, cronologicamente situado entre os séculos XVI e XIX, resgatado em uma única unidade funcional integrante do sistema de defesa implantado na Ilha de Itamaracá, na primeira metade do século XVII e que chegou até os dias atuais. Diante do exposto, é importante que fique esclarecido que este trabalho não se propôs e nem poderia explicar o Forte Orange, e muito menos o processo de ocupação do território e a inserção do sistema americano no sistema mundial, em virtude das limitações que lhes são inerentes por se tratar de uma dissertação de mestrado. O Trabalho pretendeu gerar subsídios para, em associação com a análise dos outros componentes do sítio, quer sejam estruturas, quer sejam artefatos móveis, contribuir para a reconstituição do contexto sistêmico² (SCHIFFER, M., 1971) no qual estaria inserido o Forte. É preciso reconhecer que a reconstituição arqueológica deste contexto, muito embora dependa primordialmente da leitura da documentação primária de natureza material, deverá estar inter cruzada com a documentação textual e iconográfica. O estudo deste Forte contribuirá para a compreensão do sistema de defesa e assim por diante, sempre se considerando o somatório de informações que contribui para ampliação do tema em um patamar acima.

A escolha do Forte Orange também se deveu ao fato deste sítio ter sido um dos mais recentemente trabalhados pelo Laboratório de Arqueologia da UFPE, cujo volume e variedade do material móvel se apresentou extremamente expressivo e revelador. Por se tratar de um trabalho de pesquisa, requereu um tempo maior para que se pudesse dedicar às análises de laboratório, interrelacionando não apenas os dados arqueológicos primários com os secundários, mas também com informações históricas, etnológicas e iconográficas. Estes levantamentos complementares em áreas afins, muito embora já estivessem em andamento no referido laboratório, sofreram um maior incremento durante o período previsto no Projeto Forte Orange. A ampliação das bases de dados de apoio à pesquisa no Laboratório de Arqueologia da UFPE ocorrida neste período conduziu a um maior enriquecimento de informações no que se refere ao sítio em questão. A participação nas atividades de laboratório e nos levantamentos dos dados textuais e iconográficos relativos a esta categoria

² O Contexto sistêmico consiste no contexto cotidiano da vida em movimento, diferentemente do arqueológico que é aquele que o arqueólogo encontra.

de material, também pode ser apontada como um dos fatores que contribuíram para a escolha e realização deste trabalho.

Estruturalmente, este trabalho foi concebido em dois capítulos, além da Introdução e das Considerações Finais. Inclui ainda os elementos pré e pós textuais, como Sumário, Lista de ilustrações e de Abreviatura, Resumo, Abstract, Apresentação, material gráfico e ilustrativo, e Referências. Um Apêndice constando dos tipos de faiança identificados no Forte Orange foi incluído no final do trabalho.

O Capítulo I apresenta, a nível introdutório, considerações sobre o processo de ocupação do litoral Nordeste do Brasil, a instalação do Forte Orange, localizado na Ilha de Itamaracá-PE, desde a estrutura holandesa até a estrutura que se encontra no local atualmente. Igualmente a nível introdutório, são apresentadas considerações sobre o ambiente físico e também humano no qual se encontra inserido o Forte. Algumas questões relativas às relações entre as condições do meio ambiente físico e o processo de implantação do Forte e a constituição e conservação deste sítio são também abordadas neste capítulo. No que se refere ao processo de constituição e conservação do sítio, algumas questões relativas ao ambiente, do ponto de vista humano foram ainda abordadas. Além da contextualização histórica e ambiental do forte, abordou-se neste capítulo a realização das escavações nos anos de 2002-2003, tendo em vista a contextualização arqueológica da faiança encontrada neste sítio. O objetivo deste capítulo consiste, portanto, em apresentar a contextualização histórica, ambiental e arqueológica na qual se insere o Forte Orange, de modo a conduzir à contextualização arqueológica do objeto de estudo específico deste trabalho: a faiança encontrada nas escavações realizadas no local.

O Capítulo II discute a potencialidade da faiança enquanto fonte de documentação material primária para o estudo de sociedades produtoras e/ou consumidoras desta categoria de material no período colonial. A faiança é abordada, em um primeiro momento, enquanto categoria de material arqueológico, transcendendo a faiança encontrada no Forte Orange. Em seguida, a nível de contextualização para o capítulo, foi incluído um breve histórico da faiança, desde o seu surgimento, introdução e dispersão na Europa. Um outro tema abordado neste capítulo consiste na avaliação da historiografia arqueológica, bem como a bibliografia de referência sobre esta categoria de material. Este capítulo inclui uma avaliação dos processos analíticos aplicados à faiança, por pesquisadores, grupos de pesquisa e instituições européias e americanas. E, finalmente, ainda neste capítulo, a caracterização da faiança encontrada nas escavações arqueológicas realizadas no Forte Orange. A finalização

deste capítulo foi dedicada especificamente à apresentação, como resultado da metodologia utilizada na abordagem do material, os tipos constituídos a partir da observação macroscópica da coloração e textura da pasta, motivo e padrão decorativo, coloração, textura e espessura da camada do banho que a peça recebeu e da decoração. Estes tipos representam qualitativamente a faiança encontrada no Forte, integrando assim sua Coleção de Referência³. Os tipos propriamente ditos estão apresentados sob a forma de um catálogo de imagem, que inclui uma breve descrição, e a identificação da origem e cronologia de produção, no Apêndice que segue no final do trabalho.

E, finalmente serão apresentadas as conclusões e considerações finais referentes à análise da faiança e à faiança do Forte Orange encerrando esta dissertação. Não inclui nenhuma proposta de análise, porém apresenta as reflexões que surgiram durante o desenvolvimento do trabalho e avalia os resultados da aplicação de uma tipologia com base nos critérios que foram definidos para a faiança encontrada na escavação do Forte.

Vale salientar, conforme já foi mencionado anteriormente, que, a nível conclusivo, não se pretendeu resolver os problemas enfrentados pelos estudiosos do tema ao se depararem com o seu material sobre a bancada de análise, esperando extrair dele informações que conduzam a uma ampliação do conhecimento relativo à sociedade em estudo. Pretendeu-se, no entanto, contribuir para uma melhor compreensão do cotidiano do Forte e se espera que a descrição e apresentação desta faiança possibilite a outros pesquisadores acessar este material, de modo a poder interrelacioná-lo com a faiança encontrada em suas escavações. O acesso à documentação material gerada a partir de uma pesquisa arqueológica, possibilitando um intercruzamento de informações entre trabalhos de pesquisadores diferentes, indubitavelmente enriquece o trabalho de todos, contribuindo assim para a ampliação e consolidação do conhecimento científico, no tocante ao tema que estiver em estudo. Levando, portanto, em consideração este pressuposto, acreditou-se poder contribuir para este avanço no conhecimento, no caso específico desta dissertação, no tocante à faiança e sua análise. Conseqüentemente, no que se refere à análise da faiança, espera-se que a avaliação dos critérios e procedimentos analíticos atualmente utilizados contribua para que esta categoria de material se torne mais acessível e comparável entre os pesquisadores. A comparabilidade entre os trabalhos seria um passo muito pequeno, mas ainda assim seria uma contribuição no sentido de se ampliar o conhecimento sobre o tema.

³ A Coleção de Referência consiste em um conjunto constituído por um representante para cada ocorrência, seja ela, técnica, morfológica, estilística, funcional, registrada no material arqueológico estudado.

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-AMBIENTAL

O contexto histórico-ambiental no qual se encontra inserido o Forte Orange interfere direta e indiretamente no processo de ocupação da área onde a estrutura foi implantada, na constituição do sítio arqueológico e em sua conservação. Sua compreensão é, portanto, fundamental para o entendimento do processo de ocupação do Forte desde sua construção até os dias atuais.

A necessidade de se inserir o Forte em seu contexto histórico ambiental requereu um levantamento e uma avaliação das possibilidades de sua interligação com o meio envolvente (ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V.; PESSOA, R., 2003).

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

1.1. A OCUPAÇÃO DAS TERRAS NO LITORAL NORDESTE DO BRASIL

A descoberta da América, pelos europeus, e conseqüentemente sua incorporação ao Sistema Mundial (WALLERSTEIN, 1974; ALBUQUERQUE, 1993) transformou o Mundo quinhentista, integrando-o em uma nova ordem de relações. Este novo sistema emergente se caracterizou pela interpenetração de fatores econômicos, étnicos, sociais e políticos. Complexas relações que se estabeleceram desde os primeiros contatos entre estes dois grandes sistemas culturais, o Europeu e o Americano, que até então coexistiam de forma independente, apresentaram “[...] forma diferenciada, com objetivos móveis ao longo dos séculos que o sucedeu, com estratégias específicas adotadas entre os diferentes subsistemas que interagiram” (ALBUQUERQUE, M., 1993, p. 101).

É neste contexto, a partir da implantação do sistema colonial português na América quinhentista, que se insere o processo de ocupação, exploração e colonização do território brasileiro por parte do colonizador europeu. Processo que sofreu significativas alterações ao longo do tempo. Objetivos, estratégias, conhecimento tecnológico, interesses, conhecimento e disponibilidade dos recursos locais interferiram direta ou indiretamente nas unidades funcionais implantadas, que, por sua vez deveriam apresentar elementos funcionais específicos.

O estudo das unidades funcionais coloniais, portanto, faz-se importante para uma melhor compreensão do processo de colonização do território brasileiro, tendo em vista não apenas os interesses econômicos e políticos que estimularam e direcionaram as estratégias portuguesas de defesa e ocupação de suas terras no Novo Mundo, bem como as diversas tentativas de ocupação e exploração das mesmas terras por outras nações européias.

A manutenção de seus territórios no continente americano se constituiu desde cedo em uma preocupação constante para Portugal e Espanha. As contínuas investidas do expansionismo francês, inglês, holandês, exigiam medidas enérgicas no sentido de impedir que outros sistemas incorporassem as terras que, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, lhes pertenciam.

Conforme se pode constatar em escritos da época, a costa brasileira era freqüentada e explorada, não somente por portugueses, mas também por ingleses, holandeses, espanhóis e, principalmente, franceses, desde os primeiros anos do século XVI.

A resposta portuguesa às investidas de outros povos europeus no sentido de explorar as terras americanas pertencentes à Portugal, de acordo com o Tratado de Tordesilhas consistiu no envio de expedições com a missão de patrulhamento da costa. Diversos fatores, no entanto, contribuíram para que as expedições se revelassem ineficazes em sua missão. Pois, “[...] considerando-se a dimensão da costa que pretendiam defender, o efetivo das expedições, a velocidade de deslocamento das naus, a freqüência com que retomavam, a ausência de equipamentos de rastreamento, etc., não seria possível, do ponto de vista operacional, o bloqueio de ações punctuais. A experiência demonstrou que, tão logo a expedição se afastava, os corsários voltavam a explorar os produtos da nova terra.” (ALBUQUERQUE, M., 1993, p. 104)

O fracasso das expedições “Guarda-Costa” requereu, portanto, da Coroa portuguesa o estabelecimento de uma nova estratégia de defesa para garantir a posse das terras no Novo Mundo. Adotou-se então a política de implantação de feitorias, iniciando assim a ocupação, ainda que punctual, das terras. Em 1516, na margem continental do Canal de Santa Cruz, foi estabelecida a Feitoria Régia de Pernambuco, ou Feitoria de Cristóvão Jacques, responsável por sua instalação.

A atuação punctual das feitorias, assim como das expedições de patrulhamento, revelou-se ineficiente para conter a ação de corsários. A estrutura das feitorias estabelecidas no Brasil

era precária, a despeito de sua concepção como entreposto comercial fortificado. Conforme ressaltam Albuquerque e Lucena, “[...] as feitorias instaladas no Brasil, não representavam estruturas efetivamente fortificadas, que pudessem defender-se com êxito, dos ataques dos corsários. Dispunham de poucos homens, e as armas eram insuficientes para fazer face aos ataques.” (ALBUQUERQUE; LUCENA, 1997, p. 19).

A ação dos corsários continuou ameaçando a posse das terras portuguesas no Novo Mundo. A presença francesa, principalmente, na costa do Nordeste foi tão intensa e ameaçadora que apressou a decisão real de efetivar a colonização do Brasil, adotando o sistema das capitanias hereditárias.

Com a instituição das capitanias e das sesmarias, as relações até então estabelecidas com a terra e com as populações nativas foram alteradas gerando conflitos. Aos donatários coube, entre outras obrigações, o povoamento e defesa da terra e a instalação de engenhos de açúcar, cujo produto se encontrava em ascensão no mercado.

No Nordeste do Brasil, a Capitania de Pernambuco concedida a Duarte Coelho, após ter superado os problemas com as populações nativas, se transformou em uma das mais florescentes da colônia. Pero Lopes de Souza recebeu a Capitania de Itamaracá, localizada mais ao norte, cujos limites com a Capitania de Pernambuco coincidiam praticamente com o local da Feitoria Régia, estabelecida na margem continental do atual Canal de Santa Cruz, antigo Rio Jussara, em 1516.

No Canal de Santa Cruz se identificou, desde o início do século XVI, um porto natural que logo se transformou em um importante ponto de escoamento de mercadorias para a Europa, com a instalação da Feitoria. O Principal acesso à Capitania, tanto para entrada quanto saída passou a ser realizado através do Porto de Pernambuco, como ficou conhecido. A movimentação na área sempre foi intensa, desde o início do século XVI até a retomada, pelos luso-brasileiros, das terras que haviam sido ocupadas pela Companhia das Índias Ocidentais, no século XVII.

A ocupação da Capitania da Pernambuco com a criação de vilas, descoberta de novos portos e o estabelecimento de engenhos não comprometeu a importância do Porto de Pernambuco. Ao norte da Capitania, numerosos rios que corriam por terras então ocupadas por engenhos de açúcar e canaviais, desaguavam no Canal de Santa Cruz transformando-o na principal via de acesso a essas unidades funcionais e às vilas e povoados da região. E o Porto manteve sua

importância, sendo o principal porto de escoamento do açúcar produzido nos engenhos do norte da Capitania.

No que se refere à Capitania de Itamaracá, mais especificamente à Ilha de Itamaracá, onde se estabeleceu a sede da Capitania, foi só no século XVII, com a ocupação da região pelos holandeses, que sua importância política e econômica apresentou maior relevância. É bem verdade que, desde o início do século XVI, Itamaracá se revelou estratégica e economicamente importante para a Coroa Portuguesa, tendo em vista a abundância de pau-brasil de qualidade reconhecidamente boa, além de outros produtos de interesse, e das favoráveis condições como fundeadouro aos navios que ali vinham se abastecer. Estes fatos e condições transformaram a área, e a Ilha em particular, em alvo intensivo de piratas e corsários de diferentes nacionalidades, constituindo, conseqüentemente, um grande problema e preocupação para Portugal, do ponto de vista defensivo. No entanto, o fato da Capitania de Itamaracá não ter se destacado até então se deveu a problemas de cunho administrativo. Esta Capitania esteve sempre entregue a representantes, nunca tendo sido realmente administrada diretamente por seu donatário. Esta situação contribuiu para que ela se tornasse cada vez mais dependente da Capitania de Pernambuco.

Após a tomada de Olinda e Recife, antes mesmo de ter concluído a conquista da Capitania de Pernambuco, a Companhia das Índias Ocidentais se empenhou em ampliar suas conquistas ao longo do litoral. Reconhecendo a importância estratégica e econômica do Canal de Santa Cruz e de seu entorno, direcionaram suas ações para a região. A primeira investida no sentido de tomar a Ilha de Itamaracá ocorreu em 1631, quando as tropas da Companhia tentaram conquistar a Vila da Conceição, então sede da Capitania de Itamaracá. Repelidos em seus ataques, montaram uma base em uma ilhota ao sul da Ilha, próximo à barra do Canal, onde construíram um pequeno forte. Foram então reforçando suas defesas na área até a construção de uma estrutura planejada a qual denominaram Forte Orange.

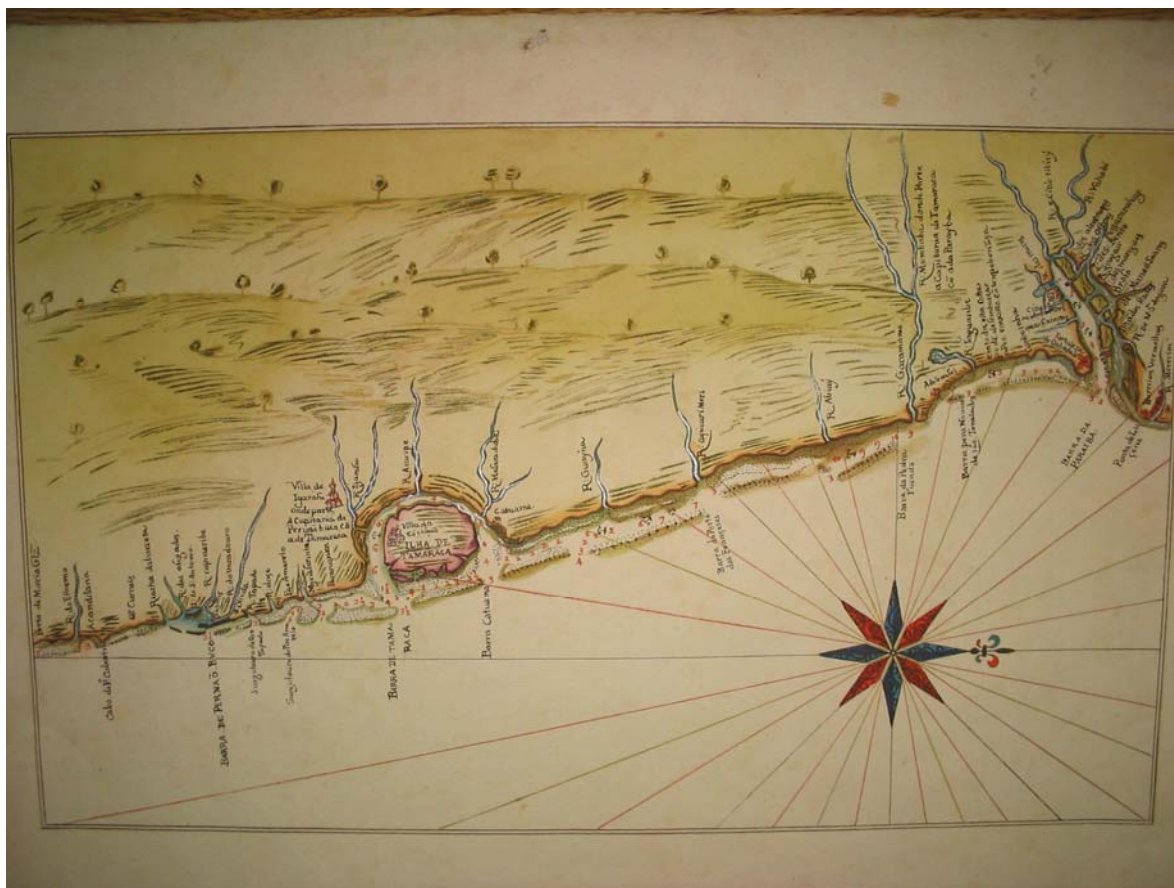


Ilustração 1 - Capitânicas de Pernambuco, Itamaracá e Parayba – Iconografia AHU.

Imagem do litoral das Capitânicas de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba. Esta iconografia portuguesa, posterior a 1585, apresenta informações úteis do ponto de vista da navegação, localizando rios, barras, portos e cotas. Os limites das capitânicas também se apresentam assinalados.



Ilustração 2 - Descrição da Barra de Tamaracá com os alojamentos do inimigo holandês, quando a tomou e fortificação da Villa, s/d. Biblioteca da Ajuda.

Iconografia com detalhe das estruturas, inclusive caminhos, existentes na Ilha de Itamaracá, após sua tomada pelas tropas da Companhia das Índias Ocidentais. O Forte Orange já se encontrava construído na ocasião deste registro.

No século XVII, durante o período de dominação holandesa no Nordeste do Brasil, a Ilha de Itamaracá floresceu, chegando a se transformar em um dos maiores exportadores de açúcar da época. Itamaracá chegou inclusive a ser cogitada para ser a sede administrativa e política do comando da Companhia das Índias Ocidentais nas terras conquistadas no Brasil, conforme se pode constatar na segunda parte do relatório de Carpentier:

(a) Pode ser bem fortificada; (b) tem boa água; (c) o terreno é produtivo; (d) há abundância de madeira para construções e lenha; (e) há boas pedras e cal; (f) o mar próximo é piscoso e na ilha podem ser criados alguns milhares de animais; (g) possui um bom porto com 16 a 17 pés d'água e é seguro e no qual os navios podem ser reparados, limpados e calafetados; (h) a ilha está situada a meio caminho das quatro capitanias conquistadas: Rio Grande, Paraíba, Pernambuco e Alagoas (Gonçalves de Mello, J.A. apud ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V.; PESSOA, R., 2003, P. 10).

A despeito das vantagens apresentadas e, sem dúvida, consideradas, a sede foi estabelecida na Ilha de Antonio Vaz, junto ao porto dos Arrecifes. Entretanto, Itamaracá se manteve alvo de interesse do comando da Companhia, uma vez que, além do reconhecimento das vantagens acima enumeradas, “[...] aquela área da costa representava, na realidade, o celeiro dos suprimentos alimentares para a própria Capitania de Pernambuco.” (ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V.; PESSOA, R., 2003, P. 10)

O declínio de Itamaracá ocorreu a partir das alterações político- administrativas impetradas pela Coroa Portuguesa após a retomada das terras antes ocupadas pela Companhia das Índias Ocidentais. No século XVIII, Itamaracá deixou de ser uma capitania e foi anexada, administrativamente, à então Comarca de Goiana entrando assim em franca decadência.

1.2. O FORTE ORANGE

Nos anos de 2002 e 2003, o Laboratório de Arqueologia da UFPE, sob a coordenação do Prof. Marcos Albuquerque, realizou escavações arqueológicas em uma unidade de defesa localizada na Ilha de Itamaracá-PE, próximo à barra do Canal de Santa Cruz: o Forte Orange.



Ilustração 3 – Escavação arqueológica do Forte Orange – Praça de Armas. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE, 2003.



Ilustração 4 - Escavação arqueológica do Forte Orange – Praça de Armas. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE, 2003.

A Praça de Armas do atual Forte Orange, Itamaracá-PE, foi praticamente escavada em sua totalidade. Paredes entre os cortes, que foram transformados em trincheiras, foram deixadas como testemunho da estratigrafia. As imagens panorâmicas do local, conforme se pode observar nas fotografias acima, revelam a dinâmica das escavações realizadas na segunda etapa de campo de Campanha Arqueológica realizada entre os anos e 2002 e 2003. Na imagem à esquerda, pode-se observar, ao fundo, a capela do Forte. À direita, o frontão da entrada do Forte pode ser visto, ao fundo.

As escavações realizadas na Praça de Armas, bem como no interior de dependência e em terrapleno do atual Forte Orange revelaram estruturas do forte holandês. Na Praça de Armas foram identificadas estruturas relacionadas aos alicerces dos quartéis, fragmentos de pisos em tijolo batido, casa de pólvora, poço de abastecimento d'água. Vestígio de piso foi também regatado no interior de dependência assim como parte da estrutura da casa de pólvora se encontra no interior da mesma dependência. Nos terraplenos foram resgatados trechos da muralha em terra e madeira, a porta de acesso e paredes do trânsito. Resgatou-se, então o Forte Orange, construído pelos holandeses na primeira metade do século XVII. Na área externa, foram trazidas à luz a berma da Fortaleza de Santa Cruz, a estrutura de um fosso e de um caminho coberto.

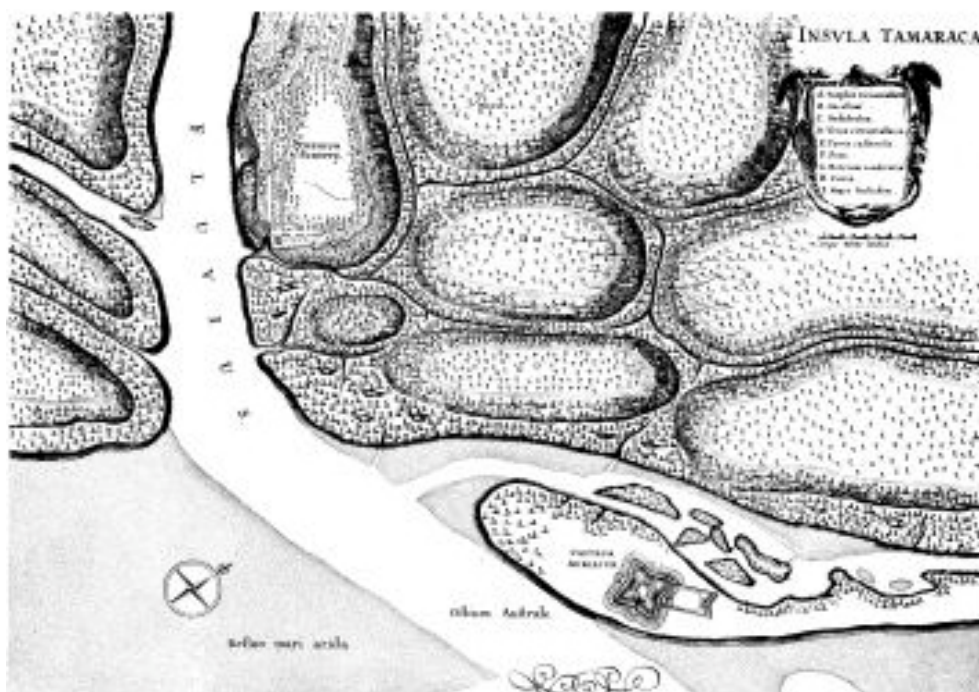


Ilustração 5 - Capitania de Itamaracá – Iconografia seiscentista, autor desconhecido - AHU

Na iconografia exibida na página anterior (Ilustração 5), pode-se ver o forte holandês localizado em um banco de areia ao sul da Ilha de Itamaracá, na entrada do Canal de Santa

Cruz. Abaixo, em um detalhe desta mesma iconografia (Ilustração 6), pode-se melhor observar o Forte Orange holandês: seu contorno, a distribuição dos quartéis na Praça de Armas e a entrada do Forte, além de um hornaveque⁴, ao lado.

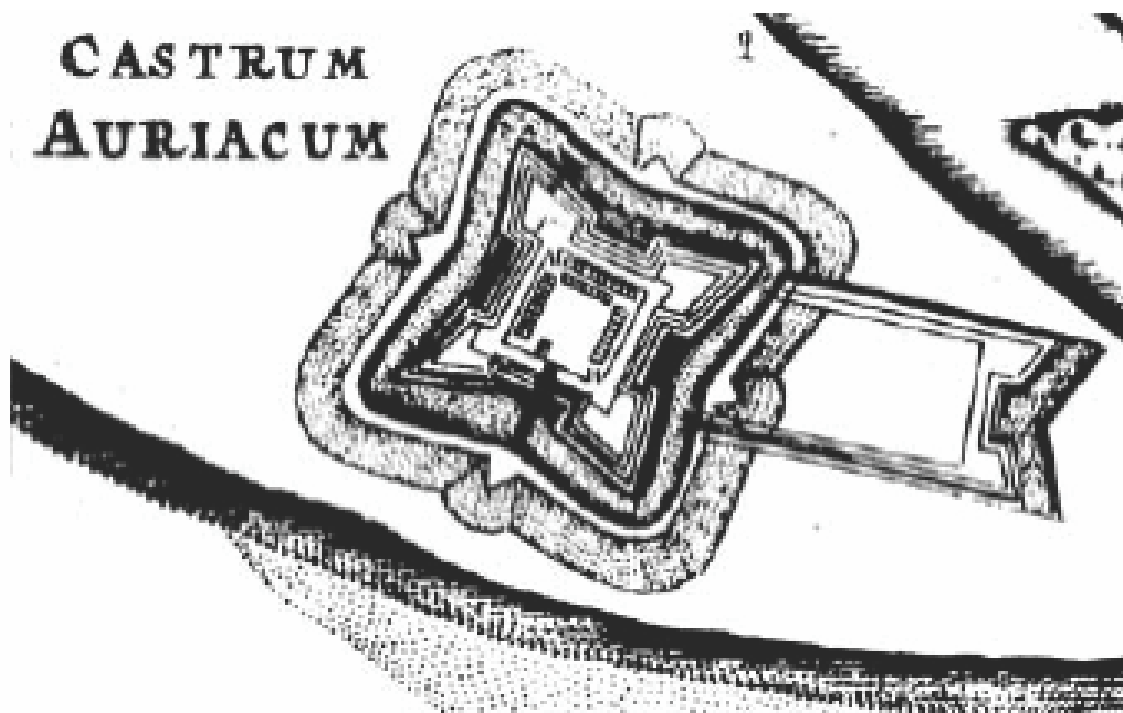


Ilustração 6 - Forte Orange – Detalhe de iconografia da Capitania de Itamaracá de autor seiscentista desconhecido - AHU

Na realidade, a fortificação que se encontra no local, conhecida sob esta denominação, é a Fortaleza de Santa Cruz. É conveniente esclarecer que a denominação Forte Orange corresponde originalmente ao forte holandês⁵ construído no local, em 1632. O atual Forte Orange, ou seja, a estrutura de defesa atualmente visível no local é uma construção portuguesa, da segunda metade do século XVIII. O forte holandês, conforme se comprovou durante as escavações, foi inicialmente ocupado pelos luso-brasileiros, após a saída dos holandeses de Pernambuco, em 1654. Sua estrutura foi, aos poucos, sendo substituída pela luso-brasileira que recebeu o nome de Fortaleza de Santa Cruz.

⁴ ALBUQUERQUE, Marcos. Op. cit., p. 55. Trata-se de iconografia encontrada em BARLEUS, Gaspar História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil. Rep. Fac-similar das gravuras que ilustram a 1ª edição de 1647. Recife: Ed. Fund. Cult. Cidade do Recife, 1980.

⁵ O termo **holandês** será empregado neste trabalho para se referir àqueles que vieram ao Brasil através da Companhia das Índias Ocidentais, durante o período de sua ocupação de territórios do atual Nordeste brasileiro. A utilização desta denominação se deve ao fato de ser largamente utilizado na historiografia brasileira.

Conforme planta abaixo (Ilustração 7), datada de 1763, a Fortaleza de Santa Cruz já havia substituído o Forte Orange, embora ainda não estivesse concluída a sua construção.

À estrutura física do Forte se associa sua organização interna, que, por sua vez se reflete em sua tralha.

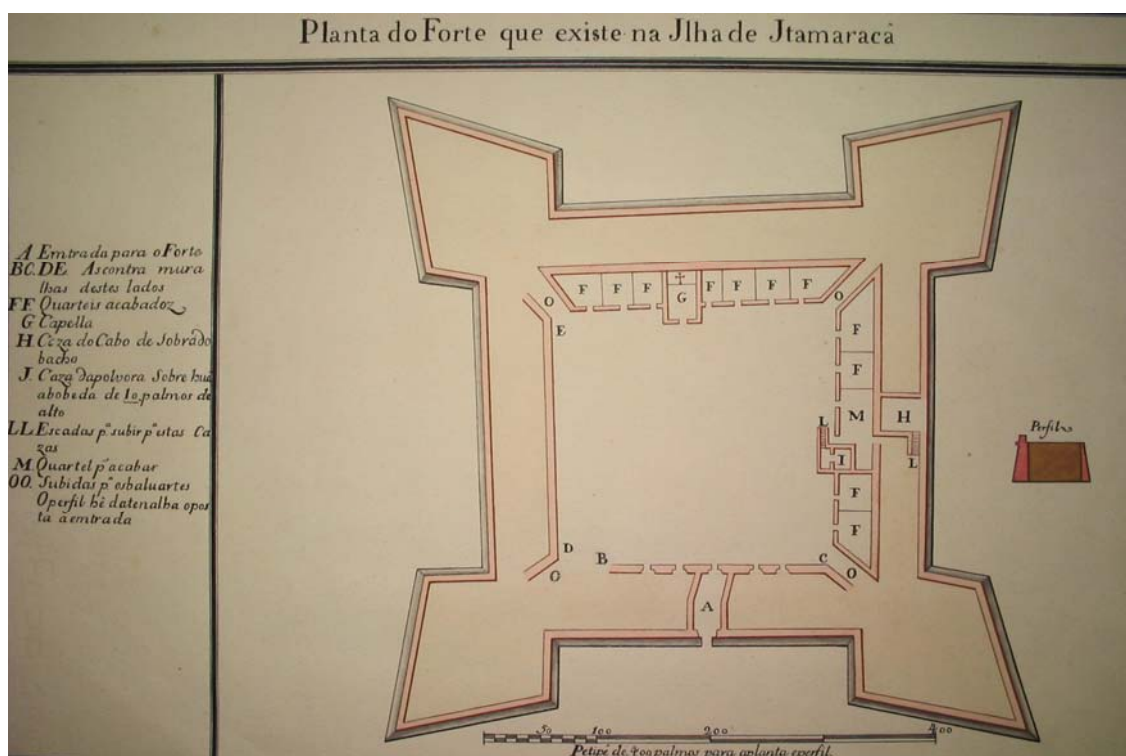


Ilustração 7- Planta do Forte que existe na Ilha de Itamaracá. Ano 1763. AHU

Espaços funcionais como a Casa de Pólvora (I) e a Casa do Cabo (H), do forte português, bem como seus acessos (L), que podem ser observados na planta ao lado (Ilustração 7) já não se encontram registrados em plantas posteriores, e tampouco correspondem à estrutura atual.

No caso da substituição do forte holandês pelo português, duas estruturas distintas, localizadas no mesmo espaço físico, receberam denominações diferentes. É importante observar que a troca de denominação de uma fortificação, na documentação histórica e iconográfica tem se revelado uma ocorrência freqüente, embora nem sempre esteja vinculada à troca de bandeira. É comum uma unidade de defesa estar, muitas vezes, referida na documentação textual e iconográfica sob distintas denominações. A ocorrência de variações no nome de uma determinada unidade se constitui em uma dificuldade para o pesquisador ao se dedicar a estudá-la textual ou materialmente. No caso do Forte Orange, a

denominação do forte holandês prevaleceu em detrimento da estrutura luso-brasileira que a precedeu, chegando até os dias atuais. É interessante observar, por exemplo, que a Fortaleza foi visitada por D. Pedro II, em 1859, a qual se referiu e descreveu, em seu diário, como Forte Orange. E vale ressaltar ainda que a estrutura foi tombada como Monumento Nacional, em 1938, sob esta denominação.



Ilustração 8 – Imagem de satélite do litoral norte do Estado de Pernambuco, mais especificamente do trecho sul da Ilha de Itamaracá. Google Earth (2010)

Localizado no litoral norte do Estado de Pernambuco, mas precisamente ao sul da Ilha de Itamaracá, próximo à barra do Canal de Santa Cruz, a estrutura do atual Forte Orange pode ser observada.

O trabalho arqueológico desenvolvido nesta unidade funcional vinculada ao sistema de defesa colonial abrangeu tanto a área interna quanto seu entorno e possibilitou a descoberta de inúmeras estruturas até então desconhecidas. Algumas destas estruturas remontam ao forte holandês, século XVII, enquanto que outras se relacionam com o forte luso-brasileiro, do século XVIII, permitindo a visualização do processo de construção do primeiro forte no local, sua tomada, ocupação e substituição pelos luso-brasileiros e suas transformações, ao

longo dos séculos até os dias atuais, incluindo momentos de abandono e arruinamento e de restauração.



Ilustração 9 - Cortina do Forte Orange em ruínas. Acervo fotográfico do IPHAN – Superintendência Regional em Pernambuco.



Ilustração 10 – Dependências sul do Forte de Orange em ruínas. Acervo fotográfico do IPHAN – Superintendência Regional em Pernambuco.

O estado de arruinamento do Forte Orange foi registrado em diversos momentos, em plantas, documentos textuais e fotografias. A deterioração de trechos da muralha e de quartéis documentados nos registros fotográficos acima reflete um dos momentos de abandono pelos quais o Forte passou no século XX. Este documentário foi produzido antes da execução de uma campanha arqueológica realizada no local pelo Laboratório de Arqueologia da UFPE, sob a coordenação do Prof. Marcos Albuquerque em 1971, precedendo uma restauração da estrutura.

Conforme Albuquerque, a partir de seu tombamento, em 1938, o Forte

[...] foi alvo da atenção de projetos e ações de restauração, como a realizada nos anos 70. Mais recentemente, um novo projeto de restauração do Forte Orange foi proposto buscando aliar a preservação do patrimônio ao seu uso auto-sustentável através de uma política de implantação de novas tecnologias com a garantia de preservação das características do conjunto arquitetônico. (ALBUQUERQUE, M., 2007, p. 51).

Antecedendo a elaboração de um projeto de restauração, escavações arqueológicas foram realizadas tendo em vista fornecer elementos concretos para a restauração. Um dos objetivos da escavação arqueológica consistiu na localização da estrutura holandesa seiscentista. Até então, não se dispunha de qualquer informação material referente ao forte holandês, não se tendo conhecimento de como havia sido a estrutura ou o que restava dela. Tampouco se dispunha de elementos que confirmassem que o forte atual havia sido construído no mesmo local holandês. A documentação textual e iconográfica que se dispunha carecia de maior precisão, deixando lacunas e dúvidas que só a pesquisa arqueológica poderia resolver.

Naturalmente o trabalho arqueológico realizado no atual Forte Orange e seu entorno foi antecedido pelo levantamento e estudo das fontes textuais e iconográficas. Os procedimentos de campo incluíram, além das escavações sistemáticas, a utilização de práticas não invasivas, como foi o caso da “prospecção geofísica, aplicada na busca de estruturas externas de defesa” (ALBUQUERQUE, M., 2007, p.51). As técnicas utilizadas variaram em função das características do terreno e das expectativas que se tinha em relação ao trecho a ser escavado, conforme expõe Albuquerque (Ibidem).

Um dos primeiros passos no planejamento das escavações realizadas no atual Forte Orange, localizado na Ilha de Itamaracá consistiu na identificação dos espaços funcionais e trechos

da estrutura construtiva antes da marcação dos cortes programados para serem escavados em 2002 e 2003.

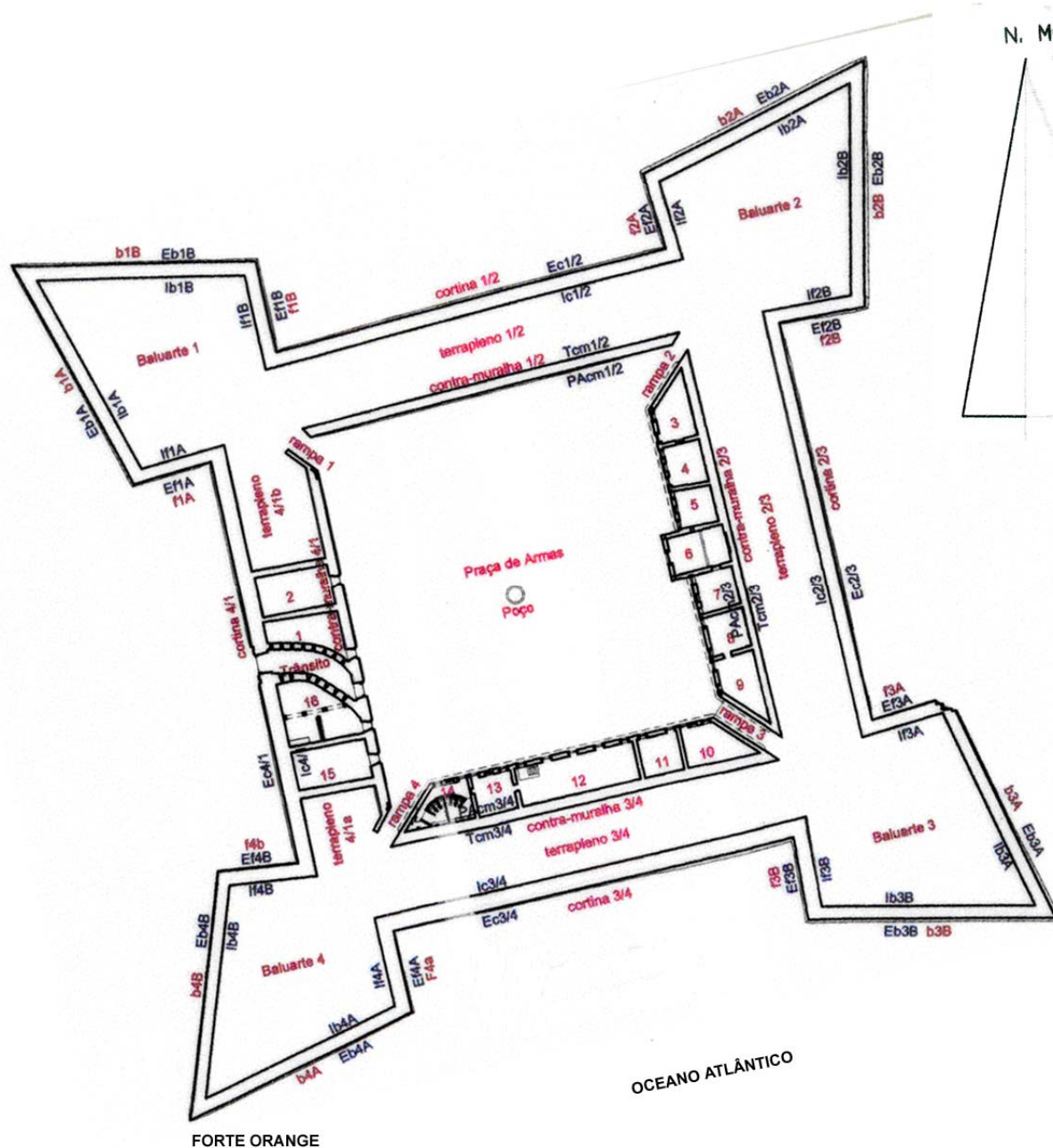


Ilustração 11 – Planta do atual Forte Orange, Itamaracá-PE. Laboratório de Arqueologia da UFPE, 2001.

O resultado das escavações arqueológicas realizadas no Forte Orange excedeu as expectativas, revelando diversas estruturas, correspondentes a distintos momentos de ocupação do espaço. Não apenas se confirmou ter sido a construção do atual Forte Orange

no mesmo espaço em que, no século XVII foi erguido o holandês, como se teve a oportunidade de se resgatar informações de como estava estruturado. A partir do trabalho arqueológico, pôde-se resgatar estruturas, tanto holandesas quanto luso brasileiras, que revelam o processo de ocupação da área, desde o século XVII até o século XXI. Foram resgatados dados relativos ao processo de ocupação e transformação dos espaços em função de necessidades, concepções, disponibilidades e conhecimento técnico de cada momento. Dados esses que, associados àqueles extraídos dos artefatos móveis, ou seja, objetos de uso cotidiano ou eventual, resgatados durante as escavações, se transformaram em informações a respeito do processo de ocupação do Forte e seu entorno ao longo dos séculos, a partir da primeira ocupação efetiva do espaço pelos europeus.

A localização das primeiras estruturas construtivas durante as escavações realizadas no Forte Orange conduziu a sobreposição de uma planta atual com a estrutura registrada (traços coloridos, finos e contínuos) sobre uma planta do forte holandês (tracejado, mais escuro), buscando-se possíveis correspondências.

Nesta experiência, considerando os problemas de escala da planta antiga, buscou-se ajustar as estruturas.

Do ponto de vista construtivo, a estrutura mais antiga resgatada durante as escavações realizadas no Forte consistiu em uma grande trincheira que se acredita ter sido construída pelos primeiros holandeses a se estabelecerem no local, tendo em vista garantir sua defesa contra ataques das forças da Vila da Conceição.

Uma outra estrutura do período inicial de ocupação do espaço pelos holandeses foi também identificada. Tratava-se possivelmente de um alojamento. Resgatou-se enfim, o Forte Orange do período holandês.

A sobreposição de plantas possibilitou uma melhor avaliação das estruturas que vinham sendo encontradas, bem como uma melhor avaliação do processo de implantação do forte holandês e sua gradativa substituição pela Fortaleza de Santa Cruz.

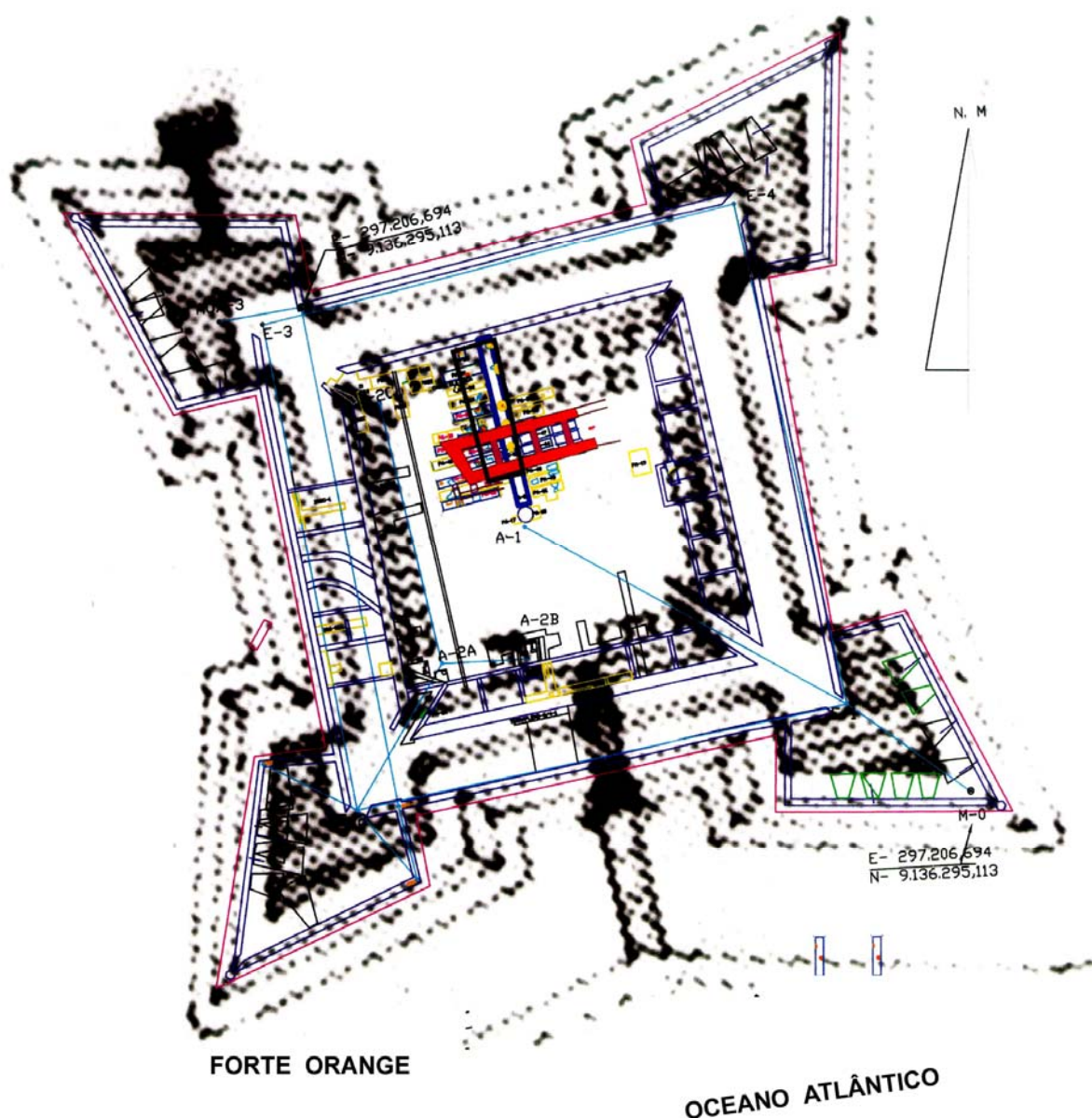


Ilustração 12 – Sobreposição de plantas realizada durante os trabalhos de escavações arqueológicas. Laboratório de Arqueologia da UPFE, 2002.

Evidências dos alicerces das dependências internas do Forte Orange holandês foram localizadas no interior da Praça de Armas do Forte atual. Estas estruturas estão bastante definidas na estratigrafia, com presença de pedras em sua base. Entre as valas dos alicerces foram encontrados fragmentos de piso em tijolo batido.

As marcas deixadas pelos alicerces dos quartéis do Forte holandês na estratigrafia podem ser perfeitamente identificadas abaixo, em perfil (Ilustração 13) e em planta (Ilustração 14), no

interior da Praça de Armas, podendo-se observar a presença de pedras em sua base (Ilustração 14).



Ilustração 13 – Vala do alicerce de possível alojamento do Forte Orange holandês, em perfil. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.



Ilustração 14- Base da vala do alicerce de possível alojamento do Forte Orange holandês. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Uma estrutura em alvenaria de tijolo batido, com as paredes reforçadas externamente por um revestimento em pedra foi também revelada durante as escavações, tendo sido identificada como sendo um depósito para armazenamento de pólvora.

A Casa de Pólvora, do período de ocupação holandesa do Forte holandês foi localizada durante as escavações realizadas em 2002. Sua estrutura foi dividida em duas partes durante a construção das dependências sul do atual Forte Orange, quando esta casa de pólvora já havia sido desativada.



Uma parte da estrutura que funcionou como depósito para o armazenamento de pólvora, pode ser observada na Praça de Armas, conforme imagem ao lado, enquanto que a outra parte se encontra no interior de uma dependência do Forte português.

Ilustração 15 – Casa de Pólvora do Forte Orange holandês. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE, 2002.

Outra estrutura do forte holandês descoberta nas escavações foi um poço revestido por um barril, sem topo e sem fundo, que garantia o abastecimento de água potável no interior da fortificação. As muralhas em terra foram também resgatadas.

A escavação arqueológica do Forte Orange permitiu ainda conhecer-se a estrutura das muralhas holandesas, erguidas em terra, entremeada de ramagens. Foi possível também reconstituir-se a extensão e altura daquelas muralhas, cujos parapeitos eram reforçados por uma estrutura em madeira. (ALBUQUERQUE, M., 2007, p.52)

A escavação do terrapleno sul do atual Forte Orange (Ilustração 16) também revelou estruturas do forte holandês: sua muralha em terra e madeira e sua entrada, voltada para o Canal de Santa Cruz. A estrutura apresentava paredes em alvenaria de tijolo batido e cal, reforçada, com soleira e portal em pedra. Este acesso havia sido entaipado antes de sua destruição, confirmando a utilização da estrutura holandesa pelos luso brasileiros

anteriormente à construção da Fortaleza de Santa Cruz, na segunda metade do século XVII. O entaipamento da entrada do forte holandês por dentro pode ser observado na Ilustração 17, cuja imagem foi realizada a partir da área externa para a interna. O desgaste da soleira também pode ser percebido nesta imagem.



Ilustração 16 – Escavação da porta do forte holandês no terraço sul do atual Forte Orange. Acervo do Laboratório de arqueologia da UFPE, 2003.



Ilustração 17 – Detalhe da porta do Forte de Orange holandês. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE, 2003.

Na área externa, outras estruturas em pedra foram ainda registradas durante as escavações. Revelou-se a berma da Fortaleza de Santa Cruz; uma estrutura de defesa e contenção contra a ação das águas que ameaçavam o Forte; e uma outra estrutura de defesa militar que limitava externamente o fosso, no lado do Canal.

Conforme ressalta Albuquerque,

É importante observar que os resultados obtidos na escavação do Forte Orange não se restringem apenas ao conhecimento daquele forte, mas que trazem novas perspectivas para o conhecimento acerca das estruturas de defesa holandesas no Brasil. (ALBUQUERQUE, Marcos. Op. cit., p. 55)

As escavações permitiram ainda o resgate de um conjunto significativamente expressivo do ponto de vista qualitativo e quantitativo de artefatos e fragmentos de artefatos, representantes de distintos contextos temporais e funcionais. Estes vestígios refletem as atividades diárias dos ocupantes do Forte, bem como suas relações internas e externas, inclusive com o “além-mar”:

Um acervo que reúne tanto peças do sistema de defesa propriamente dito, como armas brancas e de fogo, munições, palamentas, etc., quanto peças do cotidiano ‘doméstico’ das tropas, representado pela louça e tralha de cozinha. Moedas perdidas e talvez escondidas (conjunto de moedas reunido) que abrangem desde as primeiras décadas do século XVII ao século XIX. (Ibidem, p.54).

2. CONTEXTUALIZAÇÃO AMBIENTAL

A compreensão do contexto ambiental, tanto do ponto de vista físico quanto humano, no qual se encontra inserido o Forte Orange, é fundamental para o resgate e entendimento de seu contexto sistêmico.

No que se refere ao ambiente físico, convém salientar que, muito embora não seja necessariamente determinante no processo de fixação de uma população em uma determinada área, pode representar limitações. Limitações estas que podem ser culturalmente contornadas. Inegavelmente, o conhecimento e domínio tecnológico, associados a condições ambientais interferem direta ou indiretamente no sucesso ou fracasso de uma determinada ocupação. É bem verdade que, além das condições ambientais propriamente ditas, diversos outros fatores interferem na escolha e ocupação de uma área. Deve-se levar em consideração, por exemplo, a lógica operacional do grupo em estudo, que

inclui a concepção de estratégias de defesa, os objetivos e necessidades, bem como os recursos disponíveis de origem interna, local ou externa. A disponibilidade de recursos naturais, locais, por exemplo, fornecido pelo ambiente físico, para construção, alimentação, defesa, pesam sobremaneira nas escolhas que o grupo faz ao se estabelecer em uma determinada área.

Além dos fatores que interferem na escolha e decisões do grupo social ao se estabelecer em um espaço geográfico, é imprescindível que se avaliem também as repercussões das ações humanas, intencionais ou não, sobre o ambiente de uma forma ampla, ao longo do tempo. O resgate e a compreensão destas relações não apenas são fundamentais para o entendimento da sociedade em estudo em seu contexto sistêmico, bem como em seu contexto arqueológico.

No caso específico do Forte Orange, o estudo das relações entre os ocupantes do Forte e o meio ambiente físico e social coevo contribui para o entendimento de seu cotidiano, ou seja, de seu contexto sistêmico (ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V.; PESSOA, R., 2003, p. 4). De modo análogo, o contexto ambiental físico e humano no qual se insere o Forte, interfere também em seu estado de conservação.

Algumas considerações gerais a respeito do meio ambiente no qual se encontra inserido o Forte Orange, do ponto de vista fisiográfico, merecem ser levantadas.

O Forte foi construído na Ilha de Itamaracá, localizada no litoral norte do Estado de Pernambuco. A Ilha, assim como a parte continental este trecho do litoral pernambucano, apresenta fácies diferenciados e que se interpenetram (Ibidem). São diferentes ecossistemas com os quais os ocupantes do Forte interagiram diferentemente ao longo do tempo; ambientes distintos que interferiram direta ou indiretamente não apenas sobre a ação e reação dos ocupantes do Forte e da comunidade em seu entorno e com a qual se interrelacionava, mas também sobre a sua estrutura construtiva.

Na aerofoto abaixo (Ilustração 18), de 1998, é possível observar a paisagem na qual se encontra inserido o atual Forte Orange, podendo-se, então, avaliar o processo de urbanização no entorno do Forte. Conforme se pode observar, os limites entre as feições geoambientais foram assinaladas em linha contínua na cor azul.



Ilustração 18 - Aerofoto Fx 109-034 (1998) modificada por Albuquerque, Lucena & Pessoa (2003).

Uma questão que não se pode deixar de considerar se refere ao fato de que os ecossistemas com os quais os ocupantes do Forte interagiram sofreram interferências diretas ou indiretas do processo de ocupação da Ilha e do continente, ao longo dos séculos. Portanto, em alguns aspectos, o ambiente não mais se assemelha com aquele encontrado por ocasião da implantação do Forte, em 1631. Por outro lado, inferências podem ser feitas no tocante à reconstituição ambiental da Ilha em suas diferentes fáceis e suas alterações desde os anos de

1600 até os dias atuais. Informações estas fundamentais para a compreensão do contexto sistêmico do Forte Orange holandês e do luso-brasileiro.

2.1. GEOLOGIA- GEOMORFOLOGIA

A inserção do Forte Orange em seu meio fisiográfico requer, inicialmente, o reconhecimento do processo de formação e da configuração deste ambiente, do ponto de vista geológico e geomorfológico.

Geomorfológicamente o Forte foi construído em uma área arenosa, baixa, característica de um terraço marinho quaternário, cujas cotas variam em torno dos 2m de altitude acima do nível médio atual das marés. Apesar das alterações físicas promovidas ou acentuadas e aceleradas, no local, em função, principalmente, da ação humana, o contexto ambiental mais restrito no qual se insere o Forte não sofreu alterações significativas do ponto de vista geomorfológico. O mesmo não se pode afirmar no que se refere a uma área mais ampla, como é o caso da Ilha de Itamaracá, como um todo, onde alterações mais evidentes podem ser observadas a partir de aterros e retiradas de sedimento dos morros, por exemplo, realizados sobretudo a partir dos anos de 1970, intensificando-se a partir de então.

O melhor entendimento do Forte, em seu contexto ambiental, no entanto, não prescinde de uma ampliação da área a ser considerada, tendo em vista a interação dos ocupantes do Forte com uma área maior, apresentando uma diversidade de ecossistemas.

Assim, convém avaliar a formação e configuração ambiental da Ilha de Itamaracá, que surgiu a partir de um desmembramento do continente em função de uma falha existente.

A Ilha é formada por áreas baixas, arenosas e áreas de relevo pouco acidentado, com elevações que oscilam entre 60 e 30m de altitude, com topos planos, característicos dos tabuleiros modelados na formação sedimentar, argilosa, integrante do Grupo Barreiras. As áreas baixas são constituídas por terraços marinhos e várzeas, apresentando trechos alagadiços e ocorrência de dunas. Os terraços marinhos, caracterizados por depósitos sedimentares arenosos, existentes ao longo do litoral, configuram o que se denomina geomorfológicamente de Planície Costeira.

Na área de interesse específico deste trabalho, o terraço marinho domina toda a borda leste e sul da Ilha, sendo limitado abruptamente pelas elevações da Formação Barreiras. Sobrepondo-se ao terraço, ou interpondo-se entre o terraço e os sedimentos de Barreiras, encontram-se áreas de várzea ou depósitos aluviais. Sobrepondo-se ainda ao material arenoso do terraço, há pequenas elevações mais próximas do litoral que são formações dunares. (ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V.; PESSOA, R., 2003). No que se refere às elevações sedimentares do Grupo Barreiras, estas dominam praticamente todo o interior da Ilha. Destaca-se o Morro da Baliza, como sendo o ponto culminante, em torno dos 35m, destacando-se ainda o Morro do Giz, dos Franceses, atualmente conhecido como Morro das Trincheiras, além daquele onde se implantou a Vila da Conceição, atual Vila Velha.

A cada configuração geomorfológica do ambiente, corresponde a formação de um ecossistema cujas particularidades que lhes são inerentes interferiram sobremaneira no processo de ocupação do Forte, desde a escolha do local para sua implantação. Os recursos ou obstáculos do ponto de vista estratégico e de defesa foram, sem dúvida, ponderados no momento da escolha do local para a sua construção, respaldados, no entanto, pela concepção dos seus construtores e comandantes, no que se refere ao que seria apropriado no que se refere a uma unidade funcional desta categoria. Os recursos ambientais no tocante à matéria prima necessária à construção e ao bom funcionamento da unidade foram igualmente considerados pelos construtores e ocupantes do Forte.

No que concerne aos recursos geológicos, os construtores e ocupantes do Forte dispuseram sempre de calcário, argila e areia em abundância para suas construções. As fontes de argila, além de se constituir em uma fonte de matéria prima para construção, para manufatura de recipientes. Albuquerque e Lucena (2003) apontam a formação geológica sedimentar areno/argilosa como provável fonte de matéria prima para a construção do primeiro forte holandês na Ilha de Itamaracá, cujas muralhas, em terra, foram encontradas durante a realização da segunda Campanha Arqueológica do Projeto Forte Orange (2002-2003).

2.2. CLIMA

As condições climáticas e sua amplitude interferem sobremaneira na manutenção de um ecossistema. Além da ação direta que exerce sobre o modelado da superfície, o fator

climático age diretamente sobre o seu regime hidrológico e recobrimento vegetal, afetando também a distribuição faunística nos diversos ambientes constituídos. (LUCENA, 1989).

No que se refere à ocupação humana, fatores como temperatura, umidade relativa do ar, regime de chuvas e também dos ventos, considerando variações sazonais ou amplitude diária, no caso, dia/noite, afetam consideravelmente a identificação do ambiente propício ou adverso para um assentamento. As condições geradas a partir da conjugação dos fatores climáticos, associados às condições geomorfológicas, hidrológicas, vegetacionais e faunísticas, além, sem dúvida, dos conceitos e comportamentos culturalmente determinados, serão decisivos na escolha e ocupação de um determinado espaço fisiográfico.

Vale ainda ressaltar a interferência dos fatores climáticos no processo de constituição, alteração e conservação do registro arqueológico.

Considerando, portanto, a importância das condições climáticas para um melhor entendimento do processo de ocupação de um espaço fisiográfico, fez-se necessária uma breve caracterização da Ilha de Itamaracá do ponto de vista climático.

A despeito dos diferentes ecossistemas identificados na Ilha, os fatores climáticos não apresentam variações significativas ou grandes amplitudes. Em linhas gerais, o clima na Ilha pode ser classificado como “As”, ou seja, clima tropical, quente e úmido, conforme a classificação de Köppen, 1900 (Barthel, 2007: 14). A temperatura média registrada na Ilha varia aproximadamente entre 24 e 27 graus Centígrados e a umidade relativa do ar em torno de 95%. O índice pluviométrico anual, de acordo com os dados do CONDEPE/FIDEM – Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco, varia de 1.250mm a 2.300mm (Ibidem).

2.3. HIDROLOGIA

A rede hidrográfica é mais um componente do contexto ambiental fundamental para o entendimento do processo de ocupação de determinado espaço. A avaliação dos recursos hídricos no entorno do Forte Orange, contribui, sem dúvida para que se alcance um melhor entendimento do processo de ocupação da área, interferindo desde a escolha do local para a instalação desta unidade de defesa, no século XVII até os dias atuais.

Os recursos hídricos disponíveis em uma determinada área propiciam desde o abastecimento de água para manutenção de uma população, quer seja animal, incluindo a humana, quer seja vegetal, ao fornecimento de vias de acesso e interligação entre áreas distantes. Além de se constituir em vias de acesso, os cursos d'água podem também representar obstáculos que precisam ser transpostos ou contornados.

As populações animais e vegetais que se fixam ao longo ou no entorno de um curso d'água ou mesmo de uma fonte represada, tipo uma lagoa, por exemplo, constituem um ecossistema que apresenta características específicas e particulares.

Uma avaliação da rede hidrográfica que se apresenta na área, considerando as correntes e paragens marítimas; identificação de estuários fluviais e suas capacidades e possibilidades de se tornarem corredores de interiorização, bem como a identificação de portos e ancoradouros, suas configurações de fundo e canais de acesso, (Medeiros, 2001), possibilitará a elaboração de inferências a respeito dessas condições ao longo de todo o período estudado.

O movimento de fluxo e refluxo das marés interfere diretamente sobre a ocupação dos espaços, promovendo, em primeiro lugar, condições propícias à fixação e desenvolvimento de uma espécie de mangue e todo um ecossistema a ela associado. Outras interferências diretas podem ser apontadas, dentre as quais, pode-se apontar desvios de caminhos e inviabilização, via de regra, à ocupação do espaço sujeito a inundações periódicas com a construção de estruturas.

No caso de uma estrutura externa de defesa, como é o caso de um fosso, esta movimentação de um curso d'água pode ser bastante útil, considerando, por exemplo, a remoção de dejetos. Convém lembrar nesta oportunidade que, no Forte Orange, conforme se observou em planta existente, a sentina se apresentava sobre a muralha, projetada sobre o fosso, prática comum ao longo de séculos.

A dimensão desta movimentação das águas em função da maré pode ser observada nas imagens do riacho que forma a “ilhota” na qual foi construído o Forte Orange em dois momentos distintos do mesmo dia: na baixa (Ilustração 19) e na préa-mar (Ilustração 20).



Ilustração 19 – Riacho que forma a “ilha” onde foi construído o Forte de Orange, na baixa-mar. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.



Ilustração 20– Riacho que forma a “ilha” onde foi construído o Forte Orange, na préa-mar. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

Estudos estratigráficos realizados através de sondagens mecânicas e manuais na Ilha de Itamaracá e particularmente no entorno do Forte Orange, associados ao estudo de descrições textuais, documentos iconográficos e aerofotocartas, possibilitaram o mapeamento da rede hídrica local e suas alterações, ao longo dos séculos, desde o século XVII até o século XXI.



Ilustração 21 – Sondagem estratigráfica mecânica na Ilha de Itamaracá. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.



Ilustração 22- Sondagem estratigráfica manual na Ilha de Itamaracá. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

Sondagens da estratigrafia na Ilha de Itamaracá, mais especificamente no entorno do Forte Orange, permitiu a identificação de áreas onde houve ocupação dos mangues, como se pode verificar na imagem acima.

Separada do continente pelo Canal de Santa Cruz, a Ilha de Itamaracá apresenta abundância de água, tanto de superfície quanto subterrânea. A rede hídrica de superfície da Ilha é constituída por rios perenes, como o Jaguaribe, o Maceió e o Paripe; e apresenta várias lagoas de água doce, como é o caso da Lagoa do Pai Tomé e a Lagoa do Caboclo. Uma outra fonte de água doce perene que merece menção é a Bica do Bom Jesus. Pequenos riachos, quase sempre secos, correndo apenas por ocasião das chuvas fortes, e recebendo alguma água nas marés de sizígia foram também registrados na Ilha. Os trechos de água salobra, permanentemente alagados ou alagados na maré alta, ainda podem ser observados, muito embora ocupem, atualmente, uma área reduzida em relação àquela que ocupavam nos séculos XVII, XVIII, XIX e mesmo início do século XX. Conforme observa Barthel (2007, p. 14), a Ilha de Itamaracá “concentra 38,1% das micro-bacias litorâneas da área Norte do estado de Pernambuco.”

Já no século XVII, quando o comando da Companhia das Índias Ocidentais avaliava as condições das áreas conquistadas visando o estabelecimento de sua sede político administrativa, os recursos hídricos da Ilha levantados entre as vantagens que se disporia caso a sede fosse instalada na Ilha: “[...] (b) tem boa água; [...]; (f) o mar próximo é piscoso [...]; (g) possui um bom porto com 16 a 17 pés d'água e é seguro e no qual os navios podem ser reparados, limpados e calafetados” (GONÇALVES DE MELLO, APUD ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V.; PESSOA, R., 2003:10).

Os recursos hídricos da Ilha desde antes da chegada dos europeus dispunham de fontes de água potável, diversidade de fontes de alimentação em função da fauna fluvial, marinha e flúvio marinha existente em seus alagados e cursos d'água e também terrestre (incluindo, neste caso, as aves), que acorre a essas fontes em busca de água ou comida. Estes recursos foram reconhecidos pelos primeiros europeus que transitaram pela Ilha antes mesmo de qualquer ação de ocupação mais efetiva. Com o processo de ocupação da Ilha as fontes d'água disponíveis foram também aproveitadas para a manutenção de criatórios, inclusive de peixes. Os movimentos de fluxo e refluxo da maré propicia ainda a exploração de salinas na área.

Além dos recursos alimentares, a rede hídrica existente na Ilha consistiu em vias de acesso ou interligação entre áreas distantes. Sua distribuição no interior da Ilha, bem como sua conexão com o Canal de Santa Cruz e com o Oceano Atlântico, apresentando condições de navegabilidade e de aportagem foram fatores que contribuíram para o movimento que se

estabeleceu na área nos primeiros anos do século XVI e, posteriormente, para o processo de ocupação da Ilha.

O Forte Orange foi construído em uma faixa de terra firme, pouco mais que um banco de areia elevado pela ação eólica, entre um maceió e o Canal de Santa Cruz. Pode-se descrever a área como uma micro ilha, ou, como descrevem Marcos Albuquerque, Veleza Lucena e Ricardo Pessoa (2003:49), “praticamente uma pequena duna a beira d’água”. A área que correspondia, no século XVII, a este banco de areia sobre o qual foi implantado o Forte era mais ampla. No local, os trechos do terreno onde atualmente se constata a presença do sedimento vermelho areno argiloso do Barreiras é fruto de aterros realizados tendo em vista o empreendimento imobiliário.

As alterações da paisagem que resultaram no desaparecimento de áreas alagadas e todo o conjunto de elementos biológicos e geomorfológicos que configuravam um ambiente caracterizado pelo domínio vegetacional dos mangues deveu-se principalmente ao processo imobiliário que tomou vulto na área na segunda metade do século XX.

O empreendimento imobiliário gerou a necessidade de se aterrar os alagados ampliando assim as áreas de terra firme. Muitas das áreas alagadas ou alagáveis foram aterradas com sedimento da Formação barreira, mais também com os sedimentos arenosos de pequenas dunas. Além dos aterros promovidos intencionalmente pela ação humana, algumas áreas sofreram assoreamento ou aterros naturais, por ação dos ventos, das chuvas, ou até mesmo das correntes marinhas. A ocorrência de variação nos limites entre as terras firmes e os alagados é um processo natural, tendo sido observada durante os levantamentos estratigráficos que foram realizados na Ilha, como estudos paralelos e complementares por ocasião da escavação do Forte Orange em 2003. Em alguns casos o processo sofreu uma ação humana indireta e não intencional, como por exemplo, a remoção da vegetação em uma encosta, propicia o carreamento de sedimentos, que se acumulam na parte baixa. Em se tratando de uma área alagada, haverá um assoreamento que poderá resultar em um aterro que o elimine.

Nas áreas aterradas para construção das casas de veraneio na Ilha de Itamaracá, o terreno se apresenta muitas vezes saturado, podendo-se ver trecho alagados como na imagem abaixo. Em alguns trechos da Ilha, os aterros elevaram o terreno em até 2,5 metros.



Ilustração 23 – Área de loteamento na Ilha de Itamaracá, ocupada com casas de veraneio. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

O processo de alteração da malha hidrográfica existente na Ilha de Itamaracá e no entorno do Forte Orange, mais especificamente, se apresenta bem documentado na cartografia e iconografia da área desde o início do período colonial. Este processo está também bem retratado nas fotografias aéreas consultadas, tendo sido comprovado durante as sondagens estratigráficas realizadas por Albuquerque, Lucena e Pessoa (2003).

2.4. VEGETAÇÃO

O estudo ambiental do ponto de vista físico, mais especificamente no que se refere à vegetação, é de fundamental importância para o processo de ocupação de uma determinada área. Muito embora a implantação de uma vegetação em uma área dependa das condições geológicas, geomorfológicas, climáticas e hidrológicas que esta área oferece, sua interação com estes outros aspectos da fisiografia constitui um ecossistema ao qual se associa uma fauna específica. Conseqüentemente, o entendimento de uma população humana depende de sua inserção no contexto ambiental e a vegetação, assim como todos os outros componentes deste contexto, tem um papel importante neste processo.

No caso da vegetação, a interferência ambiental no que se refere ao processo de ocupação de determinada área por um determinado grupo humano consiste no fornecimento direto e

indireto de recursos alimentares, abrigo, defesa, material de construção, transporte, lenha. É interessante observar, por exemplo, que o primeiro grande atrativo identificado e explorado nas terras recém descobertas no continente americano foi um exemplar de sua vegetação nativa, abundante no litoral norte do atual Estado de Pernambuco: o pau-brasil. A extração do pau-brasil que se desenvolveu nestas terras no início do século XVI, constituiu uma lucrativa atividade econômica, na época. Os desdobramentos desta atividade interferiram decisivamente no processo de ocupação do território brasileiro. Posteriormente, outro exemplar do Reino Vegetal, desta vez uma espécie exógena, teve um papel fundamental no que se refere à ocupação, no caso particular, da Ilha de Itamaracá: a cana-de-açúcar.

Considerando, portanto, a importância da vegetação na constituição de um ecossistema e, conseqüentemente, na constituição do contexto ambiental no qual se encontra inserida a população que se esteja estudando, no caso específico deste trabalho, os ocupantes do Fortee Orange, a reconstituição da vegetação que recobria a Ilha de Itamaracá a partir da chegada dos europeus, no século XVI se faz necessária.

Do ponto de vista fisiográfico, Itamaracá se encontra inserida na Zona da Mata. No entanto, dois outros domínios vegetacionais distintos, além do da Mata, podem ser registrados na Ilha: o dos mangues e o da restinga. E foram estes ecossistemas que os primeiros europeus que transitaram pela Ilha, no início do século XVI se depararam e interagiram. A distinção nas características de cada um deles propiciou, às populações que circularam pela Ilha ou que ali se fixaram, uma grande diversidade de recursos. Os recursos oferecidos por cada um dos ecossistemas representaram um papel de grande importância no processo de ocupação da Ilha, tendo interagido diferentemente com os grupos humanos que se estabeleceram no local.

As primeiras ações praticadas pelos europeus na Ilha de Itamaracá e seu entorno, esteve voltada para a exploração do ecossistema constituído pelo Domínio Vegetal da Mata. Produtos tanto vegetais quanto animais extraídos deste ecossistema foram transportados para a Europa, desde o início do século XVI. Dentre os produtos extraídos da mata e encaminhados para a Europa, destaca-se a madeira de uma árvore nativa, o pau-brasil, que se constituiu, na época, um comércio muito lucrativo. De acordo com os cronistas da época, a madeira do pau-brasil encontrado em abundância no litoral norte do atual Estado de Pernambuco era de boa qualidade.

O Domínio Vegetacional da Mata se encontra sobre os sedimentos da Formação Barreiras, ou seja, nas elevações. Toda esta área, que no século XVI os europeus encontraram recobertos pela Mata sofreu significativas reduções, a partir de então, em função da ação humana. A partir da chegada dos primeiros europeus ao local, os reflexos desta sobre o ambiente se tornaram mais enfáticos e se intensificaram sobremaneira quando se implantou, ainda no século XVI, o cultivo da cana-de-açúcar. A implantação dos engenhos de açúcar na Ilha representou um grande desmatamento e a substituição da vegetação de mata por canaviais em extensas áreas antes ocupadas pela mata. O tipo de terreno ocupado pela mata, ou seja, as terras vermelhas e argilosas da Formação Barreiras que associadas a um clima quente e úmido fornecia condições propícias ao desenvolvimento da cana-de-açúcar. Conforme as informações que se dispõe e que poderão ser confirmadas arqueologicamente, as instalações físicas dos engenhos, no caso as sedes e fábricas, ocupavam as áreas mais interioranas da Ilha e com o canavial em seu entorno. Atualmente, a vegetação nativa característica do Domínio Vegetacional da Mata pode ser encontrada na Ilha, porém já como reconstituição, destacando-se os exemplares mais exuberantes desta vegetação no trecho mais a Oeste da Ilha. É interessante observar que a reconstituição desta vegetação, tão devastada no território brasileiro, justificou a criação de reservas de Mata Atlântica, pela Lei nº. 9.989, de Janeiro de 1987: Lance dos Caçoes, Santa Cruz, Jaguaribe, Engenho Macaxeira, Engenho São João e Engenho Amparo.

Nas terras baixas e planas da planície costeira se encontram dois domínios vegetacionais distintos: o dos mangues, nas áreas alagadas ou inundáveis e o da restinga, nas áreas não inundáveis ou raramente inundadas.

Assim como no ecossistema constituído pela vegetação de mata, o mangue apresenta um conjunto de características que também favorece a fixação do homem em seu entorno. Conforme ressaltam Albuquerque, Lucena e Pessoa (2003) o mangue, do ponto de vista alimentar, constitui um “berçário natural para diferentes espécies”, considerando, peixes, crustáceos e moluscos. A fauna característica deste ecossistema, atenderia, em grande parte, às necessidades protéicas das populações que se estabelecessem em seu entorno, (ALBUQUERQUE; LUCENA; PESSOA, 2003, p 6)

Observando em detalhe as raízes do mangue, abaixo (Ilustração 24), pode-se claramente perceber as dificuldades que esta vegetação apresenta na qualidade de barreira a ser transposta. Suas raízes entrelaçadas e o caráter cortante das ostras dificultam sobremaneira a passagem por áreas ocupadas por este tipo de vegetação.



Ilustração 24- Raízes de *Risophoramangle*, cobertas de ostra (*Ostrea* sp). Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

Além dos recursos alimentares, o mangue oferece também madeira para construção, lenha e defesa. Suas raízes entrelaçadas representam um considerável obstáculo ao deslocamento nas áreas ocupadas por este tipo de vegetação, principalmente quando há ostras nelas fixadas.

Os recursos fornecidos pelos manguezais favoreceram, sem dúvida, o estabelecimento das populações que ocuparam a Ilha de Itamaracá, desde antes da chegada dos europeus, assim como tiveram um papel importante na manutenção dos construtores e ocupantes do Forte Orange, a partir de sua construção, em 1631.

Convém ressaltar que os manguezais, conforme se pode constatar na análise da documentação textual, iconográfica, aerofotográfica e estratigráfica, era a vegetação que dominava grande parte da Ilha de Itamaracá, sobretudo no trecho em que se construiu o Forte Orange. Esta vegetação sofreu uma significativa redução, principalmente a partir da segunda metade do século XX, mais especificamente, a partir dos anos de 1970, promovendo uma modificação da paisagem, principalmente no entorno do Forte.

O terceiro Domínio Vegetacional encontrado na Ilha de Itamaracá é o da restinga, sobre o qual Albuquerque, Lucena e Pessoa (2003) observaram se tratar de uma

[...] vegetação rasteira e arbustiva, além de abrigar uma fauna capaz de complementar a dieta protéica, fornece vitaminas e sais minerais através de seus frutos como o caju, tão útil no período colonial como preventivo e curativo do escorbuto muito comum entre navegantes portugueses e holandeses. (Op. cit., p. 6).

Albuquerque, Lucena e Pessoa (Op. cit.) observaram ainda que em áreas que, há longo tempo não vêm sendo cultivadas, já se encontra uma vegetação bem mais densa, característica de uma área de transição entre os domínios vegetacionais da mata e da restinga. Percebe-se, nessas áreas, que a vegetação nativa se encontra em recuperação. Espécies nativas, ricas em vitaminas e sais minerais, tais como o araçazeiro, a aroeira, o jatobá, o cajueiro, a mangabeira, por exemplo, podem ser encontradas nestas áreas. O fruto do Jatobá é rico em vitaminas e minerais, e ainda fonte protéica. O caju é uma importante fonte de vitamina C, fundamental para evitar ou combater doenças como o escorbuto que vitimou muitos marinheiros, durante o período colonial.



Em alguns trechos da Ilha de Itamaracá a vegetação nativa se reconstituiu e até se apresenta mais densa. Entretanto, evidências da interferência humana são inquestionáveis. Percebe-se, nitidamente, que a vegetação nativa, mesmo a mais exuberante, já é uma reconstituição.

Ilustração 25 – Vegetação nativa em reconstituição na Ilha de Itamaracá. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

Ainda nas áreas baixas e planas, da planície costeira, coqueirais ocupam consideráveis extensões, em meio a uma vegetação rasteira nativa. Acredita-se também que, durante o período açucareiro, estas áreas foram desmatadas para serem ocupadas com pastos, roças e hortas.

O complexo vegetacional existente na Ilha de Itamaracá, constituído por três domínios vegetacionais distintos, forneceu uma diversidade de recursos de grande importância para o processo de ocupação da Ilha, desde antes da chegada dos europeus.

A partir do séc. XVI, quando se iniciaram as primeiras incursões européias, pela Ilha até o início do processo de colonização propriamente dito, a vegetação da Ilha desempenhou um papel de grande importância. As ações européias que, no início do século XVI, estavam voltadas para a extração da madeira do pau-brasil e outros produtos extraídos dos ecossistemas encontrados na Ilha, foram substituídas, no que se refere à Coroa Portuguesa, pela implantação do projeto de colonização. Conforme já foi mencionado anteriormente, o processo de colonização das terras brasileiras foi impulsionado pelas investidas de exploradores não portugueses, em busca dos produtos naturais extraídos na área, particularmente o pau-brasil.

A paisagem que os europeus encontraram na Ilha de Itamaracá no início do século XVI, sofreu profundas alterações, em função da ação humana. O desmatamento que se intensificou sobremaneira a partir da implantação do cultivo da cana-de-açúcar na Ilha, tomou novo impulso no século XX, com o empreendimento imobiliário que ocorreu na área, principalmente a partir dos anos de 1970.

A vegetação nativa da Ilha foi derrubada para a obtenção de matéria prima para a construção quer fosse de casas de moradia, estruturas de defesa, cercados, estruturas de apoio e mobiliário, como por exemplo, um jirau; lenha para cozinhar, para abastecer fornos de cal, de cerâmica – incluindo a manufatura de tijolos e telhas; geração de espaço para construção e para o cultivo da cana-de-açúcar e também para roças, hortas e pastos. O desmatamento também atendia a necessidades de segurança, ou seja, no entorno de áreas a serem defendidas, era uma prática comum se providenciar o desmatamento e limpeza para que se pudesse controlar qualquer aproximação evitando a possibilidade de ataques surpresa; a retirada da vegetação não apenas permitia o controle visual do terreno, como também tornava vulnerável aquele que se dispusesse a avançar em uma área aberta, sem ter sequer um tronco atrás do qual se abrigar.

Atualmente, a despeito da modificação da paisagem na Ilha de Itamaracá e particularmente no entorno do Forte Orange, considerando os momentos de destruição da vegetação nativa e a implantação de uma vegetação exógena, não se pode negar a necessidade de recuperação e compreensão do processo de interação da população que se instalou na Ilha, incluindo os

ocupantes do Forte, com a vegetação envolvente. A compreensão de todo esse processo possibilitará uma compreensão mais acurada do processo de ocupação da Ilha.

2.5. HUMANA

A interação humana na Ilha de Itamaracá teve início, sem dúvida, em período anterior à chegada do europeu e o início de seu processo de fixação no território. As relações estabelecidas, no entanto, entre as populações humanas que ocupavam ou transitavam pela Ilha até então não provocaram alterações significativas, como se constatou a partir da chegada dos europeus e, principalmente, como aquelas que se pode observar a partir do século XX.

As condições oferecidas pelo ambiente interferiram diretamente sobre as ações adotadas pelas populações humanas que interagiram com este ambiente, no entanto, o reflexo dessas ações provocou alterações na paisagem que vão desde pequenas “cicatrices” a modificações mais drásticas como a remoção de elevações e aterro de alagados, por exemplo.

A intensa extração do pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), além de outros “(...) produtos da terra, onde se incluíam desde papagaios e macacos, ao algodão, peles de animais” (ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V.; PESSOA, R., 2003, P.8) e posteriormente a plantação da cana-de-açúcar já repercutiram de forma mais enfática sobre o meio ambiente físico, do que a ação de grupos de caçadores, coletores e agricultores incipientes que ocupavam a área antes que os europeus começassem a freqüentar a região. As clareiras que foram se formando, a partir da atividade extrativista representaram, sem dúvida, um impacto maior do que aquelas realizadas para a implantação de aldeias e para a utilização agrícola dos grupos nativos que ocupavam o espaço antes da chegada dos europeus.

A partir da instalação das primeiras unidades funcionais do sistema colonial no Brasil, as interferências humanas sobre o ambiente se tornaram mais intensas. A paisagem começou realmente a ser modificada.

No caso específico da Ilha de Itamaracá, o processo de transformação do ambiente se intensificou sobremaneira a partir dos anos de 1970, em função da exploração imobiliária.

Este processo consistiu na destruição da vegetação nativa; retiradas intensivas de sedimentos da Formação Barreiras e aterro de áreas inundáveis ou inundadas.



A interferência humana sobre a paisagem na Ilha de Itamaracá pode ser observada, por exemplo, no desmonte de morros da Formação Barreiras e sua utilização na realização de aterros das áreas baixas e alagadiças, como pode ser observado na imagem ao lado.

Ilustração 26 – Área sendo aterrada na Ilha de Itamaracá-PE. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

Através das sondagens estratigráficas, constatou-se que em alguns trechos os aterros ultrapassaram 2 metros.

A explosão demográfica observada na Ilha a partir de então se concentrou principalmente na orla, uma vez que “Grande parte da população que acorreu à Ilha constituía-se de veranistas.” (ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V.; PESSOA, R., 2003, P.11). Conseqüentemente, nas férias de verão a população da Ilha aumenta muito, trazendo consigo problemas típicos de áreas populosas, porém com características específicas de veranistas. Tudo aumenta neste período: desde a circulação de dinheiro, serviços, a gastos com água potável e energia, além da poluição e produção de lixo.

O empreendimento imobiliário atuou diferentemente na Ilha. O grande interesse pela área litorânea promoveu uma modificação mais radical na paisagem, uma vez que as áreas preferidas, devido ao baixo gradiente, eram muitas vezes inundáveis ou mesmo inundadas. As terras na área litorânea foram divididas em pequenos lotes, enquanto que nas áreas mais afastadas, “Várias propriedades foram desmembradas em glebas menores, mas que abrangiam alguns hectares. Mas nem toda a Ilha foi loteada. Nem mesmo toda a orla. Alguns

dos antigos sítios permaneceram intocados.” (ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V.; PESSOA, R., 2003, P.11)

A implantação dos loteamentos, nas áreas baixas promoveu muitos aterros, utilizando-se sedimento do Barreiras, comprometendo assim manguezais, pequenos cursos d'água e morros.

Na área rural, as alterações do ambiente foram menos agressivas e, tendo-se buscado disciplinar e utilizar os recursos naturais disponíveis. Nem todos os alagados foram aterrados, podendo-se encontrar áreas alagadas sujeitas à ação das marés, por exemplo, que foram aproveitadas, para a manutenção de viveiros de peixes e salinas, atividades cuja execução na Ilha tem sido freqüentemente mencionada, no mínimo, desde o final do século XVI e início do XVII. E no que se refere ao desmatamento, constatou-se a existência de áreas ocupadas com a vegetação nativa ainda que seja secundária. (Ibidem)

O novo traçado da Ilha, do ponto de vista urbano e também rural, com a subdivisão das grandes propriedades em propriedades menores ou em pequenos lotes resultou em uma nova rede de comunicação e acessos. Caminhos antigos acabaram sendo fechados ou desviados por cercas e muros. Por outro lado, novos caminhos, estradas e ruas surgiram em atendimento ao novo traçado interno da Ilha.

A distribuição populacional da Ilha varia em função da época do ano. O norte da Ilha apresenta uma baixa densidade populacional, enquanto que o centro é a parte mais habitada. No verão, no entanto, o sul da Ilha, principalmente nas proximidades do atual Forte Orange, o afluxo de pessoas é muitas vezes intenso. É nesta área que se localizam as casas de veraneio, normalmente ocupadas nesta época e muitas vezes inclusive com hóspedes.

O Forte, sendo a principal atração turística da Ilha, estimulou a construção de hotéis (Orange Praia Hotel e Vento Leste, por exemplo), restaurantes e barracas de praia, onde são vendidas comidas típicas de áreas litorâneas e bebidas, em seu entorno.

Duas outras atrações estabelecidas no entorno do Forte devem ser também mencionadas: um pequeno banco de areia de formação recente, denominado Coroa do Avião, onde a Universidade Federal Rural de Pernambuco mantém uma base de estudos de aves migratórias; e a sede nacional do Centro Mamíferos Aquáticos (CMA), vinculado ao

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade onde funciona o Projeto Peixe-Boi.

É importante observar que estas atrações, incluindo o próprio Forte, que abriga um pequeno museu em suas dependências, promoveram considerável impacto na paisagem local, desde sua construção, quando foram realizados desmatamentos, aterros de alagados, utilização de sedimentos argilosos provenientes das elevações da Formação Barreiras, mais para o interior e de sedimentos arenosos de dunas litorâneas, além das interferências abaixo da superfície para a instalação das estruturas. O mesmo pode ser observado no que se refere a todas as outras estruturas construídas na Ilha. Cada qual, enquanto estrutura isolada, contribuindo diferentemente, em intensidade e forma, no processo de alteração da paisagem ao longo do tempo. Convém ressaltar ainda o afluxo de pessoas atraídas à área por tais estruturas.

A grande movimentação de pessoas ao sul da Ilha durante o verão afeta diretamente o ambiente físico da área. Além dos veranistas e seus convidados instalados no local, o turismo, incluindo o pedagógico, e a estrutura montada tendo em vista o atendimento a esta população de passantes ou residentes temporários promove uma movimentação diferenciada no local alterando completamente a paisagem, principalmente durante o período de veraneio e férias.

Eventos realizados no local, como é o caso do Globo Verão, no mês de janeiro, promove impacto semelhante, concentrado e acrescido do impacto sonoro, que ao ultrapassar os decibéis tolerados, comprometem a fauna e a flora local, além da própria estrutura do Forte.

A interferência humana na Ilha de Itamaracá contribuiu e contribui para uma configuração de paisagem física e humana variável por época ou período do ano, ao longo dos séculos.

Os estudos realizados com base na documentação textual, cartográfica, iconográfica e aerofotográfica, associada à documentação estratigráfica permitiram, portanto, a reconstituição do meio ambiente no qual se encontra inserido o Forte e com o qual seus ocupantes interagiram, desde sua construção, em 1631, acompanhando suas transformações em função do processo de ocupação da Ilha até os dias atuais.

3. O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO NO FORTE ORANGE

O poder de transformação do ambiente físico pelo homem vem se ampliando em proporções geométricas. Mesmo no período pré-histórico já se pode perceber a atuação do homem sobre a superfície da terra, como é o caso dos tesos, das terras pretas amazônicas, das casas subterrâneas no sul do Brasil, etc.. Por ocasião de uma maior complexidade organizacional das sociedades humanas, esta capacidade de transformação ampliou-se de forma considerável. Morros são completamente aplainados, depressões são aterradas, florestas são substituídas por plantações ou criatório. Todas estas modificações, sobretudo as ocorridas por grupos que sucederam ocupações anteriores, comprometem de forma significativa o contexto arqueológico de uma expressiva parcela dos sítios arqueológicos encontrados. A estratigrafia, que muitas vezes sofre alterações em função de fatores naturais, vem sendo modificada intensamente por ações humanas intencionais ou não, direta ou indiretamente. Modificações essas que vêm se tornando cada vez mais enérgicas comprometem a compreensão da sociedade estudada tanto em suas relações com o meio ambiente físico quanto social. Elementos para a identificação de recursos e obstáculos com os quais as populações que ocuparam uma determinada área tiveram que lidar são freqüentemente perdidos devido a dinâmica da transformação da paisagem. Muitas vezes os artefatos migram vertical e horizontalmente, desestruturando um dos pilares da arqueologia: o posicionamento tridimensional das peças no sítio.

Atualmente, o poder de transformação do homem sobre a natureza atingiu tamanhas proporções que se pode dizer literalmente que ele: “remove montanhas”. O recuo de barreiras em áreas de relevo ondulado vem sendo cada vez mais freqüentemente observado. Em grandes obras de engenharia como é o caso da construção ou ampliação de estradas e de das chamadas obras d’arte se tem promovido impressionantes transformações da paisagem em curto espaço de tempo.

Na imagem abaixo, pode-se ver três máquinas, em patamares distintos, promovendo o desmonte de uma barreira. O volume de terra movimentado, no caso removido, no local foi gigantesco.



Ilustração 27 – Desmonte de barreira em Palmares-PE durante as obras de duplicação da BR-101 Nordeste, trecho RN-PE. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

Difícilmente se encontram sítios, principalmente em áreas urbanas ou suburbanas, que apresentem sua estratigrafia preservada. Sítios de ocupação histórica, por exemplo, quer tenham sido ocupados de forma ininterrupta ou não, são normalmente submetidos a atividades que interferem diretamente na integridade do pacote estratigráfico, alterando-o. A cada interferência ocorre a geração de um novo contexto arqueológico que poderá conter informações de contextos anteriores ou ter constituído um novo contexto completamente diferente, dependendo da intensidade da alteração estratigráfica. Este fato vem representando mais um obstáculo a ser enfrentado pelos pesquisadores durante a reconstituição do processo de ocupação dos sítios estudados. A migração vertical do material arqueológico na estratigrafia, por exemplo, compromete seus referenciais cronológicos.

No caso específico do Forte Orange, inúmeras interferências estratigráficas naturais e antrópicas, promoveram a formação e a modificação de contextos arqueológicos desde o século XVII até os dias atuais. Estas alterações de contexto ocorridas desde as primeiras ações humanas, arqueologicamente identificadas como produzidas no século XVII, a partir da escavação de uma trincheira para garantir a defesa dos primeiros holandeses a ocuparem o espaço, comprometeram o posicionamento dos artefatos. Atividades cotidianas inerentes a qualquer assentamento, bem como atividades especificamente associadas a unidades

militares interferiram diretamente sobre a estratigrafia do Forte, alterando-a constantemente. O terreno foi escavado para a implantação de estruturas, sepultamento, descarte de lixo; houve revolvimento e deslocamento de terra. Durante sua ocupação o espaço passou por inúmeras modificações voltadas para a construção e reforma de sua estrutura, que se refletiram diretamente em sua estratigrafia.

O Forte passou por momentos de abandono que resultaram em arruinamento de estruturas que tiveram que ser reconstruídas posteriormente por obras de restauração. Durante o abandono, o Forte foi alvo da ação de ‘caçadores de tesouros’, e de ‘sonhadores de botijas’, conforme observa Albuquerque (Op. cit., p. 52), que também promoveram o revolvimento das camadas alterando o contexto com o qual se deparavam.

O arruinamento, bem como a realização de obras de recuperação da estrutura do Forte Orange contribuiu para o revolvimento das camadas detectado durante as escavações arqueológicas, em 2002-2003. O desmoronamento do aterro dos terraplenos e baluartes e a reposição de seu preenchimento, justificou o fato de fragmentos de uma mesma peça terem sido encontrados na escavação do terrapleno sul e na praça de armas, por exemplo.



Ilustração 28 – Baluarte do Forte Orange em ruínas. Acervo fotográfico do IPHAN – Superintendência Regional e Pernambuco.

Além do uso militar, o Forte Orange passou por momentos de abandono e mudança de função. Nos anos de 1970, o ex-presidiário José Amaro Sousa Filho, que ficou conhecido como “o guardião do Forte Orange” se instalou no Forte, após ter participado dos trabalhos de recuperação que ali se haviam realizado pelo atual IPHAN. Instalado no local, José

Amaro ali residiu com sua família por décadas, atribuindo assim a função de moradia de uma unidade familiar civil ao Forte.

Na década de 90 do século XX, a guarda oficial do monumento foi oficialmente entregue a uma organização não-governamental, a Fundação Forte Orange, da qual estavam a frente José Amaro e Gilsinele Silva Sousa, no período de 1991 a 1998 e a partir de 2004. Durante a administração da Fundação Forte Orange, o Forte passou por uma estruturação, visando a sua transformação em um museu. Nesta ocasião, algumas obras foram realizadas no Forte tendo em vista o atendimento a necessidades desta nova função. A instalação de estrutura de abastecimento de água e esgoto interferiu na estratigrafia da Praça de Armas, por exemplo, assim como uma de suas dependências foi transformada em banheiros públicos. Nas dependências do Forte, neste período, foram instaladas exposições do museu, bilheteria e uma loja de artesanato mantida por José Amaro, além do escritório administrativo da Fundação.

Entre os anos de 1998 a 2004 a Fundação de Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco (FADE) assumiu a administração do Forte, mantendo, em princípio, a estrutura que já havia instalada, inclusive a exploração da loja de artesanato, por José Amaro.

Todas as mudanças de função pelas quais o Forte Orange passou, no século XX, também deixaram suas evidências tanto na estratigrafia quanto na estrutura do Forte, promovendo sempre a alteração do contexto arqueológico.

A dinâmica na ocupação do Forte Orange promoveu um constante deslocamento horizontal e vertical dos artefatos que compõem o acervo móvel resgatado durante as escavações arqueológicas realizadas no Forte. Constatou-se, por exemplo, que fragmentos de uma mesma peça foram encontrados em diferentes camadas e áreas funcionais do Forte. A migração dos fragmentos de peças pode ser associada às sucessivas ações de remobilização de areias, durante as fases de restauração, além dos momentos de reforma da estrutura durante o seu uso.

O resgate do contexto sistêmico no qual estariam inseridas as peças quando ainda em uso, tornou-se mais difícil, assim como o referencial cronológico das peças. No entanto, a despeito de todas essas dificuldades inúmeras informações ainda podem ser extraídas do material, quando transformado em documento.

CAPÍTULO II – A FAIANÇA

1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Os vestígios materiais resgatados nas escavações arqueológicas realizadas no Forte Orange incluem uma expressiva quantidade e variedade de fragmentos de faiança. A ocorrência e incidência desta categoria de material resgatada em sítios arqueológicos coloniais, particularmente no Nordeste do Brasil, comprovam a sua aceitação no mercado colonial brasileiro. A expressiva presença desta categoria de material na área reflete a consolidação do processo de colonização portuguesa, com o florescimento de povoações e da produção açucareira. Lamentavelmente os mapas de carga da época não explicitam as características das peças desta categoria de material transportadas e desembarcadas nos portos brasileiros. A discriminação destas cargas não apresenta elementos descritivos suficientes para atenderem as necessidades dos arqueólogos, no sentido de possibilitarem a associação das referidas peças com aquelas resgatadas nos sítios arqueológicos. Uma descrição mais detalhada do material traria uma inquestionável contribuição como referencial cronológico, sócio-econômico, bem como no que se refere a sua origem e procedência. A imprecisão e a parca informação ao se referir a esta categoria de produto não possibilita qualquer comparação ou associação do material encontrado em escavações arqueológicas com os lotes registrados nas cargas transportadas da Europa para a América, mais especificamente para o Brasil.

Neste tocante, ou seja, no que se refere às informações que se poderia obter a partir da utilização de dados extraídos destes mapas de carga, Paulo Tadeu de S. Albuquerque, ressalta que

Os mapas de carga infelizmente não detalham a qualidade do material, nem sua procedência, indicando, algumas vezes, que se trata de louça contrafeita da China. Não seria de se esperar que informações sobre colorido ou motivos decorativos constassem dessas listagens. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 121)

A significativa incidência e diversidade da faiança presente em uma unidade funcional vinculada ao sistema de defesa, no caso o Forte Orange, Itamaracá-PE, conduziram ao levantamento de alguns questionamentos que, em decorrência da natureza subjetiva e desuniforme dos trabalhos arqueológicos no tocante à identificação desta categoria de louça, não puderam ainda ser respondidos.

No entanto, o fato da faiança encontrada nas escavações realizadas no Forte Orange ter se revelado quantitativa e qualitativamente expressiva a tornou ideal para a elaboração deste trabalho, uma vez que o universo a ser trabalhado garantirá uma maior precisão dos dados e seus intercruzamentos. A avaliação dos critérios e procedimentos analíticos adotados na análise da faiança se faz, portanto, imprescindível para que se possa ter numa real dimensão do nível de confiabilidade e alcance dos dados gerados durante o processo analítico. Esta ação proporcionará uma identificação de tipos com bases mais conscientes e seguras quanto a suas potencialidades e limites. Considerando que o tipo é constituído pela combinação de um conjunto de atributos, e que os tipos de faiança têm sido estabelecidos basicamente a partir do motivo decorativo e sua apresentação cromática, faz-se necessária uma reavaliação dos atributos que caracterizam esta categoria de material. Uma redefinição dos atributos a serem utilizados no estabelecimento dos tipos, assim como um refinamento de sua análise e identificação, confere uma maior precisão ao estudo do material em questão.

Esta categoria de material, muito embora seja apenas uma unidade integrante do complexo material da sociedade estudada, constitui uma extraordinária fonte documental para o entendimento de relações sócio-econômicas internas e externas, tanto dos centros produtores e difusores, quanto de seus consumidores, desde que devida e corretamente analisada. Considerando, no entanto, que os procedimentos analíticos adotados privilegiam, em sua grande maioria, os aspectos artísticos, que são indubitavelmente subjetivos, em detrimento dos técnicos, a interpretação da sociedade em estudo se apresenta comprometida. Além da subjetividade, um outro problema com o qual o arqueólogo se depara é a heterogeneidade dos procedimentos analíticos e terminológicos.

Conseqüentemente, a desigualdade dos trabalhos arqueológicos, no que se refere à análise do material, bem como a subjetividade dos critérios analíticos utilizados na identificação cronológica e de procedência, revelada através da grande diversidade de abordagens, caráter dos dados, critérios e procedimentos teórico-metodológicos, bem como imprecisão e falta de homogeneidade na nomenclatura utilizada, dificulta a constituição do conhecimento arqueológico, de uma forma mais ampla. (ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V., 1995)

Inegavelmente alguns pesquisadores têm evidenciado em seus trabalhos a preocupação com os critérios e procedimentos analíticos utilizados na identificação e classificação da faiança. Considerando-se, por exemplo, o trabalho de pesquisadores como Paulo Tadeu de Albuquerque, Marcos Albuquerque, Veleza Lucena, Tania Andrade Lima, Carlos Etchevarne, Daniel Schávelzon, Nelsys Fusco, Kathleen Deagan, Noel Hume, Ian Baart,

Paulo Dordio, Fernando Castro, Isabel Fernandes, Tânia Casimiro, percebe-se mudanças na abordagem da faiança arqueológica. Novas preocupações, novos problemas, novas técnicas analíticas se evidenciam nos trabalhos que vem sendo realizados mais recentemente. Convém não esquecer que as mais antigas abordagens e descrições no que se refere à faiança apresentavam um cunho inquestionavelmente artístico, privilegiando os seus atributos decorativos. Autores como Reynaldo dos Santos, José Queirós, Sandão, por exemplo, produziam belos trabalhos que serviram de referência para os arqueólogos, tanto quanto para os historiadores da arte, colecionadores, curadores de museus, antiquários. Neste contexto, motivos e padrões decorativos, além de elementos cromáticos e estilísticos eram utilizados como identificadores de origem e cronologia de produção de peças, em sua grande maioria, inteiras. Considerando-se que nos trabalhos arqueológicos mais antigos, se utilizava como referência estas mesmas fontes, os resultados obtidos eram, de certa forma, semelhantes, quando se buscava a identificação espaço temporal das peças encontradas. O que se observa, no entanto, no que se refere à produção arqueológica que aborda a faiança é que esta abordagem não foi necessariamente a mesma, ao longo do tempo. Na realidade, a diferença de abordagem pode ser percebida mesmo entre trabalhos contemporâneos. Até mesmo a terminologia utilizada para se referir a esta categoria de material não se apresenta homogênea. Muitas vezes, encontra-se apenas menção à presença da louça azul e branca ou louça portuguesa, ou faiança grossa, ou simplesmente faiança em determinado sítio. Há casos em que as peças são incluídas em tabelas quantitativas e também aparecem em imagens ilustrando o material resgatado no sítio. A faiança, normalmente classificada em função de critérios meramente artísticos, começou a ser abordada de forma diferente, buscando a utilização de critérios científicos que fornecesse uma contribuição segura à interpretação da sociedade estudada, a partir, principalmente, dos anos de 1990. Cada vez mais é possível se observar nos trabalhos arqueológicos uma preocupação que extrapola a faiança como peça, passando a apresentá-la como indicador de relações comerciais, modo e gosto de época. Percebe-se, então, a preocupação em se identificar os tipos que reflitam a origem e cronologia de produção das peças, com base, não apenas em elementos artísticos, mas também tecnológicos. Neste processo, observa-se a utilização de procedimentos físico-químicos na análise desta categoria de material, por parte de alguns pesquisadores.

A utilização de procedimentos físico-químicos na análise de evidências arqueológicas vem conferindo, sem dúvida, maior precisão e confiabilidade aos resultados das análises arqueológicas. Esta prática começou a se tornar cada vez mais freqüente, principalmente a partir da segunda metade do século XX, mais especificamente a partir dos anos de 1960. A

necessidade de se extrair informações mais precisas e confiáveis de seu objeto de estudo conduziu a uma busca por técnicas e instrumentos sofisticados que possibilitassem o resgate de informações importantes para a interpretação arqueológica. Os trabalhos multi e interdisciplinares começaram então a se multiplicar.

A intercambialidade proporcionada pela realização de trabalhos interdisciplinares conferiu uma outra dimensão à pesquisa arqueológica e ao conhecimento de uma forma mais ampla, representando, sem dúvida, um inegável avanço. A abordagem interdisciplinar vem permitindo uma maior e mais complexa aproximação entre o pesquisador e o seu objeto de estudo, ou seja, a sociedade em seu contexto sistêmico, no caso das Ciências Humanas.

Os trabalhos interdisciplinares em Arqueologia, no que se refere ao estudo de uma categoria de material arqueológico específico como é o caso da faiança, têm incluído análises químicas da pasta e/ou dos pigmentos utilizados em seu processo de manufatura. No entanto, embora se esteja fazendo uso de procedimentos físico-químicos no processo analítico, o resultado da análise do material não conduziu, até o momento, à identificação de referenciais que realmente refletissem cronologia, origem de produção, muito menos o perfil do consumidor desta categoria de material.

Considerando-se, portanto, o potencial desta categoria de material enquanto documentação primária, e os problemas decorrentes do caráter heterogêneo da Arqueologia Brasileira, não apenas no que se refere à problemática, objetivo e linha teórica, mas também quanto aos procedimentos analíticos, faz-se necessária uma revisão crítica dos critérios teóricos, técnicos e metodológicos que norteiam a pesquisa científica, no tocante à análise da faiança arqueológica. Conseqüentemente, a necessidade de se dispor de parâmetros objetivos, científicos e uniformes que permitam uma identificação mais precisa desta categoria de material, ou seja, com base em critérios objetivos e comparáveis se constitui em um problema para a Arqueologia.

Além da busca pelo estabelecimento de parâmetros analíticos objetivos para a faiança, pretende-se viabilizar a comparação entre as ocorrências desta categoria de material encontrada em diferentes sítios e também por diferentes pesquisadores, possibilitando estudos intra e inter-sítios. Pois, conforme Marcos Albuquerque, “A introdução de processos objetivos, nas diversas instâncias analíticas, possibilitará, cada vez mais, a utilização de uma linguagem comum e, conseqüentemente, propiciará um maior entendimento entre especialistas.” (1991c: 121),

A compatibilidade analítica, mesmo que através de explicitação de conceitos e procedimentos metodológicos permitindo a comparação de dados contribuirá para a construção de um conhecimento mais amplo e acurado.

Macroscopicamente é possível perceber combinações de pasta, sinterização, fôrma, morfologia, esmalte e motivo decorativo. Estas combinações estão relacionadas à existência de uma “lógica operacional” seguida consciente ou inconscientemente e, portanto, intencionalmente ou não, por um grupo cultural. Esta ‘lógica’ recebe e reflete interferências internas e externas, quer promovidas pelo meio ambiente físico, quer pelo meio ambiente cultural com o qual o grupo se relaciona, uma vez que

A produção material de um grupo não se encontra dissociada de sua ontologia histórica. As formas pelas quais os elementos do grupo em questão se relacionam, suas necessidades, sua forma de produzir e consumir, seu relacionamento com outros grupos, seu intercâmbio com o meio ambiente, etc., são únicas e particulares. (Ibidem).

Assim sendo, na produção de seus utensílios, cada grupo social segue uma lógica operacional própria, culturalmente condicionada. De modo análogo, segue uma lógica cultural na ocupação e estruturação dos espaços. Ressalte-se, portanto que “A análise dos diferentes elementos constantes de um assentamento, contribui para se avaliar os objetivos, as necessidades de cada período, as suas relações com o meio físico e social, seus temores, suas atividades.” (ALBUQUERQUE, M. & LUCENA, V., 1995: 5)

O estudo dos elementos materiais da cultura de um grupo humano visando a compreensão dos nexos e das relações sociais imbricadas nas formas de expressão de suas atividades requer do arqueólogo uma objetividade ainda não devidamente alcançada. Cabe ao arqueólogo, no entanto, estudar o produto material da ação humana, tratando-o como documento histórico/arqueológico, inteiramente dentro de seu contexto. O arqueólogo partirá, então, do contexto arqueológico dos vestígios e registros que dispõe, visando alcançar o contexto sistêmico, de uma forma mais ampla. Muito embora se esteja sempre buscando uma aproximação cada vez maior e mais precisa da totalidade do contexto sistêmico no qual se insere a sociedade em estudo, convém levar em consideração que

Recuperar a totalidade é fazer com que o objeto apareça no emaranhado de suas mediações e contradições; é recuperar como este objetivo foi constituído, tentando reconstruir sua razão de ser ou aparecer a nós segundo seu movimento de constituição, do qual fazem parte o pesquisador e sua experiência social, em vez de determiná-lo em classificações e compartimentos fragmentados. (VIEIRA, M. P.; PEIXOTO, M. R.; KHOURY, Y., 1989: 10-11).

Fora de seu contexto, muito pouca, ou até mesmo nenhuma contribuição os registros têm a fornecer. Independentemente do corte dado pelo pesquisador em seu estudo, deve-se estar sempre atento ao contexto mais amplo, sem o qual o trabalho não conduzirá a uma compreensão real e mais abrangente do grupo estudado. É imprescindível, portanto, que o pesquisador extraia o máximo de seu objeto de estudo, sem desvinculá-lo de seu contexto.

As evidências arqueológicas produzidas intencionalmente ou não nada representarão se não estiverem inseridas em um contexto. Contexto esse que permitirá sua transformação em documento primário incontestável para o estudo da sociedade em questão. Lamentavelmente, o contexto resgatado pelo arqueólogo, ou seja, o contexto arqueológico tende a se afastar do contexto sistêmico, no qual o material arqueológico, quer seja móvel ou imóvel, esteja em seu “funcionamento normal” no cotidiano da sociedade em estudo. O contexto sistêmico do registro arqueológico inclui diversos momentos de sua “existência”, desde a necessidade que conduziu à sua concepção e elaboração até o seu descarte, considerando igualmente a ocorrência de perda ou reutilização com mudança de função. O contexto arqueológico, no entanto, se constitui, via de regra, a partir de seu descarte, perda ou abandono. O material arqueológico estará sujeito a partir de então a transformações às quais Albuquerque (1990) se refere como intemperismo pós-deposicional. Na realidade, o pesquisador deverá estar atento ao fato de que o material arqueológico está sujeito a alterações provocadas por processos químicos e físicos, durante toda a sua existência, incluindo desde a sua manufatura até após o descarte, abandono ou perda. Convém ressaltar que, além do material, o contexto arqueológico também passará por transformações que refletirão diferentes momentos e situações, afastando cada vez mais o registro arqueológico de seu contexto original. E, conseqüentemente, limitando cada vez mais o acesso do arqueólogo ao seu contexto sistêmico.

As relações funcionais, voltadas para o estudo espacial estarão, com certeza, presentes na estruturação deste trabalho, uma vez que a abordagem dos espaços funcionais são considerados de suma importância para a contextualização dos artefatos e, conseqüentemente, do sítio em estudo. Entretanto, muito embora todo grupo social siga uma lógica de descarte de seu lixo, as perturbações às quais os sítios arqueológicos estão sujeitos e que normalmente alteram o contexto arqueológico, representam obstáculos para análise e acesso ao contexto sistêmico.

No caso específico do trabalho arqueológico, como observa Funari (1988), o pesquisador estuda diretamente os elementos materiais transformados e consumidos pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, visando a compreensão do funcionamento e transformações de sistemas sócio-culturais passados. E complementa ainda que além dos artefatos, os arqueólogos devem considerar também os chamados ecofatos e biofatos, “[...] enquanto apropriação humana da natureza.” (1988: 10).

Vale ressaltar, contudo, que em se tratando do estudo dos elementos materiais da cultura de um determinado grupo social, a transformação de objetos, produto da cultura em questão, em textos "legíveis", ou seja, em documentos histórico-arqueológicos, é obtida através de processos indiretos, sofisticados, muitas vezes; e, a medida em que se recua no tempo, o acesso aos "atributos de leitura" se torna mais distante e difícil para o pesquisador, afastando-o proporcionalmente da sociedade que ele se propõe a estudar. (ALBUQUERQUE, M., 1990)

A abordagem da faiança como documento material primário, conseqüentemente fornecerá dados que contribuirão para o estudo do cotidiano da sociedade estudada, sobretudo no tocante a aspectos que, por inúmeras razões, não constam da documentação textual. Convém ressaltar, portanto, que muito embora a importância das fontes materiais seja mais evidenciada no estudo de sociedades sobre a qual não se dispõe de fontes escritas, deve-se reconhecer que “Muitas das informações do cotidiano estão contidas, implícita ou explicitamente, na documentação, entretanto outros aspectos do comportamento destas sociedades não chegam ao presente através do registro textual.” (ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V., 1995, p. 2).

As fontes textuais apresentam-se, freqüentemente, fragmentárias, repletas de lacunas e, também, distorções.

Seja por questões de conservação, seja por extravios e danos nos transportes, destruição por fatores naturais, destruições intencionais, enfim toda gama de fatores que atingem de um modo geral a documentação histórica. Fragmentária ainda pela própria natureza das informações registradas. A triagem natural dos temas a serem registrados, que não necessariamente representa uma omissão intencional, mas que quase sempre se relaciona com a própria natureza do fato, restringe significativamente o universo das informações registradas – a memória escrita. (ALBUQUERQUE, M., 1992, p. 141-142).

Não se pretendeu discutir, neste trabalho, as razões que determinaram o caráter fragmentário da documentação que se dispõe. Entretanto, faz-se necessário esclarecer que a

documentação textual apenas, não permitirá uma compreensão completa e fiel da sociedade em estudo. Por outro lado, a documentação material se constitui em um documento concreto, que representa mais uma fonte de informação para a compreensão da sociedade. Ao arqueólogo compete, portanto, a transformação dos vestígios materiais resgatados arqueologicamente em texto legível.

No caso da faiança, por exemplo, sua transformação em texto legível é o primeiro passo a ser dado no sentido de se alcançar uma compreensão mais ampla da sociedade em estudo, que no caso específico, é aquela que adquiriu, utilizou, abandonou ou descartou esta categoria de material. Nesse sentido, conforme Albuquerque (1995), é preciso, inicialmente, se estabelecer os "atributos de leitura" da sociedade que se pretende estudar. Estabelecidos estes atributos, bem como a sua captação, poderá, então, o pesquisador se aproximar de seu objetivo: recompor e interpretar a sociedade de um determinado grupo humano. E, só então, observa ainda Albuquerque (1990:82),

[...] através de procedimentos indiretos, torna-se possível extrair inúmeras informações de substantiva significância para o entendimento da sociedade estudada. O refinamento na análise dos elementos vestigiais possibilitará, de forma indireta, a recuperação de informações, cada vez mais precisas e objetivas, acerca da sociedade em estudo [...],

no que se refere ao conhecimento, necessidades, disponibilidades, práticas das sociedades que produziu, utilizou, descartou e quiçá reutilizou o material, podendo inclusive ter mudado seu contexto sócio-econômico ou funcional.

No Brasil, por se tratar a faiança de uma categoria de material que aparece nos sítios arqueológicos coloniais como produto importado, a identificação dos centros produtores e distribuidores estão voltados para o resgate de informações relativas a relações comerciais, entre outras informações que contribuam para o entendimento e resgate do perfil de seus consumidores, bem como sua inserção no contexto sócio-econômico de uma determinada época. Ressalta ainda Albuquerque, que o pesquisador deverá estar perfeitamente ciente dos limites de seus documentos para não extrapolá-los.

O trabalho foi estruturado mediante uma abordagem sistêmica: o material arqueológico em questão, a faiança, foi encaixado em categorias funcionais relacionadas a diversos níveis de sistemas e sub-sistemas. Conforme ressalta Albuquerque (1995), a análise do material arqueológico atingiria

[...] um patamar de entendimento mais elevado se considerássemos estes materiais de acordo com suas vinculações funcionais maiores. [...] esta perspectiva parece aproximar mais a realidade arqueológica com a realidade social de uso destes materiais. De acordo com esta ótica poderíamos analisar em maior profundidade cada categoria de material. Após este tipo de ordenação, que seguiria aproximadamente os subsistemas básicos de uma sociedade, como alimentação, defesa, reprodução, saúde, socialização, comunicação, abrigo, seria necessário o estabelecimento de tipologias representativas.

Uma travessa rasa, por exemplo, estaria ligada ao sistema alimentar; em um outro patamar estaria ligada ao serviço de mesa; em seguida estaria ligada à contenção de alimentos sólidos; sua dimensão poderia indicar o volume de alimento a ser servido e conseqüentemente à práticas sociais relacionadas ao número de pessoas à mesa. Muitas outras informações poderão ser resgatadas através desta categoria de material de modo a se poder resgatar o cotidiano dos consumidores desta louça.

Não se pode esquecer, no entanto, algumas situações que poderão interferir no resultado da análise do material arqueológico.

No tocante ao processo de manufatura da faiança, convém levar em consideração a concepção de Rye (1981) no que se refere ao processo de manufatura da cerâmica. Ressalte-se que, independentemente da faiança ser uma categoria de cerâmica, sua concepção pode ser aplicada a qualquer outra categoria de material. Conforme defende o autor, o processo de manufatura obedece a um conjunto de operações culturalmente estabelecidas, às quais ele identifica dois conjuntos distintos: o das operações essenciais e o das não essenciais, sendo as primeiras bem mais refratárias às mudanças que às últimas. Rye (Op. cit.) argumenta que as operações por ele denominadas "essenciais" estariam relacionadas tanto à tecnologia do grupo responsável pela manufatura, quanto à utilização a qual seria destinada a peça produzida. E, considerando que, no processo de manufatura, todos os elementos e fases do processo estejam inter-relacionados, o autor observa que qualquer alteração em uma destas operações interferiria necessariamente em outras, quer a nível de ajuste ou até mesmo de mudança. Tais alterações, conseqüentemente, requereriam tempo para que houvesse uma readaptação tecnológica. As operações não essenciais, entretanto, podem ser alteradas com maior facilidade, sem que haja comprometimento do processo de manufatura e/ou do produto.

No caso da faiança, deve-se, primeiramente, estar bastante ciente de se estar tratando uma categoria de material, que, ao que se conhece, trata-se, no Brasil, de um material importado, principalmente de Portugal. Considerando este fato, Marcos Albuquerque e

Veleda Lucena (2008), defendem que a identificação da faiança, do ponto de vista de sua produção, caberia aos pesquisadores europeus. Aos brasileiros, por sua vez, caberia o resgate de seu contexto sistêmico de uso, descarte e reutilização em sítios no Brasil. Considerando-se, no entanto, que no período, a produção da faiança não se limitava a oleiros portugueses; a produção desta louça, tanto na Europa, quanto na América Espanhola, sofria influências externas e internas por parte dos seus produtores; a influência chinesa, por exemplo, esteve presente desde o início. Por esta razão, a busca de relações comerciais requer muito cuidado na definição e estudo dos atributos.

Deve-se também considerar a ocorrência de uma “migração social” do material, quer seja por modismo, substituição por dano, ou “popularização” (baixa de custos, por exemplo) é uma outra situação que deve ser muito bem verificada. A “migração” poderá ser horizontal, como é o exemplo de uma louça do serviço de mesa, utilizada na sala de jantar substituída por outra, passando então a ser usada na cozinha. Caso a louça deixe de ser utilizada na casa do patrão, por exemplo, para ser utilizada na casa de um de seus empregados, terá havido uma migração social descendente. São muitas as variáveis que interferirão na identificação do poder aquisitivo daqueles que estão de posse do material estudado.

A longevidade diferencial do material (DEBOER, W., 1974) se constitui em um outro fator importante a ser considerado para que não se cometa erros interpretativos que venham a comprometer a compreensão da sociedade em estudo. A diferença observada na ocorrência e principalmente incidência de material arqueológico em um sítio está relacionada a uma gama de fatores. A matéria-prima é um desses fatores. Considerando que algumas matérias são mais resistentes de que outras, algumas ocorrências poderão não ser registradas no sítio, por terem desaparecido mediante a ação do intemperismo. Por outro lado, peças com a mesma matéria-prima, porém com funções diferentes poderão não estar devidamente representadas, como é o caso, por exemplo, do pote para armazenar água e o pote utilizado para transporte da água; a chance de quebra do recipiente utilizado para armazenar água é muito menor do que daquele que se utiliza para transportar o líquido da fonte para o depósito. A proporção real poderá ser até de 1/1, porém o arqueólogo poderá só encontrar o pote para transporte da água ou poderá encontrar uma proporção maior que 2/1.

A relação entre os aspectos morfológicos e a função das peças, associada a relações ergométricas não podem ser negligenciadas no estudo do material arqueológico. Entretanto, as limitações impostas pelo estado de fragmentação no qual se encontra o material, no caso

específico, a faiança, representam mais problemas que o arqueólogo tem que enfrentar durante a interpretação de uma sociedade, utilizando esta categoria de material como fonte.

Considerando as “fases de vida” de um artefato, é importante se ter em mente as transformações pelas quais ele passou desde o seu processo de elaboração, que deveria viabilizar a sua utilização conforme o projeto original para o qual foi concebido e materializado até o seu resgate e transformação em documento legível, de natureza material.

Muitas são as variáveis que interagem com um artefato no intervalo entre a sua concepção e o que o arqueólogo encontra. Durante toda a sua existência, o artefato é submetido a interferências físico-químicas que podem comprometer e até mesmo inviabilizar a função que lhe havia sido destinada; pode promover uma mudança de função ou destiná-lo a uma outra categoria de consumidor. Falhas técnicas durante o processo de fabrico podem, inclusive, transformar o artefato em elaboração em refugo antes mesmo de entrar em uso. Durante sua utilização o artefato também sofre a interferência de fatores físico-químicos, assim como acontece após o descarte, ou abandono.

Uma outra questão que precisa ser levada em consideração diz respeito a alterações na superfície das peças, provocadas por processos químicos, normalmente ocorridos após seu descarte. Estas alterações interferem na observação macroscópica da superfície das peças dificultando ou mesmo impedindo a visualização do acabamento da superfície, motivos e padrões decorativos e as cores aplicadas. Estas alterações podem obstruir a visualização de detalhes que podem ser esclarecedores para a identificação e classificação da peça em questão.

Nos exemplos abaixo, pode-se observar dois casos distintos em que alterações da superfície ocorridas pós descarte ou abandono das peças comprometem a captação macroscópica de dados durante o processo analítico.

Nas imagens abaixo, alterações da superfície das peças interfere em sua identificação e análise, podendo apenas dificultar a visualização de elementos visualizáveis macroscopicamente ou mesmo alterar quimicamente atributos de qualidade importantes. No prato à esquerda (Ilustração 29), a peça apresenta as superfícies irregularmente escurecidas por ação do fogo, o que dificulta sua visualização. No caso da tigela à direita (Ilustração 30), o escurecimento da superfície se deve a uma impregnação que bloqueia o acesso visual às superfícies.



Ilustração 29 - Prato fragmentado, encontrado no sítio arqueológico PE 0016 LA/UFPE. Produção seiscentista de origem portuguesa. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.



Ilustração 30 - Tigela fragmentada, encontrada no sítio arqueológico PE 0016 LA/UFPE. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

Como fonte de dados para este trabalho, foram utilizados documentos textuais, iconográficos e arqueológicos. Trabalhos de Arqueologia que proponham ou apliquem uma proposta de análise para a faiança arqueológica, e principalmente catálogos de museus, exposições, colecionadores e antiquários foram também consultados.

O material de museu e de coleções particulares que deram origem aos catálogos que são largamente consultados inclusive por pesquisadores que precisam de referenciais para classificar sua faiança são o que alguns autores se referem como sendo o material da exceção. Isto é, são peças provenientes de conventos e casas de famílias abastardas.

As informações textuais, primárias e secundárias, bem como as iconografias foram coletadas, tendo em vista a alimentação de um banco de dados de referência. Esta base de dados foi concebida com o objetivo de propiciar o intercruzamento e acesso rápido de dados de diferentes naturezas, de modo a fornecer subsídios para a identificação do material arqueológico em estudo, neste caso, a faiança.

No tocante ao uso da documentação textual e iconográfica, convém ressaltar que muito embora a interpretação arqueológica seja primordialmente baseada na documentação de natureza material, com o desenvolvimento da pesquisa interdisciplinar, todas as fontes disponíveis para uma interpretação arqueológica de um determinado grupo social são fundamentais para a constituição de um conhecimento mais amplo e detalhado. Ou seja, com

o desenvolvimento da pesquisa interdisciplinar, soluções similares para problemas igualmente similares, embora em diferentes especialidades passaram a ser aplicadas. A interdisciplinaridade, portanto, no caso específico das Ciências Humanas, tem contribuído fundamentalmente para a reconstituição, interpretação e compreensão de processos e contextos culturais. Através da interação entre disciplinas, o pesquisador visa ampliar seus dados e, conseqüentemente, aprofundar suas conclusões. Pois a partir da concatenação das informações, inúmeras questões poderão mais facilmente ser levantadas e exploradas não apenas pelo arqueólogo, mas também por pesquisadores de áreas afins como, por exemplo, da História, Antropologia, Etnologia, Lingüística, entre outras, tendo em vista a interdisciplinaridade inerente ao trabalho científico.

Registros gráficos e fotográficos, tais como pinturas, gravuras e fotografias, mapas e plantas fornecem subsídios importantes e interessantes para a reconstituição de uma paisagem física ou humana. A obra de pintores seiscentistas como Jan Jansz van de Velde, fornece uma grande contribuição aos estudos e identificação de peças de uso cotidiano.



Em pinturas de natureza morta, como no caso das imagens ao lado e abaixo, diversos objetos de uso cotidiano podem ser observados em cenas que representariam o contexto sistêmico no qual estariam inseridos. Nestes casos, atributos morfológicos, decorativos e de uso destes objetos se encontram referenciados do ponto de vista cronológico e espacial.

Ilustração 31 - Jan Jansz. van de Velde. Still-Life with Tall Beer Glass – 1647. Rijksmuseum, Amsterdam



Ilustração 32 - Jan Jansz. van de Velde. Still-Life with Römer, Flute Glass, Earthenware Jug and Pipes – 1651. Rijksmuseum, Amsterdam

Considerando que as Ciências Humanas compartilham o mesmo objeto de pesquisa, ou seja, o Homem, enquanto ser social, a diferença entre os trabalhos estará na abordagem, considerando a natureza de seus dados e conseqüentemente suas técnicas de trabalho. Assim a natureza das informações resgatadas durante o processo de análise e interpretação será distinta; própria de cada área do conhecimento. Convém ressaltar, no entanto, conforme observa Lucena (1986), que o estudo interdisciplinar somente será realmente válido quando o pesquisador, ao aplicar teorias e técnicas específicas de outras disciplinas em seus trabalhos, procurar ajustá-las, evitando a transposição direta.

É bem verdade que até muito recentemente, Arqueologia era, por assim dizer, sinônimo de Pré-História. O objeto de estudo da Arqueologia eram os vestígios materiais de populações ágrafas e que se encontravam temporalmente distantes. Pesquisadores que se dedicavam ao estudo de sociedades que dispunham de fontes de outra natureza além da material, como é o caso dos documentos textuais (históricas), orais e iconográficos, tiveram que enfrentar o menosprezo daqueles que se consideravam verdadeiros arqueólogos, por trabalharem apenas

com sociedades cujo conhecimento da existência e compreensão dependiam exclusivamente da Arqueologia, uma vez que não se dispunha de nenhuma outra fonte de informação a seu respeito além da documentação material. Com base nesta concepção, os arqueólogos que se dedicavam ao estudo de sociedades produtoras de documentação escrita, não estariam realizando uma pesquisa científica. Muitos autores se referiam a este ramo da Arqueologia como sendo uma técnica ou uma disciplina auxiliar da História. Ela viria a complementar, comprovar ou negar determinadas ocorrências históricas registradas na documentação textual, iconográfica ou mesmo na tradição oral.

A Arqueologia Histórica, como ficou conhecido este ramo da Arqueologia, gerou, desde o início, polêmica e questionamentos quanto a sua validade e, conseqüentemente, muito preconceito. Os trabalhos na área da Arqueologia Histórica, no entanto, vêm crescendo ao longo dos anos e conquistando respeito entre os arqueólogos. Cada vez mais arqueólogos se dedicam à Arqueologia Histórica; maior é o número de trabalhos realizados; teorias e técnicas específicas foram criadas.

Atualmente, o arqueólogo histórico, muito embora esteja abordando sociedades que produz farta documentação textual, realiza trabalhos paralelos àqueles desenvolvidos por historiadores. Fornece dados para a reconstituição histórica, sem dúvida, mas não mais como meros complementos, atendendo às necessidades do historiador simplesmente. Seu trabalho possui independência científica; tem problemas próprios e os dados históricos, bem como aqueles oriundos de outras áreas do conhecimento, entram como complemento, dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Vale ressaltar que, diferentemente do historiador, o arqueólogo histórico resgata e “transcreve” uma documentação que não se apresenta comprometida por versões tendenciosas, que refletem interesses de divulgação de informações específicas. Documentação esta repleta de historicidade.

O acesso às informações contidas no documento material requer estabelecimento de critérios analíticos mínimos que conduzam à realização de uma análise minuciosa e interdisciplinar. Critérios que sejam objetivos e permitam a comparação e intercâmbio entre pesquisadores de suas conclusões ou resultados, bem como a comparação do material arqueológico que esteja sendo trabalhado. Trabalhando no sentido de alcançar tal objetivo, Albuquerque (1995) escreveu que “Caso consigamos alguma aproximação nesta direção, com certeza a pesquisa arqueológica histórica acelerará o seu processo operacional e sobretudo atingirá resultados que transcenderão o sítio escavado”.

Albuquerque (1988), no entanto, adverte que para que a obtenção dos resultados almejados seja alcançada, os trabalhos de campo e de laboratório deverão ser orientados no sentido de permitir uma perfeita contextualização espacial do material arqueológico encontrado.

Admitindo-se a confiabilidade da amostra, o material passa, então, a ser submetido à análise, classificação, descrição e interpretação, de acordo com a concepção analítica do pesquisador, seus pressupostos teóricos, suas preocupações e objetivos, bem como seus recursos técnico-metodológicos. A abordagem do material estudado, no caso específico a faiança, tem sido abordada sob aspectos distintos: tecnológico, morfológico, estilístico, funcional, de uso, abandono ou descarte. O aspecto tecnológico tem sido o mais explorado, tendo em vista ser um dos mais concretos além de ter interferência sobre os demais. É, muitas vezes, a partir de características tecnológicas que se pode inferir quanto ao seu uso ou função, ou seja, características técnicas podem viabilizar ou não um determinado uso do material. Todos esses atributos, a despeito de serem mencionados como importantes para a identificação da origem e cronologia da faiança, bem como seu uso e função na sociedade estudada, não vinham sendo efetivamente abordados na análise até muito recentemente. Até o final do século XX, os atributos que se apresentavam norteando as classificações desta categoria de material ainda eram os estilísticos, mais especificamente os motivos e padrões decorativos.

Quanto à análise do material móvel, no caso específico deste trabalho, a faiança, convém esclarecer que, o universo trabalhado consiste no universo dos fragmentos e não das peças inteiras, uma vez que esta é a realidade do sítio. Considerando as possíveis deturpações que a análise de peças poderia promover, a partir de estatísticas fundamentadas em bases errôneas, os fragmentos foram abordados buscando a identificação das peças que constituíam. Muito embora todos os fragmentos sejam analisados mesmo quando não permitem o preenchimento de todos os itens da tabela de análise, apenas os representantes de todas as ocorrências registradas estão sendo apresentados neste trabalho. Ou, seja, a Coleção de Referência da Faiança do Forte Orange constitui o catálogo que representa os tipos e suas variações encontrados no Forte.

Do ponto de vista técnico, considerou-se de significativa importância identificar as diferentes pastas utilizadas na confecção das peças; as diferenças na homogeneidade de espessura e perfil da parede das peças; e as diferenças na esmaltação do biscoito⁶,

⁶ O termo “Biscoito” é utilizado para designar uma peça em cerâmica, que não recebeu nenhum banho ou pintura após a queima que o transformou de uma peça em argila em cerâmica.

considerando o banho de acabamento da superfície e a decoração. Também se levou em consideração a relevância em se estabelecer uma escala ordinal para a avaliação da qualidade de execução do trabalho de manufatura do material em estudo. Considerou-se importante que esta avaliação da qualidade da confecção deveria estar repetida nas tabelas, porém sempre associada a itens diferentes. Estes foram, portanto, os critérios técnicos que, associados a critérios funcionais e de uso, foram utilizados na elaboração dos tipos de faiança que estão representados na Coleção de Referência do Forte Orange.

No estudo dos atributos técnicos da faiança, o primeiro a ser considerado no processo de elaboração de uma peça, após sua concepção, consiste na escolha e preparação da matéria prima, no caso, a argila e possíveis combinações que possam ter sido anexadas intencionalmente, tendo em vista a obtenção de qualidades específicas desejadas.

No que se refere à faiança, não se tem referência à inclusões intencionais no processo de preparação da pasta para elaboração do biscoito. Sabe-se, no entanto que a prática de correção da plasticidade da pasta, tão buscada na análise da cerâmica pré-histórica, é um procedimento normal no processo de elaboração da cerâmica, uma vez que nem sempre se dispõe de argilas que apresentam a plasticidade ideal para o manuseio. Mesmo quando a argila não requer correção da plasticidade, é comum se acrescentar algum componente ou mesmo misturar argilas distintas tendo em vista a obtenção de determinadas propriedades. A possibilidade de alteração da argila em suas qualidades originais, conforme encontrada na fonte, pode dificultar a identificação da fonte desta matéria prima que foi explorada por determinado oleiro ou por determinado centro de produção. No entanto, as características finais da pasta poderão conduzir a informações que esclareçam sua origem de produção. O resgate de informações desta natureza é importante para o estudo das relações comerciais estabelecidas entre os fornecedores destes produtos, no caso a faiança, e seus consumidores, mesmo quando intermediados pela Coroa Portuguesa, por exemplo.

A caracterização da pasta da faiança, a partir da aplicação de processos físico-químicos em sua análise, tais como a Fluorescência de Raios X, a Difratometria de Raios X, a Análise Petrográfica por Lâmina Delgada, a Microscopia Eletrônica de Varredura e as análises Termo-Diferencial e Termogravimétrica possibilita o resgate de informações importantes para a compreensão de processos de natureza técnica, ou seja, do processo de manufatura da peça em estudo. A caracterização de elementos da tecnologia empregada na elaboração da peça, no que se refere à pasta e queima, e conseqüentemente o resultado desta combinação possibilitará a identificação do possível centro de produção, ou mesmo do produtor

específico. Estes estudos possibilitam a associação com a fonte de argila utilizada e também a avaliação do domínio que o produtor tinha do processo de manufatura da faiança. Todos estes dados intecruzados possibilitam uma melhor compreensão da sociedade produtora e consumidora desta categoria de material.

A caracterização da pasta da faiança tem apresentado avanços a partir do momento que tem se utilizado de procedimentos e instrumentos mais sofisticados como é o caso, por exemplo, da Análise Petrográfica por Lâmina Delgada cujo principal objetivo consiste na identificação mineral das inclusões não-plásticas a partir das suas propriedades ópticas.

A utilização do Microscópio Eletrônico de Varredura, MEV (Scanning Electron Microscope, SEM, no inglês) na análise da pasta da faiança arqueológica também tem trazido contribuição ao estudo da faiança no momento em que permite a obtenção de informações estruturais e químicas de amostras.

Cada uma das técnicas acima mencionadas apresenta vantagens e limitações. A Fluorescência de Raios X, por exemplo, merece um destaque especial por se tratar, em princípio, de uma técnica não destrutiva, ou seja, que não compromete a integridade da amostra estudada. Na realidade, algumas considerações devem ser levantadas, tendo em vista a confiabilidade dos resultados. A aplicação da Fluorescência de Raios X para identificação dos elementos químicos componentes da pasta da faiança através da camada de esmaltação da superfície requer uma regulagem especial para que o ponto medido seja realmente da pasta sem a contaminação dos pigmentos do banho que a peça recebeu como acabamento da superfície ou decoração. As medidas podem ser realizadas em trechos da peça sem a presença do esmalte, incluindo o núcleo exposto após a quebra. Nestes casos, realmente não há necessidade de se remover o esmalte para poder realizar a medida ou, de efetuar os ajustes e correções que seriam necessários no caso da realização da medida através da camada de esmalte.

Em linhas gerais, Asfora (2010) descreve a fluorescência de raios X (FRX ou XRF, do inglês X-Ray Fluorescence) como uma técnica “baseada na medida da intensidade dos raios X característicos emitidos pelos elementos químicos constituintes da amostra.” (Op. cit., 2010, p. 16). E ressalta como vantagens de sua aplicação “a simplicidade da técnica, a análise rápida e multielementar, a adaptabilidade para automação e a não necessidade de preparação destrutiva da amostra exigida pela maioria dos outros métodos analíticos” (Ibidem)

Conforme Asfora (Op.cit.), até meados do século XX, a análise de fluorescência de raios X era realizada através de dispersão de comprimento de onda (WDXRF - Wave Length Dispersive X-Ray Fluorescence), até que avanços na área permitiram o desenvolvimento de outras técnicas de identificação dos raios X característicos, podendo-se citar a fluorescência de raios X por dispersão de energia (EDXRF - Energy Dispersive X-Ray Fluorescence), que pode ser realizada por reflexão total (TXRF – Total Reflection X-Ray Fluorescence) ou fluorescência com microfeixe (μ -XRF – Micro X-Ray Fluorescence).

Uma outra utilização da radiologia que pode trazer interessante contribuição à análise da faiança arqueológica é a Difratomia de Raios X. Esta técnica permite a identificação da estrutura cristalina dos minerais contidos na amostra estudada. No caso da faiança, nem todos os minerais aparecem nos difratogramas, já que muitos se apresentam amorfos após a queima. Esta técnica vinha sendo aplicada ao estudo da pasta cerâmica e da temperatura de queima à qual teria sido submetida no processo de manufatura das peças. A identificação da composição da pasta através dos difratogramas apresenta limitações em função da modificação da estrutura dos elementos minerais após a queima quando, dependendo da temperatura atingida, alguns terão fundido e, conseqüentemente, se apresentam amorfos, não sendo, portanto, registrados.

Baseando-se no fato de que ao atingirem seu ponto de fusão os minerais irão fundir e perder sua estrutura cristalina, tem-se utilizado a Difração de Raios X para identificar a temperatura atingida na queima. O referencial estará baseado na presença do mineral registrado no difratograma cuja temperatura de fusão seja a mais baixa. Pode-se, neste caso, afirmar que a queima que o material em questão recebeu não atingiu a temperatura de fusão do referido mineral. Esta técnica pode ser muito útil no estudo, por exemplo, de conjuntos de cerâmica pré-histórica, mas no caso da faiança não se espera obter informações decisivas no que se refere à identificação e classificação das peças, pois a variação de temperatura é muito pequena e bem conhecida. No entanto, a possibilidade de se identificar a temperatura específica de conjuntos poderá conduzir à identificação da temperatura padrão de determinado produtor. Assim sendo, convém verificar esta possibilidade. O resultado da queima sobre o produto final, poderá possibilitar algumas associações com relação ao produtor.

Uma outra consideração no que se refere à utilização da Difratomia consiste no fato desta ser uma técnica necessariamente destrutiva. A preparação da amostra requer a retirada de uma lâmina de uma porção da pasta que não deverá apresentar qualquer contato com a

superfície. A amostra obtida deverá ser triturada (cominuída utilizando um pistilo) em recipiente que evite a possibilidade de contaminação, como por exemplo, um recipiente de ágata, e em seguida peneirada, tendo em vista a obtenção da granulometria desejada (ASFORA, 2010).

Além da Difratometria, Asfora (Op. cit) aponta ainda a utilização da análise Termo-diferencial e Termogravimétrica ao estudo do processo de queima da cerâmica, mais especificamente, no que se refere à temperatura. A mesma observação que se fez ao se considerar o estudo da queima da faiança através da aplicação da Difratometria pode ser repetida, sem dúvida, no que se refere à análise Termo-diferencial e Termogravimétrica. Entretanto, é interessante conferir a validade de sua aplicação à faiança.

Convém ressaltar que, apesar dos argilominerais normalmente apresentarem comportamento térmico semelhantes, como desidratação e transformações de fase, a incorporação de outros elementos, minerais ou não, interferem diretamente no resultado da produção. A este respeito, Asfora (Op. cit.) ressaltou que

Segundo GRUN (2007), a presença de sílica livre em forma de quartzo diminui a plasticidade, e aumenta a permeabilidade de modo a controlar a retração dos componentes cerâmicos. Esta característica favorece as ações que envolvem a manipulação dos tijolos. Por outro lado, a presença de sílica pode ser indesejada visto que, durante o tratamento térmico de sinterização ocorre a transformação do quartzo α para quartzo β , que pode gerar a introdução de defeitos como a formação de trincas, e que pode ser refletido em propriedades importantes como absorção de água e resistência à fratura. (ASFORA, 2010, P. 81).

Asfora (Op. cit.), mais uma vez cita GRUN (2007), e observa que “[...] a presença de calcita (CaCO_3) em pequenas quantidades, auxilia como fundente e ajuda a minimizar trincas.” (ASFORA, 2010, P. 87).

É possível que a utilização destas técnicas possam realmente contribuir para a identificação de elementos que conduzam ao estabelecimento de conjuntos, por tipo de pasta e queima, que possibilitem a associação com os centros de produção e até mesmo do produtor da faiança.

Calado (2003) se refere à existência de manuais que os oleiros deveriam seguir, mantendo a sua produção rigorosamente controlada. Estes manuais determinavam, segundo Calado (Op. cit.), desde as características da pasta até o acabamento final da produção.

Um dos aspectos considerados de maior importância, unanimemente reconhecido, é o morfológico, devido, sobretudo, a sua relação com a função a qual será destinado o material. Considerando-se, no entanto, as limitações impostas pelo estado de fragmentação em que o arqueólogo encontra o seu material, o estudo morfológico da faiança tem apresentado dificuldades para os pesquisadores que estudam este material arqueológico. Morfológicamente, portanto, buscou-se decompor as partes das peças, uma vez que, na maioria dos casos, se trabalhando com fragmentos que não apresentam todas as partes da peça, ou seja, pode ser um fragmento de base ou só de bojo, ou de borda, ou mesmo ser um fragmento de alça ou de bico. O diâmetro da borda e/ou da base só foram registrados apenas quando realmente ofereciam confiabilidade, entretanto estas informações foram trabalhadas sob a forma de uma escala de conjunto de dimensões. Igualmente, a reconstituição morfológica só será realizada quando não houver possibilidade de erro. A identificação funcional da peça, em função da morfologia, foi buscada, porém também dependendo da confiabilidade dos dados. Obviamente também se buscou observar marcas de uso.



Ilustração 33 – Escarradeira produzida na Fábrica de Faiança de Massarelo, Porto, Portugal, no século XVIII. Acervo da Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.

Peças como a escarradeira ou cuspideira ao lado, por se tratar de peças que, geometricamente apresenta formas distintas, poderia facilmente gerar erros durante a sua reconstituição morfológica. Dependendo do fragmento resgatado, poder-se-ia identificar e reconstituir uma travessa pequena e um urinol, por exemplo. No mínimo se teria identificado duas peças distintas, do mesmo conjunto.

O acabamento da superfície inclui desde o banho monocromático que o biscoito recebe e que poderá servir de fundo para a aplicação de uma decoração pintada até a aplicação dessa modalidade de decoração. O estudo do acabamento de superfície que a peça em faiança recebeu, possibilitará, em uma primeira instância, o resgate de informações importantes no que se refere à cronologia e origem de produção, através da caracterização dos pigmentos utilizados. Os pigmentos possuem uma formulação específica que tem uma cronologia de surgimento, comercialização e substituição bem definidas, muito embora determinados óxidos possam ser encontrados em pigmentos distintos. Considerando, portanto, a presença

de determinados elementos na composição de mais de um pigmento, ou mesmo sua presença ao acaso, como impureza, a caracterização dos pigmentos deverá transcender a fase de identificação de seus componentes. A identificação qualitativa e quantitativa dos elementos componentes dos pigmentos pode representar especificidades do centro produtor ou até mesmo do próprio produtor. Já a identificação da fórmula do pigmento, no entanto, além de atender a particularidades relacionadas à origem de sua produção, fornecerá elementos relativos a sua cronologia.

A partir da aplicação de processos físico-químicos o estudo dos pigmentos passou realmente a trazer contribuições importantes para o estudo da faiança arqueológica. Até então, o estudo do acabamento da superfície que a peça teria recebido restringia-se ao estudo da decoração pintada, atendo-se especificamente ao aspecto estilístico, que incluía uma descrição cromática genérica e o motivo ou padrão decorativo.

O acabamento da superfície se tornou um critério importante, objetivo, quando, em sua análise, incluiu-se a aplicação de processos como a Fluorescência de Raios X, a Difractometria de Raios X, a Microscopia Eletrônica de Varredura.

Calza (2008), por exemplo, realiza um estudo de pigmentos através da Fluorescência de Raios X. Neste seu trabalho, a autora ressaltar alguns problemas com os quais os pesquisadores podem se deparar e que dificultarão sua análise, requerendo a utilização de técnicas complementares. Em primeiro lugar, convém estar ciente de que esta técnica é capaz de determinar apenas a composição elementar, mas não a química ou geoquímica do material analisado; em segundo lugar, os elementos de baixo número atômico, ou seja, inferior a 15 (fósforo) não são diretamente detectados. Convém também observar que Calza (Op. cit.) ressaltar que a identificação do pigmento analisado nem sempre é simples e livre de ambigüidade, uma vez que algumas variáveis podem interferir na leitura dos resultados. Pode ocorrer, por exemplo, que compostos que diferem apenas pelas frações de massa de alguns elementos constituintes dêem origem ao mesmo pigmento; ou que a distinção entre a ocorrência natural ou artificial de determinado componente, dependa apenas das impurezas presentes; ou pode ainda acontecer de pigmentos apresentarem diferentes modificações cristalográficas (CALZA, 2008, p. 13).

No que se refere à decoração, buscou-se inicialmente identificar a modalidade adotada no processo de elaboração das peças, para então se observar o(s) motivo(s) e padrões decorativos; o local da decoração; e as cores da decoração pintada. As marcas e referências

de fabricantes, bem como monogramas e brasões foram trabalhadas juntamente com a decoração, tendo-se, porém identificado de que se tratava.

A despeito de todos os avanços se tem constatado através de uma avaliação da produção arqueológica no que se refere à abordagem e análise da faiança, a classificação desta categoria de material ainda se encontra alicerçada, principalmente, em elementos estilísticos, decorativos, a partir da consulta à catálogos de antiquários e colecionadores. Ou seja, a identificação e classificação da faiança ainda se apresenta predominantemente baseada em critérios artísticos, mais especificamente nos motivos e padrões da decoração pintada.

Considerando-se o fato da decoração, enquanto motivo ou padrão, estar relacionada aos elementos não essenciais do processo de elaboração da faiança, sua abordagem precisa ser repensada. Uma decoração, por se tratar de um elemento não essencial, apresenta uma flexibilidade que permite facilmente modificações, a introdução de novidades e está sujeito a modismos. Um motivo pode se perpetuar ao longo de um tempo considerável ou pode desaparecer e retornar. Entretanto, mesmo a aplicação de um motivo ou padrão decorativo atende a exigências do mercado. Eles refletem gostos e modas de um determinado período, ou de uma determinada categoria da sociedade. O aparecimento de peças que apresentam determinada decoração, em um contexto arqueológico, no entanto, não significa que o contexto sistêmico ao qual aquela peça pertencia corresponda às expectativas que se tem com relação à ela. Ou seja, a identificação de um motivo ou padrão decorativo no material estudado poderá representar diferentes situações. Poderá, por exemplo, corresponder a réplica de peças mais antigas, heranças de família, reprodução de motivos antigos ampliando as possibilidades de escolha dos consumidores, porém sem constituir moda. Poderia estar adornando peças em uso corrente ou ser o descarte de peça que vinha sendo guardada por motivos sentimentais, que perderam o sentido. Convém ainda não esquecer a interferência de variáveis como a possibilidade de migração social do material ou mesmo, de se estar tratando de um dos períodos em que a referida decoração estivesse na moda, considerando a recorrência da moda, e se acreditar estar trabalhando em um período quando na realidade o contexto cronológico fosse outro.

Considerando, portanto, a subjetividade e conseqüentemente, a fragilidade da identificação da faiança com base na decoração, mas ciente da potencialidade e das limitações que este conjunto de atributos pode trazer ao conhecimento sobre esta categoria de material e seu contexto sistêmico, convém avaliar a sua abordagem. Os maiores avanços recentes no que se refere à análise da decoração consistem na aplicação de procedimentos físico-químicos ao

estudo dos pigmentos utilizados na decoração das faianças, conforme já se mencionou e descreveu anteriormente.

Considerando-se a importância da identificação morfo-funcional da faiança para a compreensão do cotidiano dos ocupantes do Forte Orange a partir de sua construção em 1631, buscou-se abordar a faiança resgatada nas escavações prioritariamente mediante critérios funcionais, filiando os fragmentos aos subsistemas básicos e macro-categorias funcionais.

Inicialmente os exemplares desta categoria de material proveniente das escavações realizadas no Forte foram organizados nas seguintes categorias: ***Material relacionado à alimentação; Material Lúdico; Material relacionado à saúde; e Material não identificado.*** Todas as categorias foram subdivididas, buscando-se associar e utilizar critérios tecnológicos, morfológicos, cronológicos e de procedência.

Os dados obtidos durante a análise estavam destinados a alimentar tabelas estatísticas e um banco de dados, tendo-se em vista o arranjo de atributos que reflitam cronologia, morfologia funcional, procedência e informações sócio-econômicas da sociedade que se está estudando. A subjetividade dos dados associada ao estado de conservação e fragmentação da maioria das peças em faiança, resgatadas durante as escavações realizadas no Forte nos anos de 2002 e 2003, comprometeu a busca de relações a partir do resultado de cálculos estatísticos. A necessidade de homogeneização e equivalência dos dados a serem tratados estatisticamente comprometeu a aplicação de determinados cálculos.

A utilização dos procedimentos estatísticos consiste em um importante recurso na busca de relações entre os itens analíticos, de modo a constituir tipologia confiável, no caso, para esta categoria de material, que deveria estar organizada dentro de categorias funcionalmente estabelecidas. Mediante cálculos de correlação linear, parabólica e hiperbólica e de multivariância de atributos técnicos, morfológicos, estilísticos, de uso e reutilização se pretendeu alcançar o estabelecimento dos tipos que deverão, portanto, ser estabelecidos a partir de um amplo e objetivo conjunto de atributos inter-relacionados (Spalding, 1960). Vale ressaltar que os tipos deverão refletir cronologia, procedência, função, relações sócio-econômicas. Indubitavelmente as combinações técnicas e estilísticas observadas na faiança refletem distintas fontes produtoras e cronologias, além do perfil de seus consumidores.

O estudo tipológico, com conceitos e definições explicitados, deverá permitir a comparação deste material com o de outros sítios e o intercâmbio entre os pesquisadores que se dedicam ao estudo desta mesma categoria de material. Esperava-se, portanto, com este trabalho, contribuir para amenizar as dificuldades com as quais o arqueólogo se depara ao tentar transcrever uma parte da documentação material produzida por um determinado grupo social que esteja estudando: a faiança. Pretende-se, com este trabalho, contribuir para que esta categoria de documentação possa se transformar em um texto mais legível e confiável. E, através do melhor acesso a esta leitura, possibilitar uma maior aproximação do pesquisador com o seu objeto de estudo.

No caso específico deste trabalho, por abordar, como estudo de caso, a faiança do Forte Orange, localizado na Ilha de Itamaracá-PE, pretende ainda, fornecer subsídios para o resgate do contexto sistêmico do Forte. Convém deixar claro, no entanto, que o estudo da faiança não é suficiente para explicar o Forte, mas contribuirá para o seu entendimento. De modo análogo, o estudo do contexto sistêmico do Forte, por sua vez, contribuirá para uma reconstituição histórica e arqueológica mais acurada do processo de colonização do território brasileiro, e, conseqüentemente da formação da identidade histórico-cultural brasileira.

A identificação cronológica da faiança do Forte Orange, tomou principalmente como base as cronologias estabelecidas por Paulo Tadeu de Albuquerque. Entretanto, considerando a datação mais antiga apresentada por outros autores para peças similares àquelas que se estava classificando, optou-se por recuar o referencial cronológico do material em questão, ou seja, optou-se por considerar como referencial cronológico a datação mais antiga desde que as peças apresentem condições de identificação.

Na realidade, a cronologia da faiança resgatada no Forte Orange foi identificada em função de um conjunto de atributos combinados, incluindo o motivo e padrão decorativo. Considerou-se características, em princípio macroscopicamente observáveis da pasta, da espessura e morfologia da parede, do esmalte e da decoração.

Optou-se neste trabalho por se trabalhar com a coleção de referência do Forte Orange, no tocante à faiança. Convém explicitar, nesta oportunidade, que a coleção de referência consiste no conjunto de peças que representam os atributos de qualidade e suas variações registrados no sítio. Ou seja, a faiança resgatada nas escavações realizadas no Forte nos anos de 2002 e 2003 se encontra representada em sua totalidade na Coleção, que inclui todas as características, quer sejam técnicas, morfológicas, estilísticas, funcionais, de uso ou de

reutilização observadas durante a análise. A Coleção de Referência inclui, portanto, um exemplar que representa cada uma destas características. Convém esclarecer que esta Coleção, apesar de representar qualitativamente a faiança encontrada no Forte, não a representa em termos quantitativos. No entanto, vale ressaltar que, nesta instância, o objetivo esteve voltado para a identificação de tipos. A incidência dos tipos no sítio será abordada em trabalho posterior.

Os tipos de faiança registrados no Forte Orange se foram apresentados sob a forma de um catálogo que acompanha esta dissertação, como apêndice. Em sua constituição foram consideradas combinações de distintas características de pasta, espessura de parede, perfil/contorno morfológico, esmalte do acabamento da superfície, técnica, local e pigmento utilizado na elaboração da decoração, motivo e padrão decorativos.

Visando a facilitação do acesso e comparação da faiança encontrada no Forte por outros pesquisadores que estejam trabalhando com esta mesma categoria de material, estabeleceu-se uma consulta ao banco de análise, buscando a apresentação, sob a forma de um catálogo, dos tipos de faiança definidos durante a análise. Convém esclarecer que a consulta em questão não consiste na explicitação do intercruzamento dos dados tendo em vista o estabelecimento dos tipos, mas sua apresentação. O objetivo deste catálogo, no entanto, não é apenas apresentar, visualmente, os tipos de faiança encontrados no Forte Orange, mas, principalmente facilitar sua consulta e comparação. Estabeleceu-se, portanto, uma seqüência hierárquica na qual os atributos foram arranjados⁷ em função da facilidade com a qual seriam percebidos.

Não é necessária uma análise das características da faiança para que se possa identificar qual o atributo que mais prontamente se destaca. À primeira observação do material, dispensando mesmo qualquer procedimento analítico, sua coloração chama logo a atenção. Quer se trate de um banho monocromático que recubra a peça em questão, quer se trate da cor da decoração aplicada sobre sua superfície, inquestionável e involuntariamente consiste no primeiro registro que se faz da peça. Registro este apenas a nível de percepção, mas que não corresponde, neste caso específico, ao primeiro passo na seqüência analítica. Convém ressaltar que a ordenação classificatória da faiança, ao ser submetida ao processo analítico, não corresponde àquela que foi adotada na apresentação do catálogo. O catálogo contém os

⁷ Mat.. Subconjunto ordenado de um conjunto finito.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Eletrônico versão 5.12**. Edição eletrônica autorizada à POSITIVO INFORMÁTICA LTDA. 2004.

resultados da análise, já textualizados e objetivamente reduzidos, porém a sequência analítica adotada ao ser posta em prática, seguem uma lógica, em patamares. Tendo-se concluído que o atributo cuja identificação mais imediata é o cromático, determinou-se, então, que a cor seria a “cabeça de chave” deste catálogo. Muito embora o elemento cromático esteja diretamente relacionado ao acabamento da superfície, em uma primeira instância e também à técnica de decoração, a cor da pasta extrapola a sequência do processo de manufatura das peças, no momento da percepção imediata das peças. O atributo cromático, no que se refere à decoração, está relacionado à técnica, ou seja, à pintura, que pode estar ou não associada à decoração plástica. Porém, a observação da peça no tocante à técnica de decoração, pode revelar fontes produtoras ou períodos cronológicos distintos.

Poder-se-ia considerar a técnica de decoração como base, considerando sua identificação. Em seguida, o material foi ordenado por origem e cronologia de produção. Obviamente estes dados não se apresentam tão claramente identificáveis, a partir da imagem.

Outro elemento que facilita a identificação e comparação macroscópica de peças em faiança com os tipos identificados e apresentados no catálogo, consiste na observação dos motivos decorativos. Convém esclarecer, nesta oportunidade que os atributos considerados na constituição dos tipos que não são percebidos através da imagem, não serão evidenciados neste catálogo.

2. A FAIANÇA DO FORTE ORANGE

A análise da faiança resgatada nas escavações realizadas no Forte Orange revelou a diversidade do material do ponto de vista técnico e estilístico. Algumas experiências foram realizadas no sentido de tornar cada vez menos subjetiva a observação e constatação, até então macroscópica, de atributos de qualidade que caracterizam a esta categoria de material arqueológico. Foram detectadas diferenças de pasta, homogeneidade na espessura da parede, morfologia, esmalte e decoração.

Macroscopicamente, registrou-se, dentre os fragmentos de faiança resgatados nas escavações realizadas no Forte Orange variações técnicas que podem ser indicadores de diferentes fontes produtoras, momentos cronológicos distintos, ou até mesmo, em alguns

casos, as diferenças registradas podem refletir falhas de determinado lote, em função da alteração de algum dos elementos da produção. Também se considerou a possibilidade de diferenças observadas no que se refere ao cuidado no processo de elaboração de peças, estarem relacionadas ao perfil do consumidor para o qual, em princípio, estaria voltada a produção.

No que se refere à pasta, foram observadas diferenças de cor, granulometria, porosidade, textura e dureza, além de se ter assinalado a presença de concreções de dimensões variadas, atribuindo à pasta uma aparência desuniforme. Estas alterações podem refletir diferenças cronológicas, de origem de produção ou até mesmo podem estar relacionadas ao valor de mercado ou ao perfil do consumidor ao qual estariam destinados os produtos com estas qualidades.

No que se refere à qualidade da faiança, ou seja, ao cuidado na elaboração das peças em faiança, algumas questões podem ser levantadas. Primeiramente, pode-se citar os trabalhos de Paulo Tadeu de Albuquerque (1991; 2008) que procurou estudar relações comerciais a partir do estudo das peças produzidas para exportação, distinguindo-as daquelas produzidas para o consumo interno e das colônias.

Uma outra questão que deve ser considerada, também referente à qualidade das peças, diz respeito ao fato de Portugal ter começado a perder espaço no mercado externo, no final do século XVII. Sabe-se, por exemplo, que na segunda metade do século XVII, a Holanda passou a produzir a sua própria faiança, afetando a produção portuguesa. O governo holandês manteve, no período, medidas protecionistas para estimular a produção da faiança. A Holanda, que até então consumia a faiança portuguesa, não apenas deixou de integrar o mercado consumidor para esta categoria de material, como passou a disputar com Portugal o mercado internacional. As perdas que os produtores de faiança portuguesa e seus comerciantes enfrentaram no mercado externo e, conforme observa Etcheverne (2006), a falta de exigências do mercado interno, acarretou uma queda na qualidade da produção da faiança em Portugal. O autor (Op. cit.) observa ainda que a partir de então, a produção portuguesa passou a sofrer alterações que vieram a conferir, posteriormente, um caráter mais rústico a faiança.

Descuido no processo de acabamento das peças e rusticidade são duas características distintas que podem ser detectadas, tornando possível, por exemplo, identificar o contexto cronológico e econômico em que as peças poderiam estar inseridas.

No tocante à cor, a pasta da faiança encontrada nas escavações realizadas no Forte Orange se apresenta variando de uma tonalidade esbranquiçada a avermelhada, podendo-se observar tons de amarelo e laranja. Argilas macroscopicamente diferentes significam composições diferentes, porém podem apresentar propriedades equivalentes. Em princípio, alteração na argila representa um ajuste no processo de fabrico da faiança.

Buscando-se identificar objetivamente as diferenças macroscopicamente observadas na pasta das peças do Forte, submeteu-se um conjunto de fragmentos de peças em faiança à Fluorescência de Raios X.

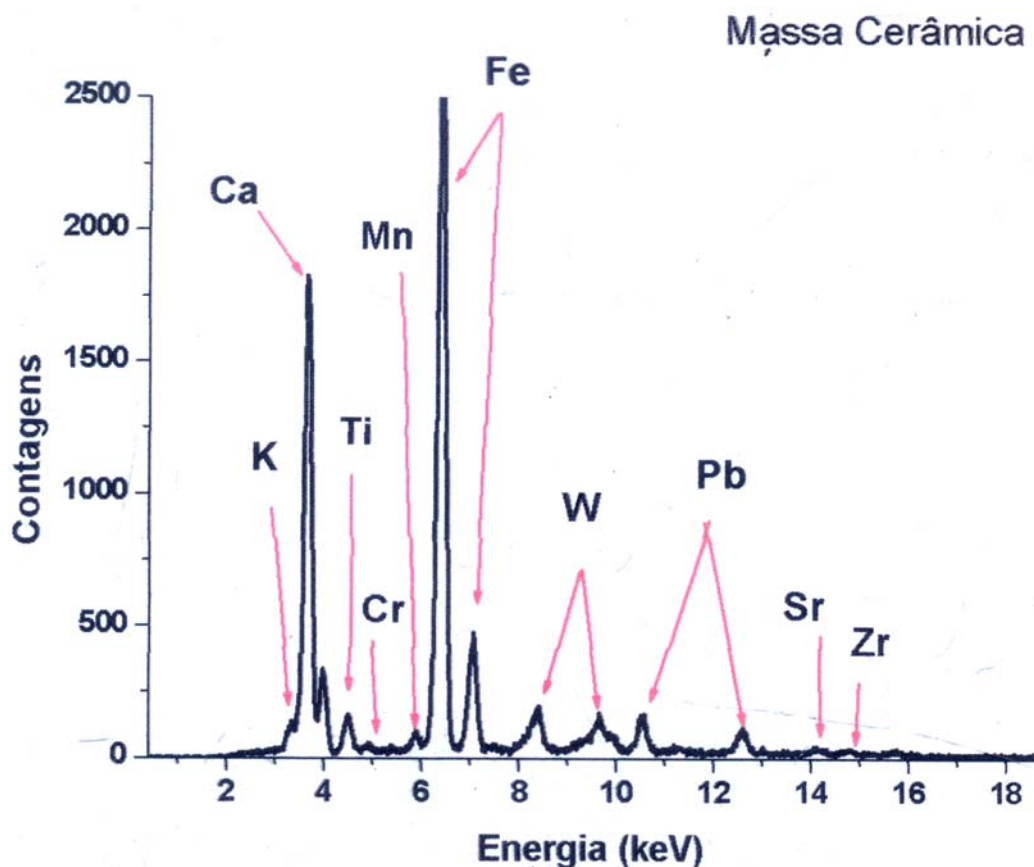


Ilustração 34 – Espectro de Fluorescência de Raios X de pasta de faiança do atual Forte Orange. Grupo de Metrologia Arqueológica e do Patrimônio (MAP) da UFPE.

Obteve-se, em uma fase preliminar, uma representação gráfica dos componentes químicos existentes na pasta das peças submetidas ao processo. Observou-se que os dois maiores picos exibidos no gráfico abaixo, correspondem ao ferro (Fe) e ao cálcio (Ca). Em menor quantidade foram registrados Ti, Cr, K, Mn Sr e Zr. Sendo esta uma etapa caracterizada por

um resultado genérico, parcial, não se apresentou diferença na composição da pasta das peças que pudesse distingui-las.

O refinamento da análise, através da aplicação de técnicas complementares, mais específicas possibilitará a identificação de particularidades de cada amostra. Este refinamento ainda se encontra em fase de processamento.

No processo de preparação da pasta, observa-se a inclusão de concreções vermelhas. Em alguns casos, estas concreções se apresentam em tamanho tão pequeno que elas se tornam quase imperceptíveis macroscopicamente, enquanto que em outros elas se destacam, revelando que se não foram intencionalmente inseridas, não houve preocupação em removê-las para se obter uma pasta homogênea.

Espaços vazios são observados no interior de algumas pastas. Estes espaços no interior de pastas de faiança não apresentam sinais de que seriam fruto do desaparecimento de matéria orgânica ou partículas de água. Possivelmente seriam espaços gerados por bolhas de ar aprisionado durante o manuseio da pasta. Atributos de qualidade tais como dureza, textura, porosidade e permeabilidade estarão relacionados à preparação da pasta e queima. A faiança não deverá ser porosa, no entanto, durante o processo de fabrico em fase anterior à esmaltação, a peça poderá apresentar porosidade. Esta porosidade poderá afetar a aderência do esmalte, embora não tenha sido necessariamente intencional.

As peças em faiança apresentam nítidas diferenças de fôrma e principalmente de forma. A homogeneidade de espessura das paredes das peças e a observação de marcas de complementação de partes da peça refletem a qualidade da fôrma utilizada em sua manufatura.

Do ponto de vista morfológico, a variação é muito grande. As peças podem apresentar formas básicas ou compostas. Uma grande diversidade de composições foi utilizada na produção da faiança. Considerando que o material resgatado nas escavações arqueológicas realizadas no atual Forte Orange se apresenta fragmentado, a reconstituição morfológica se tornou inviável na maioria dos casos, tendo em vista a gama de possibilidades de formas, principalmente quando se trata de formas compostas.

Dentre a faiança resgatada no Forte, no entanto, foram identificados contornos distintos de recipientes e fragmentos de borda, aba, bojo, asas/alças, bicos, bases e tampas.

A morfologia de algumas peças foram abordadas do ponto de vista decorativo. Considerando-se a modalidade de decoração plástica como responsável pelo contorno que a peça adquiriu, uma vez que o contorno de algumas peças moldadas foi considerado como decoração plástica moldada. O mesmo ocorreu com o aplique de asas e bicos que apresentavam contorno com detalhes em relevo. Algumas destas peças moldadas apresentam uma combinação entre as decorações plástica e pintada. Neste conjunto, destaca-se um bico antropomorfo, apresentando uma carranca em relevo pintado em azul e asas também conjugando as duas modalidades de decoração, apresentando-se em azul e em azul e vinhoso.

Alterações na superfície de algumas peças provocadas por processos químicos, ocorridos após o descarte, interferiram na identificação macroscópica do acabamento da superfície, decoração e cores dos pigmentos aplicados às peças.

No exemplo abaixo, pode-se observar alterações da superfície ocorridas pós-descarte ou abandono da peça. A alteração sofrida pelos fragmentos desta peça poderia ter comprometido a associação dos fragmentos que compuseram o prato, além de dificultar a classificação dos fragmentos alterados.



LA/UFPE - Reg. 4163M1-345

Ilustração 35 – Prato em faiança portuguesa setecentista.
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

No caso específico da peça ao lado, é interessante observar, que a alteração que afetou integralmente ambas as superfícies da peça, isto é, a interna e a externa, sem afetar o núcleo, se limitou aos dois fragmentos, não se estendendo à qualquer outro trecho da superfície do restante do prato.

No que se refere ao acabamento da superfície, considerou-se tanto o banho aplicado como acabamento e preparação da superfície para o recebimento de uma decoração pintada, quanto os pigmentos usados para decorar as peças. Foram observadas e registradas distinções na esmaltação das peças, tendo-se registrado diferenças cromáticas, de espessura da camada do esmalte, de textura, de brilho, e de homogeneidade da superfície quanto à sua

esmaltação. A identificação dos pigmentos utilizados no processo de acabamento e decoração da superfície das peças foi buscado através da aplicação da Fluorescência de Raios X.

Do ponto de vista cromático, registrou-se a ocorrência de pigmentos em diferentes tons, variando em torno das seguintes cores: branco, azul, marrom, amarelo, laranja, verde e, mais raramente, vermelho e preto.

O banho que a peça recebe e que normalmente serve de fundo para a aplicação de uma decoração pintada, tem apresentado uma coloração que se aproxima do branco, na maioria dos casos, muito embora, se tenha registrado, no Forte Orange, peças com o fundo levemente esverdeado, azulado e até rosado. Em alguns casos, o esmalte de fundo se apresenta mais encorpado, em outros, tão tênue que quase parece transparente. Também se registrou a ocorrência de peças que apresentam uma esmaltação brilhante enquanto que em outras se apresenta opaca. Há fragmentos que apresentam uma homogeneidade na camada do pigmento, enquanto que outros apresentam trechos com acúmulos irregularmente distribuídos e em alguns momentos escorridos. Também se observou casos em que a superfície apresenta pequenas bolhas rompidas.

Ainda no que se refere ao acabamento da superfície incluindo a decoração, observou-se casos em que a decoração pintada apresenta contorno levemente ressaltado, em relevo.

A busca no material arqueológico por “elementos índices”, ou seja, atributos que representem origem de produção, cronologia, entre outros, tem sido uma preocupação constante entre alguns pesquisadores. Albuquerque (2009), por exemplo, se utilizou exemplares de faiança da Coleção de Referência do Forte Orange em experiência que visava identificar os pigmentos aplicados à faiança, tanto na qualidade do banho quanto de decoração aplicada às peças, com base em critérios objetivos.

Albuquerque procurou, na seleção das peças da experiência, selecionar fragmentos que apresentavam o mesmo motivo decorativo, uma vez que, em função dos critérios de identificação e classificação convencionais utilizados no estudo da faiança, estariam situados no mesmo período cronológico. Nesta experiência, tratou-se inicialmente da cor azul. A superfície das amostras selecionadas para a experiência foi quadriculada e os traços azuis da decoração das peças foram eletronicamente identificados, por quadricula, com base na escala de cores RGB (Red, Green and Blue). Os resultados foram convertidos em escala

estatisticamente operacionalizável objetivando a identificação de matizes diferentes. A busca de correlação entre os dados por traço e quadrícula esteve voltada para a identificação de homogeneidade cromática no traçado da mesma peça. Como esta experiência ainda não se encontrava concluída por ocasião da elaboração deste texto, não foi possível adiantar os resultados, embora algumas observações tenham sido adiantadas por Marcos Albuquerque que a vem realizando. Os cálculos iniciais de correlação revelaram uma heterogeneidade na pincelada: em um traço contínuo da decoração do fragmento, diferenças cromáticas foram registradas eletronicamente, muito embora nem sempre se possa perceber a nível macroscópico essas nuances cromáticas. Albuquerque atribuiu estas diferenças a um possível processo de decantação do pigmento, durante a execução da decoração da peça. Considerando que o pigmento é o resultado da diluição de uma composição química, a diferença cromática pode ser o resultado de uma maior ou menor concentração. Por outro lado, os pigmentos artificiais são, em princípio, resultado de uma formulação química, que apresenta não apenas uma combinação dos elementos químicos com proporções definidas, o que resulta em cores e tonalidades características. Convém ainda ressaltar que variações cromáticas poderão estar associadas ao processo de queima para fixação dos pigmentos.



Ilustração 36 – Fragmentos de faiança portuguesa apresentando decoração em azul sobre branco. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE.

Variação na tonalidade da cor azul pode ser macroscopicamente percebida na decoração dos fragmentos de aba de peças do serviço de mesa de origem portuguesa acima. Estes fragmentos foram utilizados na experiência elaborada e conduzida por Marcos Albuquerque.

Um resultado interessante poderá ser obtido quando se associar os resultados desta experiência ao resultado da análise dos pigmentos por processo como a Fluorescência de Raios X.

Um outro conjunto de fragmentos de peças em faiança regatada no Forte Orange foi selecionado para se submetido à aplicação da Fluorescência de Raios X. Esta aplicação foi realizada no Departamento de Energia Nuclear da Universidade Federal de Pernambuco por Viviane Asfora⁸.

Os fragmentos selecionados para esta análise já haviam sido classificados em função de critérios macroscópicos relacionados a características de pasta, acabamento da superfície e espessura e contorno da parede das peças. O material pode ser descrito como um conjunto heterogêneo do ponto de vista técnico, apresentando diferenças macroscópicas na pasta, na esmaltação e forma. A maioria dos fragmentos apresentava decoração em azul sobre branco, mas foram também selecionados fragmentos que apresentavam decoração em marrom e em azul e marrom sobre o fundo branco. De acordo com a identificação do material anteriormente à aplicação da técnica da Fluorescência de Raios X, os fragmentos de faiança submetidos à este procedimento, excetuando-se duas peças, eram fragmentos de peças do serviço de mesa, de origem portuguesa, com produção estimada entre os séculos XVII e XVIII.

Os resultados poderão trazer novas informações que venham confirmar ou refutar a expectativa que se tinha a respeito do material, além de trazer novas informações que poderão, inclusive, esclarecer questões importantes para a compreensão da sociedade consumidora desta categoria de material.

Até o presente momento, obteve-se um resultado parcial da aplicação da Fluorescência de Raios X. A análise dos resultados da Fluorescência de Raios X vem sendo conduzida por Viviane Asfora, Henry Lavalle e Helen Khoury e, apesar de ainda se encontrar em fase analítica, os resultados preliminares possibilitaram a avaliação da potencialidade da aplicação desta técnica. Possibilitaram ainda o levantamento de novos questionamentos que deverão ser verificados a partir da complementação das medidas. A realização deste trabalho, a discussão em conjunto a respeito da faiança em questão e da faiança enquanto categoria de material arqueológico suscitou a possibilidade de realização de trabalhos conjuntos entre o Laboratório de Arqueologia da UFPE e o grupo de pesquisa de Metrologia Arqueológica e Patrimonial (MAP) da UFPE.

⁸ A realização deste trabalho foi possível a partir do contato estabelecido pelos professores do Programa de Pós-Graduação em arqueologia da UFPE, Claudia Oliveira e Henry Lavalle com o Grupo de Pesquisa Metrologia Arqueológica e Patrimonial (MAP) do Departamento de Energia Nuclear da UFPE do qual integram Viviane Asfora, Henry Lavalle, Helen Khoury.

Apesar de se dispor de resultados ainda em fase preliminar, uma informação chamou a atenção. Trata-se da ausência de estanho na composição do pigmento branco utilizado no acabamento da superfície de todas as peças selecionadas como amostra para a aplicação da Fluorescência de Raios X. Normalmente se descreve este pigmento como sendo branco estanhífero. Entretanto, o chumbo (Pb) se revelou ser o elemento principal na composição deste pigmento, conforme se pode verificar através dos espectros emitidos (Ilustração 37).

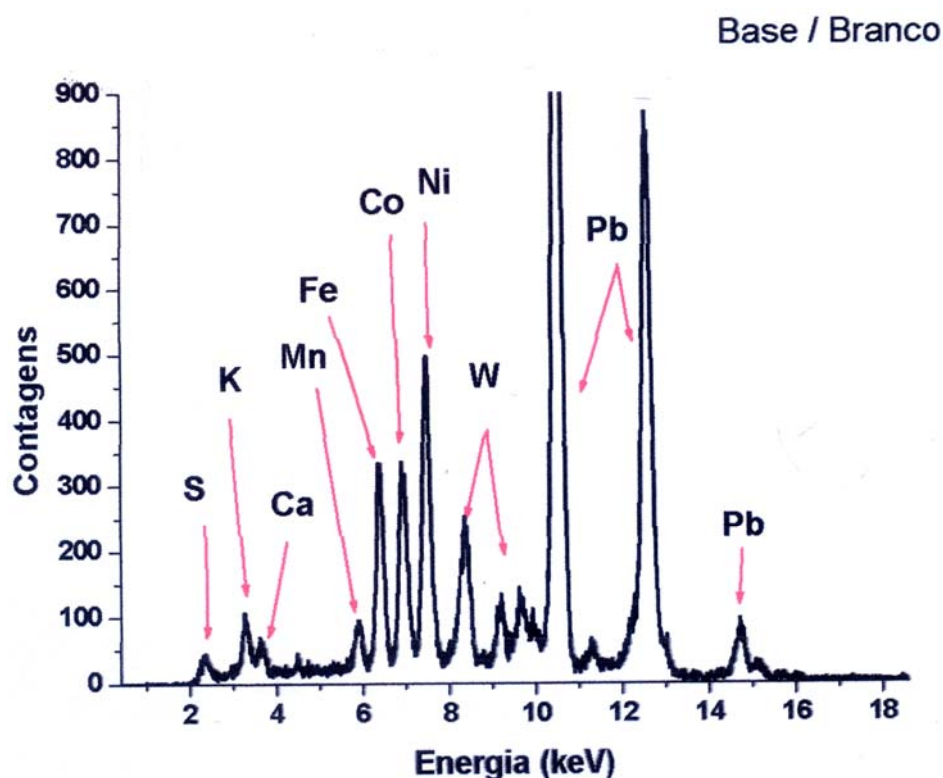


Ilustração 37 – Espectro de Fluorescência de Raios X de pigmento branco aplicado em faiança do atual Forte Orange. Grupo de Metrologia Arqueológica e do Patrimônio (MAP) da UFPE.

Além do pigmento branco utilizado como fundo para a aplicação de uma decoração pintada, cujo espectro pode ser verificado na ilustração abaixo, pigmentos nas cores azul e marrom ou vinho, como se convencionou denominar este último pigmento, foram analisados através da aplicação da Fluorescência de Raios X.

O refinamento que identificará as particularidades de cada amostra se encontra ainda em fase de processamento, entretanto, embora a predominância do chumbo tenha sido observada nas demais amostras.

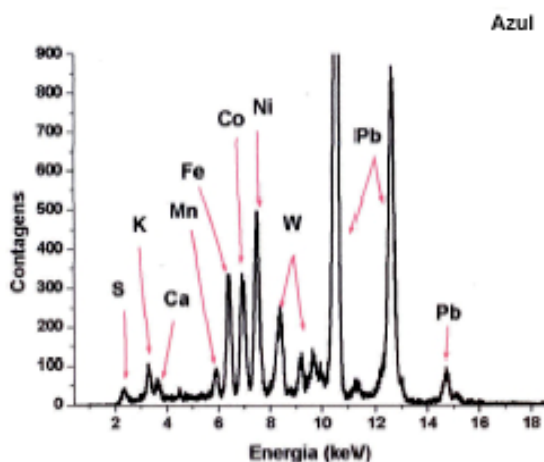


Ilustração 38 – Espectro de Fluorescência de Raios X de pigmento azul aplicado em faiança do atual Forte Orange. Grupo de Metrologia Arqueológica e do Patrimônio (MAP) da UFPE.

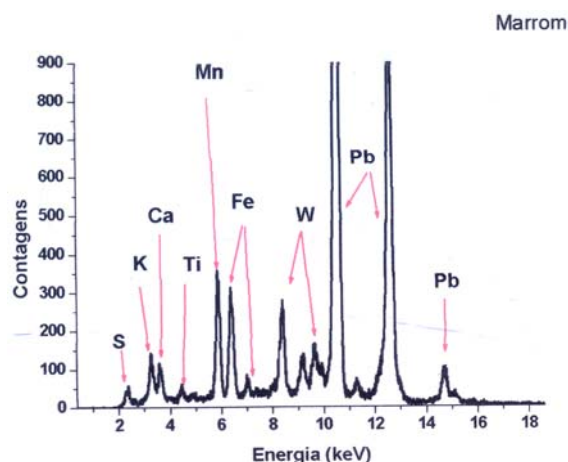


Ilustração 39 – Espectro de Fluorescência de Raios X de pigmento marrom ou vinho aplicado em faiança do atual Forte Orange. Grupo de Metrologia Arqueológica e do Patrimônio (MAP) da UFPE.

Os espectros de Fluorescência de Raios X das amostras revelaram a presença do Cobalto na composição do pigmento azul utilizado na aplicação da decoração das peças. A presença deste elemento não causou surpresa uma vez que sempre se associa o pigmento azul utilizado na decoração de peças em faiança e porcelana ao Cobalto. Este elemento está presente na composição de diversos pigmentos azuis, ou por ter sido misturado com o pigmento artificialmente formulado ou por ser um dos componentes da fórmula de pigmentos como o *Smalt* [SiO_2 (65%) + K_2O (15%) + Al_2O_3 (5%) + CoO (10%)], o *Azul cobalto* [$\text{CoO} \cdot \text{Al}_2\text{O}_3$] ou o *Cerulean azul* [$\text{CoO} \cdot \text{SnO}_2$]. Convém, no entanto, não esquecer que, dos pigmentos mencionados, cuja fórmula inclui o Cobalto, apenas o pigmento denominado *Smalt* é cronologicamente compatível com a expectativa que se tinha para o material estudado. Os demais foram formulados no século XIX.

O resultado da aplicação da Fluorescência de Raios X, no entanto, forneceu uma informação interessante, que reforça a necessidade de se utilizar critérios mais objetivos para a identificação e classificação da faiança arqueológica e comprova a fragilidade dos critérios artísticos como elemento definitivo neste processo. Através dos espectros foi possível detectar a presença de Ferro (Fe) no pigmento azul de algumas peças. Esta ocorrência conduziu a uma possível identificação do pigmento Azul da Prússia ($\text{Fe}_4[\text{Fe}(\text{CN})_6]_3 \cdot 14-16\text{H}_2\text{O}$), cuja cronologia de descoberta é 1704 e de comercialização a partir de 1724. Trata-

se de um azul mais escuro do que aqueles normalmente detectados. A presença significativa do Ferro, entre outros fragmentos, foi identificada em uma base cuja decoração se encontra normalmente associada ao motivo decorativo caracterizado por semi-círculos concêntricos, e que, em função dos critérios convencionais, ou seja, decorativo, nos remete ao período cronológico 1551-1625. Ou seja, se a utilização deste pigmento for confirmada, a peça teria sido produzida no mínimo quase cem anos após o término do período de produção prevista.

O outro pigmento submetido à análise por Difractometria de Raios X foi o pigmento de cor marrom, convencionalmente identificado como vinhoso. O pigmento utilizado para a obtenção desta cor, ao que tudo indica, foi o Úmbria, cuja cronologia extrapola o período de existência da faiança, não representando, portanto, nenhuma relevância cronológica.

No que se refere aos motivos e padrões decorativos, observados na decoração pintada, observou-se a presença de uma grande diversidade de temas apresentados, alguns associados a determinadas cores específicas e outros apresentando combinação de cores, quer seja em um mesmo motivo ou padrão ou não.

A faiança do Forte Orange apresenta motivos e padrões que normalmente são encontrados nos tradicionais catálogos, entretanto, na grande maioria do material, foram identificados motivos novos. Novos, no sentido de que não estão documentados nesses catálogos. É bem verdade, que em função do estado de fragmentação em que o material se encontra, os motivos e padrões decorativos não se apresentam completos, porém, na maioria dos casos, muito embora não se possa identificar o motivo integral, pelo fragmento é possível afirmar que não poderia se tratar de nenhum daqueles conhecidos.

O motivo decorativo mais popular dentre aqueles identificados, além dos simples frisos em azul ou em vinhoso sobre o fundo branco, delimitando bordas e bases é o motivo constituído por semi-círculos concêntricos, que se apresentam em pratos tigelas e travessas, associados a diferentes motivos de borda e de base. Os semi-círculos concêntricos não apenas apresentam padrões diferentes, mas também se observou que apresentam variações do próprio motivo, sempre na cor azul sobre fundo branco.

Um outro motivo que se apresenta popular, com variantes e formando diferentes padrões é aquele identificado como “contas”. O mesmo se observou no que se refere ao conhecido como “renda portuguesa”.

Também foram encontrados motivos como “boninas”, “romãs”, “aranhões” além de uma grande quantidade de motivos fitomorfos, geométricos, antropomorfo, que se apresentam isolados ou combinados em diferentes padrões. Alguns motivos compõem padrões a partir de sua própria repetição. Observou-se também a ocorrência de motivos mitológicos, como é o caso de um cupido e de outras figuras como um rosto que representa um vento soprando.

Outro motivo que se registrou neste conjunto foi o heráldico, tendo-se identificado, por exemplo, o brasão da família Silva. Monogramas/letras foram observados ainda que em raros fragmentos de base.

No que se refere à identificação morfo-funcional da faiança resgatada no Forte Orange, foi organizada com base em critérios prioritariamente funcionais. Foram identificadas as seguintes categorias funcionais: **Material relacionado à alimentação**; **Material Lúdico**; possível **Material relacionado à Higiene**; e **Material de Saúde**. Todas as categorias foram subdivididas, buscando-se associar e utilizar critérios tecnológicos, morfológicos, cronológicos e de procedência.

A despeito da dificuldade imposta pelo estado de fragmentação da faiança resgatada no Forte, a combinação de atributos possibilitou identificar e inferir quanto a sua macro função. Foi possível se registrar a ocorrência de pratos, travessas, tigelas e pote de farmácia, os chamados Albarello.

A presença de bicos permitiu a identificação de bules (possivelmente para leite ou creme). Funcionalmente, além de peças do serviço de mesa, identificou-se a presença de um possível urinol, como representante da categoria de higiene pessoal e também possível pote para uso em botica.

Destaca-se ainda a presença de peças fruto do reaproveitamento de fragmentos de faiança. Algumas poucas peças de jogo de tabuleiro ou possíveis fusos, elaborados de forma improvisada, a partir de fragmentos de peças em faiança, foram identificadas no sítio. Os fragmentos aproveitados para a elaboração destas peças poderão não corresponder ao contexto cronológico da existência da peça antes da quebra e descarte, tornando ainda mais difícil sua identificação cronológica enquanto peça lúdica.

Do ponto de vista morfo-funcional, portanto, apesar das limitações que impõem à sua identificação, foi possível afirmar que a grande maioria do material em faiança resgatado e

identificado no Forte, está associada à alimentação, mais especificamente ao serviço de mesa.

Aqueles fragmentos que não forneceram elementos seguros para a identificação de seu uso e função foram então incluídos da categoria de ***Material Não Identificado***.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação da produção arqueológica histórica, mais especificamente no que se refere à análise da faiança, revelou o surgimento de trabalhos que apresentam novos problemas e abordagens. Trabalhos que buscam tornar os procedimentos analíticos mais eficientes e, conseqüentemente, conseguir realmente resgatar informações que possibilitem uma melhor compreensão da sociedade em estudo.

No sentido de conferir à análise da faiança um caráter mais objetivo e confiável, alguns pesquisadores e instituições vêm recorrendo à utilização de procedimentos físico-químicos. A aplicação destes procedimentos tem realmente contribuído para o avanço do conhecimento no que se refere a esta categoria de material. A contribuição obtida a partir dos resultados da aplicação desses procedimentos físico-químicos à análise arqueológica, em trabalhos interdisciplinares, vem permitindo a construção de um conhecimento concreto a respeito da tecnologia utilizada na manufatura da faiança.

O conhecimento que se está construindo a respeito da tecnologia utilizada no processo de manufatura da faiança conduzirá ao estabelecimento de tipos constituídos pelo conjunto de atributos técnicos que poderão representar diferenças espaciais e temporais, podendo inclusive indicar um produtor específico. Para que se possa alcançar este objetivo, é necessário que sejam realizados, paralelamente ao estudo da faiança arqueológica, estudos voltados para a identificação e caracterização das fontes de matéria prima e dos centros produtores.

No que se refere ao estabelecimento do tipo que reflete a tecnologia de manufatura característica da produção de faiança em determinado local e época, é importante ressaltar a posição de Albuquerque e Lucena (2008). Os autores defendem que esta definição e caracterização da faiança, no que se refere a sua produção, é uma responsabilidade que compete aos pesquisadores dos centros produtores. O fato é que os elementos relacionados ao processo de fabrico desta categoria de material, ou seja, fontes de matéria prima, olarias, resíduos e registros de produção se encontram nestes centros de produção. Nas áreas onde a presença de peças em faiança é decorrente de importação, como é o caso do Brasil, os estudos deverão estar voltados para seus consumidores e, naturalmente, para o resgate das relações comerciais que responsáveis pela entrada destes produtos no Brasil e, mais

especificamente, em Pernambuco. Neste caso, no entanto, a análise da faiança deverá buscar identificar os **elementos índices** que permitam a filiação das peças estudadas aos tipos que representem origem e cronologia, estabelecidos, com bases objetivas, por pesquisadores dos centros produtores. Tipos esses identificados e caracterizados por pesquisadores que trabalham com contextos que incluam os produtores de faiança. Felizmente, pesquisadores vinculados a instituições como, por exemplo, o TecMinho e a Universidade de Nova de Lisboa vêm desenvolvendo trabalhos no sentido de caracterizar as produções de faiança, utilizando-se de procedimentos físico-químicos. Percebe-se que, cada vez mais trabalhos vêm buscando caracterizar as particularidades de cada centro produtor, buscando inclusive alcançar distinções entre os produtores, ao longo do tempo.

A despeito dos avanços que, sem dúvida, ocorreram na análise da faiança, principalmente a partir dos anos de 1990, observou-se que, na maioria dos trabalhos arqueológicos a identificação e classificação desta categoria de material permanecem alicerçadas em critérios estilísticos, mais especificamente no que se refere ao motivo ou padrão decorativo.

A análise da faiança resgatada nas escavações arqueológicas realizadas no Forte Orange, entre os anos de 2002 e 2003, revelou se tratar de um material bastante heterogêneo do ponto de vista técnico e estilístico. Diferenças macroscópicas foram observadas tanto no tocante às operações essenciais, que são mais refratárias a mudanças, quanto às não essenciais, que são mais facilmente alteráveis e que são sujeitas a modismos.

Buscando-se estabelecer tipos, procurou-se agrupar as similaridades e separar as diferenças, considerando as variações observadas na pasta, na esmaltação do fundo, na cor da decoração. Constatou-se, então a ocorrência de conjuntos distintos. Conjuntos estes que foram associados aos atributos estilísticos, constituindo os tipos que serão apresentados como apêndice no final deste trabalho sob a forma de um catálogo.

O atributo morfológico, apesar de sua importância, não foi levado em conta na elaboração dos tipos, em função do estado de fragmentação da maioria da faiança do Forte.

A qualidade do traçado, muito embora não tenha interferido na definição dos tipos, foi um elemento levado em consideração ao se afirmar que a faiança resgatada no atual Forte Orange corresponde a diferentes produções.

No Forte, foram identificadas não apenas peças de origem portuguesa, que constitui a grande maioria do material, mas também peças italianas e holandesas.

As peças italianas foram identificadas como produção do final do século XVI e início do XVII (1590-1610). A presença deste material, considerando sua origem não é de surpreender, uma vez que Portugal, durante este período, era um consumidor destes produtos produzidos na Itália. No entanto, o fato da produção destas peças estar situada cronologicamente cerca de duas décadas antes da construção do forte holandês, embora não seja de todo uma situação anômala, algumas observações foram feitas a esse respeito.

No caso das peças holandesas, foram registradas majólicas que são compatíveis com o contexto cronológico e também, embora poucos casos, peças realmente em faiança. Vale salientar que a produção de faiança na Holanda é posterior à retomada, pelos luso-brasileiros, do território ocupado no Nordeste do Brasil pela Companhia das Índias Ocidentais, no século XVII. A presença destas peças poderia refletir uma retomada das relações comerciais entre Portugal e Holanda, no entanto, no período em que foram datadas as peças, Portugal e Holanda estavam disputando o mercado externo, no que se refere ao comércio desse produto: a faiança. Estas peças, portanto, não podem ter chegado ao Forte como fruto de um comércio legal, oficial.

A heterogeneidade constatada neste acervo que reflete uma produção de diversas origens, cronologia e qualidade de material, não corresponde, em princípio, à expectativa que se deveria ter no que se refere à ocorrência desta categoria de material em uma unidade funcional de defesa, como o Forte Orange holandês nem, posteriormente, a Fortaleza de Santa Cruz.

A presença de um acervo tão numeroso não é tão surpreendente, afinal corresponde a um período compreendido entre a primeira metade do século XVII e o início do século XIX. A diversidade do material, no entanto, foge às expectativas. Procurando, então, explicar a presença deste acervo qualitativamente tão distinto, algumas situações foram avaliadas.

Em primeiro lugar, considerou-se, por exemplo, as pilhagens que ocorreram ao longo do percurso por onde as tropas da Companhia das Índias Ocidentais passavam e conquistavam. Apesar de ser um material de transporte relativamente difícil, por ser frágil e em conjunto representar peso e volume, tratava-se de uma categoria de material associada a uma população mais abastada, muito apreciada no período, além de ser útil. Poderia, por

exemplo, ter se levado para o interior do Forte, peças em faiança, entre outros bens, como fruto de pilhagem da Vila da Conceição, atual Vila Velha, situada na Ilha de Itamaracá. Também poderiam ter chegado ao Forte, peças em faiança provenientes do Continente, como de Itapissuma, Igarassu.

Uma outra situação que não se restringe ao século XVII, se refere às boas condições de porto que se dispunha na área. Condições essas que facilitavam a entrada e saída de material. A área dispunha não só de condições favoráveis de aportamento, como também se localizava no caminho entre a Europa e o porto do Recife.

As condições de aportamento na Ilha poderiam facilitar tanto a entrada legal quanto ilegal de mercadorias na área e é possível até que algumas peças tenham chegado ao Forte como carga de contrabando confiscada. Ou talvez como carga apreendida de embarcações vencidas em contendas navais.

Naturalmente, não se pode desconsiderar as peças em faiança que podem ter acompanhado alguns dos ocupantes do Forte, na qualidade de propriedade particular. Ou ainda aquelas que podem ter sido oficialmente destinadas ao Forte como integrante da sua tralha doméstica.

Considerando a possibilidade de se estar lidando com um conjunto de procedência anômala, ou seja, que não obedeça a uma lógica de aquisição convencional, qualquer inferência no que se refere ao gosto dos ocupantes do Forte, ao longo de sua ocupação, poderá não corresponder à realidade.

No caso do Forte Orange, é importante ressaltar que mesmo que o material em faiança proveniente das escavações arqueológicas realizadas no local tenha sido adquirido especificamente para abastecê-lo, poderá não corresponder ao gosto de seus ocupantes e nem tampouco se tratar de produtos que estejam acompanhando modismos.

Na documentação textual, é freqüente se encontrar documentos oficiais de solicitação dos mais diversos itens para abastecer uma unidade funcional que esteja sobre a responsabilidade dos governantes. Tem-se localizado documentos de solicitação, queixa, e encaminhamento de, por exemplo, gêneros alimentícios, armas e munição, fardamento, mas nada foi localizado, até o momento, sobre a louça, mais especificamente a faiança. De qualquer forma, caso esta categoria de material tenha sido também providenciada

oficialmente para o Forte, convém estar ciente de situações que poderão comprometer os resultados interpretativos.

Primeiramente, os lotes de louça utilitária adquiridos para uma unidade de defesa deverão obedecer às condições oferecidas pelo mercado. Estas condições estão relacionadas aos produtos disponíveis que atendam às necessidades de seus futuros consumidores; menor custo; relações estabelecidas com fornecedores diretos ou intermediários. Isso significa que um produto poderá estar sendo adquirido por apresentar um preço abaixo em relação ao valor normal de mercado por se tratar de uma mercadoria que já está fora de moda ou por apresentar alguma avaria ou baixa qualidade de fabrico que lhe reduza o valor.

Além do valor cobrado pelo material ou das relações estabelecidas entre os responsáveis pela aquisição das peças e seus fornecedores. Um outro fator poderá determinar as características do material que será adquirido, sem que haja qualquer interferência de moda: o gosto do responsável pela aquisição.

As respostas às questões acima apresentadas para justificar a presença de um conjunto de faiança tão heterogêneo em uma unidade de defesa como é o caso do Forte Orange, só poderão ser buscadas realmente quando se dispuser de vários outros estudos equivalentes realizados em outras unidades de defesa que apresentem contextos compatíveis.

A lógica na aquisição da louça que deveria equipar uma unidade de defesa também requer um estudo mais amplo, para que o pesquisador possa realmente se aproximar, cada vez mais do seu objeto de estudo: a sociedade que ocupou o sítio que se está estudando, em seu contexto sistêmico.

FONTES E REFERÊNCIAS

1. BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. O estudo da cerâmica arqueológica. In 4ª JORNADAS DE CERÂMICA MEDIEVAL E PÓS-MEDIEVAL – Métodos e resultados para o seu estudo, Tondela, 2000. **Actas das...** Porto: Câmara Municipal de Tondela, Edições Afrontamento, 2008. pp. 355-364.

ALBUQUERQUE, Marcos. As escavações arqueológicas no Forte de Orange. **ARC - Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação**, Olinda, v.1, n. 2, p. 51-55, 2007. Número dedicado aos trabalhos do III Simpósio de técnicas avançadas em conservação de bens culturais, Olinda, 2006.

ALBUQUERQUE, Marcos. O Forte Orange (Resumo). In: **Anais da XXIV Reunião Brasileira de Antropologia: Nação e Cidadania**. XXIV Reunião Brasileira de Antropologia: Nação e Cidadania, realizada no Centro de Convenções de Pernambuco, Olinda-PE, promovida pela Associação Brasileira de Antropologia no período de 12 a 15 de junho de 2004.

ALBUQUERQUE, Marcos. Holandeses em Pernambuco – Resgate Material da História. In: Colóquio internacional El Desafío al Dominio Ibérico en Brasil, 1624-1654. La Figura de Johan Maurits van Nassau. **Anais do** Salamanca, Espanha: Centro de Estudios Brasileños, 2004.

ALBUQUERQUE, Marcos & LUCENA, Veleda – **Projeto Arqueológico Forte Orange – Ilha de Itamaracá-PE, 2002/2003, Diário de Campo**, Itamaracá: Laboratório de Arqueologia da UFPE/MOWIC Foundation, 2003.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; PESSOA, Ricardo – **Trilha dos Holandeses – Uma Avaliação Geo-Arqueológica**, Itamaracá: julho de 2003, 89 p. il.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; WALMSLEY, Doris – **Fortes de Pernambuco: imagens do passado e do presente**, Recife: Grafftorre, 1999, 204 p.: il.

ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia Histórica: uma releitura dos descobrimentos. **Anais da IX Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro, 22 a 26 de setembro de 1997. Publicação digital.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. **Arraial Novo do Bom Jesus: consolidando um processo, iniciando um futuro**. Recife: Grafftorre, 1997. 225 p.: il.

- ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. Situação Crono-espacial de Unidades funcionais em Pernambuco: uma abordagem de pré-escavação. **Revista de Arqueologia - Coleção Arqueologia**, Porto Alegre, EDIPUCRS, n.1, v.2, 393-408, 1995-96.
- ALBUQUERQUE, Marcos. Assentamentos militares: Uma perspectiva em abordagem. Conferência Internacional de Arqueologia Histórica Americana, 2ª, 16-20X. 1995, Santa Fé, Argentina. **Atas I...** Columbia, S. C. USA, the University of South Carolina. 1995, V. 14, p. 19-38.
- ALBUQUERQUE, Marcos. O processo interétnico em uma feitoria quinhentista no Brasil. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 7, p. 99-123, 1993. ISSN: 0102-0402.
- ALBUQUERQUE, Marcos. Processo de manufatura e intemperismo pós-deposicional na análise cerâmica. **CLIO - Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE, Série Arqueológica**, Recife, v. 1 n. 6, p. 81-91, 1990.
- ALBUQUERQUE, Marcos. Reflexões em Torno da Utilização do Antiplástico como Elemento Classificatório da Cerâmica Pré-histórica. In: **CLIO Arqueológica, Revista do Curso de Mestrado em História**, Recife, 1984.
- ALBUQUERQUE, P. T. de S.. A faiança portuguesa – demarcador cronológico na arqueologia brasileira. In 4ª JORNADAS DE CERÂMICA MEDIEVAL E PÓS-MEDIEVAL – Métodos e resultados para o seu estudo, 4 Tondela, 2000. **Actas das...** Porto: Câmara Municipal de Tondela, Edições Afrontamento, 2008. p. 221-270.
- ALBUQUERQUE, P. T. de S. **A faiança portuguesa dos séculos XVI a XIX em Vila Flor**. Dissertação de Mestrado, Curso de mestrado em Historia, UFPE. Recife, 1991.
- ASFORA, Viviane Khoury. **Resultados preliminares da análise de fluorescência de raios X**. Recife, Departamento de Energia Nuclear da UFPE, 2010, 2 p.
- ASFORA, Viviane Khoury. **Fluorescência de Raios X por dispersão de energia aplicada à caracterização de tijolos de sítios históricos de Pernambuco**. 2010. 104 folhas. Dissertação (Mestrado em Tecnologias Energéticas Nucleares) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- BAART, Ian: Faiança Portuguesa, 1600-1660. **Um estudo sobre achados e coleções de museus portugueses em Amsterdão**. Amsterdams Historisch Museum. Amsterdão. 1988. Pp. 18-31.
- BARREIRA, P.; DORDIO, P.; TEIXEIRA, R.. 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. In **Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados**

para o seu estudo. 1995, Tondela. **Actas...** Porto: Câmara Municipal de Tondela., 1998, p. 145-184. il.

BARTHEL, Stela Gláucia Alves. **Arqueologia de uma fortificação: o Forte Orange e a Fortaleza de Santa Cruz em Itamaracá, Pernambuco.** 2007. 168 folhas. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

CALADO, Rafael Salinas. Breve historia da faiança em Portugal. **Itinerário da Faiança do Porto e Gaia.** Lisboa: Museu Nacional de Soares dos Reis, IPM, 2001, pp. 13-25. il.

CALADO, Rafael Salinas. **Faiança Portuguesa da Casa-Museu Guerra Junqueiro. Século XVII-XVIII.** Porto: Câmara Municipal do Porto, 2003, 112pp. il.

CALZA, Cristiane Ferreira. **Desenvolvimento de Sistema Portátil de Fluorescência de Raios X com Aplicações em Arqueometria.** 2007. 163 p. Tese (Doutorado em Engenharia Nuclear) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CASIMIRO, Tânia Manuel. **Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas (dos finais do século XVI aos inícios do século XVIII).** 2010. 887 p. Dissertação de doutoramento em História, especialidade de Arqueologia. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.

CASTRO, Fernando. Caracterização química e micro-estrutural de faianças portuguesas. **Itinerário da Faiança do Porto e Gaia.** Lisboa: Museu Nacional de Soares dos Reis, IPM, 2001, pp. 167-179.

DEBOER, Warren R.. Ceramic longevity and Archaeological interpretation: na example from the Upper Ucayali, Peru. In **American Antiquity** vol. 39, n. 2 – 1974.

DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo; SÁ, Anabela. Faianças do Porto e Gaia: o recente contributo da Arqueologia. **Itinerário da Faiança do Porto e Gaia.** Lisboa: Museu Nacional de Soares dos Reis, IPM, 2001, pp. 117-165. il.

ETCHEVARNE, Carlos. Aspectos da Cerâmica Colonial do século XVII, em Salvador, Bahia. **CLIO Arqueológica.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, nº 20. Vol 1. Ano 2006. pp. 53-79. il.

FERNANDES, Isabel Maria. Formas e funções da faiança portuense oitocentista. **Itinerário da Faiança do Porto e Gaia.** Lisboa: Museu Nacional de Soares dos Reis, IPM, 2001, pp. 29-51. il.

FORREST, Tim; ALLERBURY, Paul (Consultor). **Conheça as Antiguidades. Louça e Prata** – Guia ilustrado para identificar épocas, pormenores e desenho. Lisboa, Editorial Estampa, Lda. 1998. 160 p.

ilust.. Inclui índice remissivo. Título original: Know your Antiques: China & Silver. Tradutora: Maria Eugénia Ribeiro-da-Fonseca.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988. ?? p. (Princípios, ???).

GARCIA, Mercedes Mesquita. La produccion alfarera de Paterna en la primera mitad del siglo XVI. In **Actas das Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo**. Tondela (22 a 25 de março de 1995). Câmara Municipal de Tondela. Porto, 1998, p. 267-281. il.

GAVIN, R.F.; PIERCE, D.; PLEGUEZUELO, A. (ed.) **Cerámica y Cultura. The Story of Spanish and Mexican Mayólica**. Albuquerque. University of New Mexico Press, 2003, 382p. il.

GONÇALVES, Sérgio Barbosa; BANDEIRA, Carlos Manes & RAMOS, Renato Rodrigues Cabral. **A Classificação da Louça Antiga no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.

KING, Julia. Ceramic variability in 17th Century St Augustine, Florida. **Historical Archaeology, Journal of the Society for Historical Archaeology**, Pennsylvania: The Society for Historical Archaeology, v. 18, n. 2, p. 75-82, 1984. il.

LISTER, Florence Cline; LISTER, Robert Hill. **Sixteenth century maiolica pottery in the valley of Mexico**. Tucson, Arizona: The University of Arizona Press, 1982, il.(Anthropological papers of the University of Arizona, n. 39). Inclui Bibliografia e Índice.

LUCENA, Veleda. **Participação da geografia na interpretação arqueológica**. 1989. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989.

MEDEIROS, Guilherme de Souza. **Arte da Navegação e Conquista Européia do Nordeste do Brasil (Capitanias de Pernambuco e Itamaracá nos séculos XVI E XVII**. 2001, 114 p. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001

MUNIZ, Suely Cisneiros, **Cronologia histórica e patologias dos azulejos em Pernambuco entre os séculos XVII e XVIII**. 2009, 340. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

NEPOMUCENO, Andrea Fenze & MARTINS, Antônio H. Damásio. A tralha doméstica em meados do século XIX, reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. **Anais da IVª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. São Paulo: USP. 1989. Pgs. 205 a 229.

- ORTON, Clive; TYERS, Paul; VINCE, Alan. **La cerámica en Arqueología** (Título original: Pottery in Archaeology; tradução: Rocío Barceló e Juan A. Barceló). Barcelona: Crítica (Grijalbo Mondadori S. A.), 1997, il. Inclui Bibliografia e Índice.
- PINTO, Augusto Cardoso (org.). Faianças da antiga fábrica de Viana. **Catálogo descritivo da coleção do Dr. Alfredo Queirós**. Lisboa, 1954.
- PINTO, João Teodoro Ferreira. **A Fábrica de Vista Alegre**. Lisboa. 1924.
- PILLEGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no mundo**. São Paulo: Martins Editora, 1958, 290 p.
- RYE, Owen S.. Pottery Technologyn - Principles and Reconstruction. Washington D.C., **Manuals on Archeology** n. 4, Australian National University, 1981, 150p., il.
- SABROSA, Armando. As faianças portuguesa da Casa Corte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa. In 4ª JORNADAS DE CERÂMICA MEDIEVAL E PÓS-MEDIEVAL – Métodos e resultados para o seu estudo, Tondela, 25 a 27 de outubro de 2000. **Actas das...** Porto: Câmara Municipal de Tondela, Edições Afrontamento, 2008. pp. 109-142.
- SANDÃO, Arthur de. **Faiança Portuguesa – Séculos XVIII-XIX**. Livraria Civilização. 356 pp.il.
- SANDÃO, Arthur de. **Faiança Portuguesa – Séculos XVIII-XIX**. Livraria Civilização. 2º volume. 404 pp.il.
- SANTOS, José de A. **Manual do colecionador brasileiro**. São Paulo: Martins Editora. 308p. s/d.
- SANTOS, Reynaldo dos. **Fainaça Portuguesa, sécs XVI e XVII**. Porto. 1960.
- SCHÁVELZON, Daniel. **Identificacion de la loza moldeada de pasta blanca o majolica**. Arqueologia e Historia de la imprenta, con Buenos Aires. Columbia: Stanley South. Apendice III, 1994. Pgs. 125 a 127.
- SCHÁVELZON, Daniel. **Catalogo de Ceramicas Historicas de Buenos Aires (siglos XVI-XX)**. Buenos Aires: EVM, 2001. CD-ROM.
- SCHIFFER, Michael B.. Archaeological context and systemic context. In: **American Antiquity**, vol. 37, n. 2, 1972, p. 156-165, il.

SILVA, Ricardo Ribeiro do Espírito Santo & HYDE, Lloyd. **Porcelana da China ao gosto europeu**. Lisboa. 1956.

SIMAS, Filomena; ISIDRO, Sónia. 1ª ed. **Dicionário de Marcas de Faiança e Porcelana Portuguesas**. Lisboa: Estar-Editora, 1996. 192 pp: il.

SOUZA, José de Campos. **Loiça Brasonada**. Livraria Fernando Machado.

VALENTE, Vasco. **Porcelana Artística Portuguesa**. Porto. 1949.

VASCONCELLOS, Joaquim de. (org.). **Catálogo de cerâmica Portuguesa**. Porto. 1919.

VIEIRA, Maria Pilar do Araujo. PEIXOTO, Maria do Rosário. KHOURI, Yara Aun. **A pesquisa em História**. São Paulo: Editora Ática, 80p. 1989. (Série Princípios)

ZANETTINI, Paulo Eduardo. Pequeno Roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. Arqueologia - **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Vol. 5. 1986. pp. 117 a 130.

ZANETTINI, Paulo Eduardo; CHAHON, Sérgio; MARINS, Paulo César Garces; SOUSA, Ana Cristina de; CAMPOS, Eudes; SOUZA, Marcos André Torres de. **Cotidiano doméstico e cultura material do século XIX**. Historical Archaeology in Latin America. The south Carolina Institute of Archaeology and Anthropology. The University of South Carolina, Columbia. 1995. V. 6, p. 19-122.

2. DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA E ICONOGRÁFICA

Documentário Fotográfico do Forte Orange. Acervo do IPHAN – Superintendência Regional em Pernambuco.

PE 0034 LA/UFPE – Forte Orange, Itamaracá-PE. Documentação Fotográfica. Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE, 2002-2003.

DESCRIÇÃO da barra e Ilha de Itamaracá com o alojamento do inimigo holandês quando a tomou e fortificação da vila, s/d. Aquarelado. Biblioteca da Ajuda, código 46-XIII-10. Cópia Fac-similar. Acervo do Laboratório de Pesquisa e Ensino em História da UFPE.

MAPA da Costa de Pernambuco até a Paraíba por João Teixeira, 1642. Aquarelado. AHU FL 34 código 30-VII-104. Cópia Fac-similar. Acervo do Laboratório de Pesquisa e Ensino em História da UFPE.

Mapa da Ilha de Itamaracá. Estão representados a Cidadela Schoppe (Vila da Conceição) e o Forte Orange. Autor desconhecido. **História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil, de Gaspar Barleus**. Ed. Fund. Cult. Cidade do Recife. Recife 1980. Rep. Fac-similar das gravuras que ilustram a 1ª edição de 1647.

PLANTA da fortaleza que existe na Ilha de Itamaracá. Ano 1763. AHU Pernambuco, código não catalogado. Cópia Fac-similar. Acervo do Laboratório de Pesquisa e Ensino em História da UFPE.

VELDE, Jan Jansz. van de. Still-Life with Tall Beer Glass – 1647. Óleo sobre tela, 64 x 59 cm. Acervo do Rijksmuseum, Amsterdam. Disponível em <http://www.wga.hu/frames-e.html?html/v/velde2/jan3/index.html>

VELDE, Jan Jansz. van de. Still-Life with Römer, Flute Glass, Earthenware Jug and Pipes – 1651. Pintura a óleo, 69 x 90 cm. Acervo do Rijksmuseum, Amsterdam. Disponível em <http://www.wga.hu/frames-e.html?html/v/velde2/jan3/index.html>.

3. SITES CONSULTADOS

Brasil Arqueológico, Site do Laboratório de Arqueologia da UFPE disponível em http://www.magmarqueologia.pro.br/arqueologia_historica/popup_undef.asp?page=fort_orange.asp – última consulta em 02-01-2010

Brasil Arqueológico, Site do Laboratório de Arqueologia da UFPE disponível em http://www.magmarqueologia.pro.br/material_arqueologico/matarq_hist_faianca.asp – última consulta em 02-01-2010

http://www.angelfire.com/zine/portugalpopular/paginas_principais/historia.htm – consulta em 12-03-2009

Site de History Archaeology at the Florida Museum of Natural History disponível em http://www.flmnh.ufl.edu/histarch/gallery_types/ – última consulta em 23-11-2009

Site de History Archaeology at the Florida Museum of Natural History disponível em http://www.flmnh.ufl.edu/histarch/gallery_types/ceramics_intro.asp – última consulta em 23-11-2009

Site de History Archaeology at the Florida Museum of Natural History disponível em http://www.flmnh.ufl.edu/histarch/gallery_types/type_list.asp – última consulta em 23-11-2009

Site de History Archaeology at the Florida Museum of Natural History disponível em

http://www.flmnh.ufl.edu/histarch/gallery_types/open_search.asp – última consulta em 23-11-2009

Site do TecMinho – Laboratório de Análises Químicas, interface da Universidade do Minho, disponível

em <http://www.tecminho.pt/index.php?id=4> – última consulta em 08-12-2009

Google Earth, site do Google - imagem datada de 20 de Outubro de 2007 – última consulta em 08-12-

2009.

Web Gallery of Art – Site criado por Emil Kren and Daniel Marx. Disponível em

<http://www.webexhibits.org/pigments/indiv/history/coblue.html> – última consulta em 13-12-2009

APÊNDICE 1

PE 0034 LA/UFPE – FORTE DE ORANGE, ITAMARACÁ-PE.
MATERIAL ARQUEOLÓGICO – COLEÇÃO DE REFERÊNCIA: FAIANÇA

A Coleção de Referência do Forte de Orange, no tocante à categoria faiança, apresentada neste catálogo, inclui todas as peças que representam qualitativamente o universo, ou seja, a totalidade do material arqueológico móvel, em faiança, resgatado em escavações arqueológicas realizadas no atual Forte de Orange, localizado ao sul da Ilha de Itamaracá-PE, entre os anos de 2002 e 2003.

A exibição da Coleção de Referência consiste na apresentação da imagem das peças acompanhada por uma breve descrição que inclui a sua associação a uma macro-categoria funcional, a origem e a cronologia de sua produção.

Priorizando a praticidade de sua consulta, adotou-se uma lógica de apresentação cujo atributo estabelecido como “cabeça de chave” foi o cromático. As peças foram então ordenadas primeiramente pela cor do banho que recebeu como acabamento da superfície e da decoração, sobre ele aplicada.

Após o atributo cromático, as peças foram ordenadas por similaridade da decoração, seguindo a relativa complexidade do motivo decorativo. Por exemplo, no caso do motivo friso: se a peça apresenta uma única listra antecederá outra que apresenta duas; se o motivo aparece isolado, mesmo quando este fato se deve a seu estado de fragmentação, ele antecederá aquele que se apresenta associado a outro, constituindo um padrão.

Convém esclarecer, no entanto, que os atributos analisados que foram considerados na elaboração dos tipos não estarão explicitados neste catálogo, mas se encontram na base de dados do Laboratório de Arqueologia da UFPE. E, no caso das peças cujas características as quais representam, não possam ser percebidas através da imagem, optou-se por não exibi-las neste Catálogo.

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança branca, não decorada. Origem Portuguesa, século XVII-XVIII.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança branca, não decorada. Origem e cronologia não identificadas.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

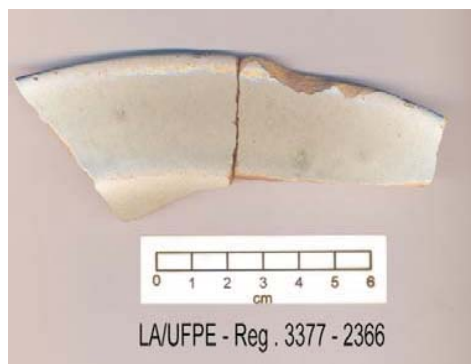
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança branca, não decorada. Origem portuguesa, cronologia não identificada.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança branca, não decorada. Origem e cronologia não identificadas.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



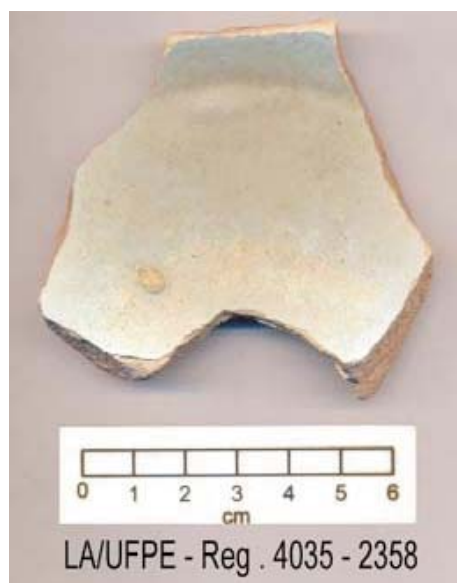
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança branca, não decorada. Origem portuguesa, cronologia não identificada.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

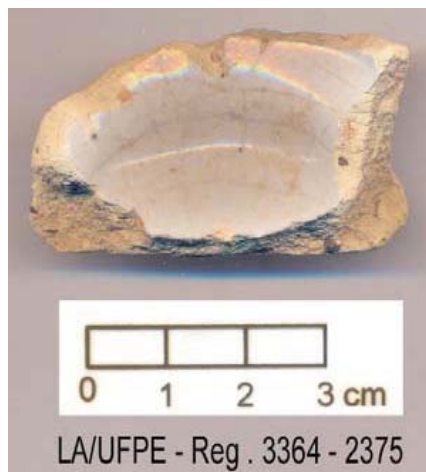
Descrição da Peça:

Peça fragmentada do serviço de mesa em faiança branca, não decorada. Origem ibérica, cronologia não identificada.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



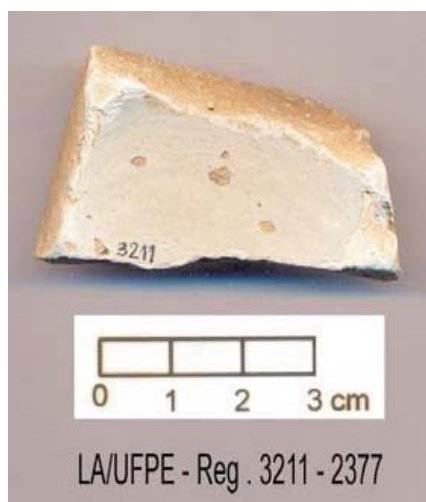
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança branca, não decorada. Origem portuguesa, com produção estimada entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



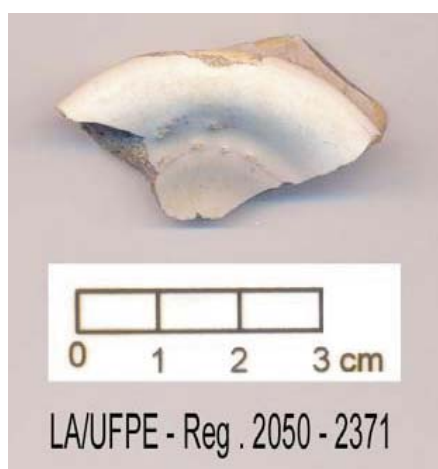
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança branca, não decorada. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança branca, caracterizada por ter sido aplicada. Origem e cronologia não identificadas.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Alça fragmentada em faiança branca, não decorada. Origem e cronologia não identificadas.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



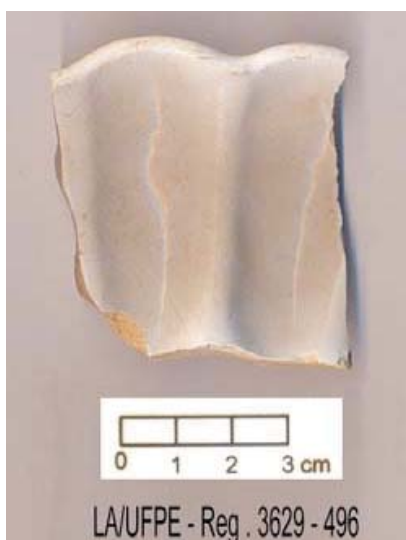
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança branca apresentando decoração plástica moldada. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança branca, apresentando decoração plástica moldada. Origem e cronologia não identificadas.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

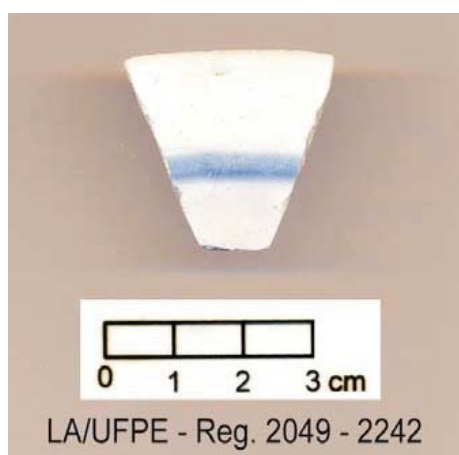
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança. Apresenta, no lábio, decoração pintada na cor azul sobre fundo branco com a utilização do torno. Origem portuguesa, séculos XVI-XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança. Apresenta, no lábio, decoração pintada na cor azul sobre fundo branco com a utilização do torno. Origem portuguesa, séculos XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.

www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada com a utilização do torno. O motivo decorativo é caracterizado por friso abaixo do lábio e no bordo da base, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.

www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada com a utilização do torno. O motivo decorativo é caracterizado por friso abaixo do lábio e frisos no bordo da base, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada, na cor azul sobre fundo branco, com a utilização do torno. O motivo decorativo é caracterizado por friso largo abaixo do lábio. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada, na cor azul sobre fundo branco, com a utilização do torno. O motivo decorativo é caracterizado por friso duplo abaixo do lábio. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada, na cor azul sobre fundo branco, com a utilização do torno. O motivo decorativo é caracterizado por friso duplo abaixo do lábio. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada com a utilização do torno. O motivo decorativo é caracterizado por friso duplo, na cor azul sobre fundo branco, abaixo do lábio. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



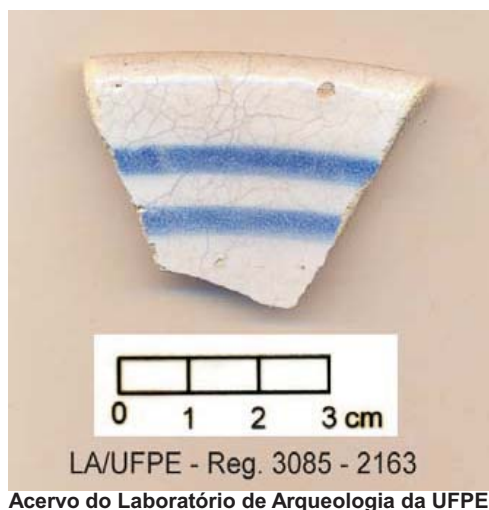
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada com a utilização do torno. O motivo decorativo é caracterizado por friso duplo, na cor azul sobre fundo branco, abaixo do lábio, podendo-se perceber vestígio azul no bordo da base. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE

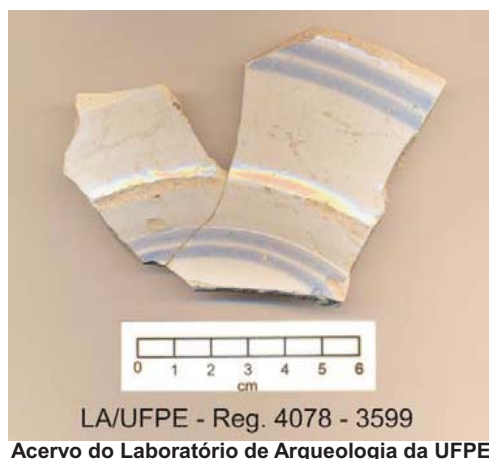


Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada com a utilização do torno. O motivo decorativo é caracterizado por friso duplo, na cor azul sobre fundo branco, abaixo do lábio. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada com a utilização do torno. O motivo decorativo é caracterizado por friso duplo abaixo do lábio e no bordo da base, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada como a utilização do torno. O motivo é caracterizado por friso duplo circundando a borda na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, séculos XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



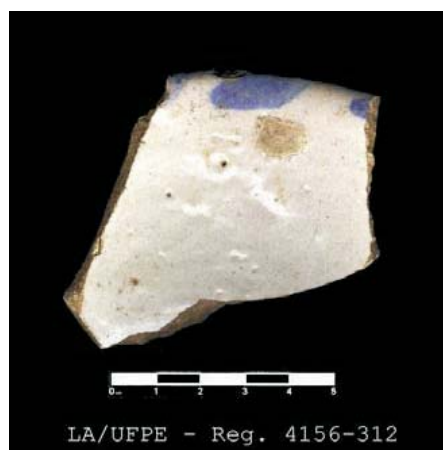
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada com a utilização do torno. O motivo decorativo é caracterizado por friso duplo, na cor azul sobre fundo branco, abaixo do lábio. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



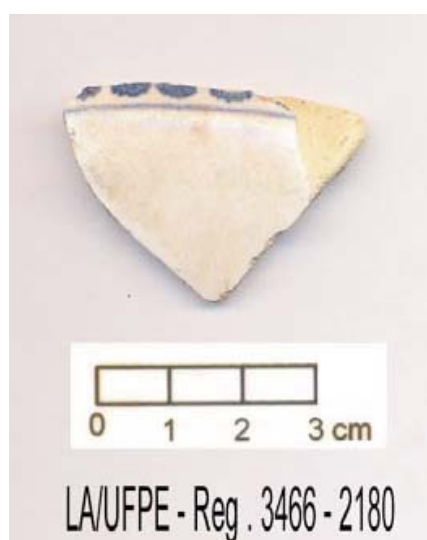
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada caracterizada por pinceladas no lábio, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada caracterizada por friso e pinceladas no lábio, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Descrição da Peça:

Fragmento de tigela ou malga em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada em azul sobre fundo branco, a mão livre e com a utilização do torno. Na borda, a peça apresenta um friso e logo acima, no lábio, pinceladas como pontos. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

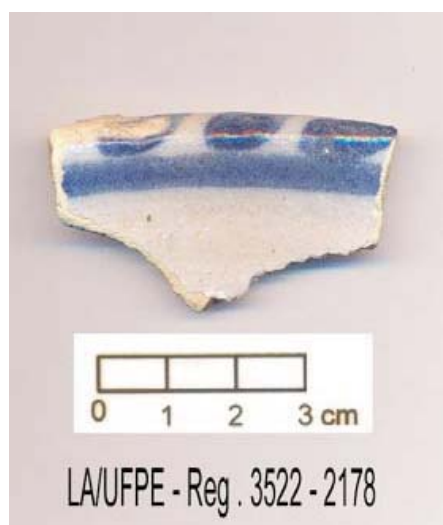


Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada caracterizada por friso e pinceladas no lábio, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada caracterizada por friso e pinceladas no lábio, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada caracterizada por friso e pinceladas no lábio, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada caracterizada por friso e pinceladas no lábio, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada, na cor azul sobre fundo branco, caracterizada por friso na borda e pinceladas no lábio e, na base, friso no bordo e motivo decorativo não identificado no centro. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada caracterizada por friso duplo na borda e pinceladas no lábio, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada caracterizada por friso duplo na borda e pinceladas no lábio, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada caracterizada por friso duplo na borda e pinceladas no lábio, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada caracterizada por friso duplo na borda e pinceladas no lábio, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada caracterizada por friso duplo na borda e pinceladas no lábio, na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, no lábio, decoração pintada caracterizada por pinceladas na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



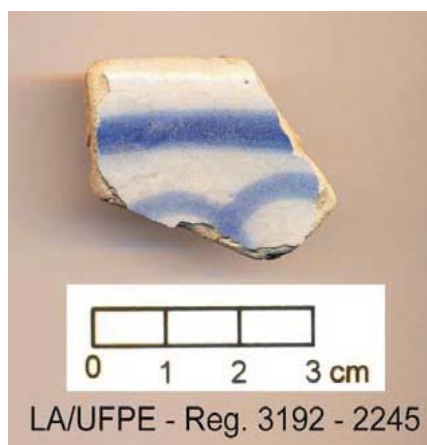
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de prato ou travessa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e com a utilização do torno, na cor azul sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico e se caracteriza por friso circundando a borda e semi-círculos inter cruzados limitados por linha no limite da aba com a caldeira. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e com a utilização do torno, na cor azul sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico e se caracteriza por friso circundando a borda e semi-círculos inter cruzados. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e com a utilização do torno, na cor azul sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico e se caracteriza por friso circundando a borda e semi-círculos inter cruzados. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e com a utilização do torno, na cor azul sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico e se caracteriza por friso circundando a borda, pinceladas no lábio e semi-círculos inter cruzados. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



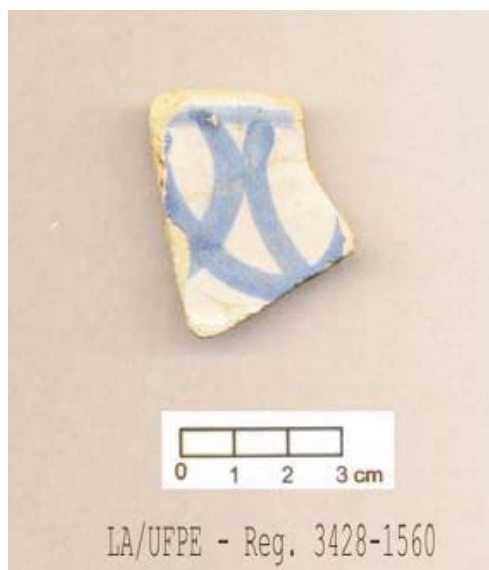
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e com a utilização do torno, na cor azul sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico e se caracteriza por friso duplo circundando a borda, pinceladas no lábio e semi-círculos inter cruzados. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e com a utilização do torno, na cor azul sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico e se caracteriza por friso circundando a borda e semi-círculos inter cruzados. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e com a utilização do torno, na cor azul sobre o fundo branco. O motivo decorativo se apresenta incompleto, podendo-se identificar apenas um friso abaixo do lábio. Origem portuguesa, século XVI-XVIII.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e com a utilização do torno, na cor azul sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico e se caracteriza por semi-círculos concêntricos limitados verticalmente por linhas horizontais. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e com a utilização do torno, na cor azul sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico e se caracteriza por semi-círculos concêntricos limitados verticalmente por linhas horizontais. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando na face interna pintura a mão e torno. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitados por linhas paralelas na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de travessa em faiança apresentando na face interna pintura a mão e torno. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitados por linhas paralelas na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando na face interna pintura a mão e torno. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitados por linhas paralelas na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, pintura a mão livre e torno. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitados por linhas paralelas na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmnto de base de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato em faiança fragmentado apresentando na face interna pintura a mão e torno na cor azul sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos que se repetem em toda a aba e limitados por linhas paralelas localizadas na base. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



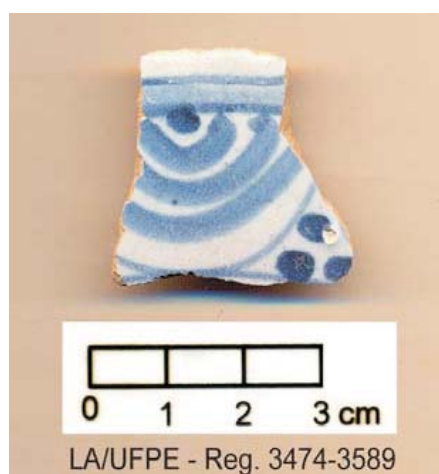
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão e torno na cor azul sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitados por linhas paralelas na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão e torno. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitados por linha na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão e torno na cor azul sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitado por faixa paralela na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



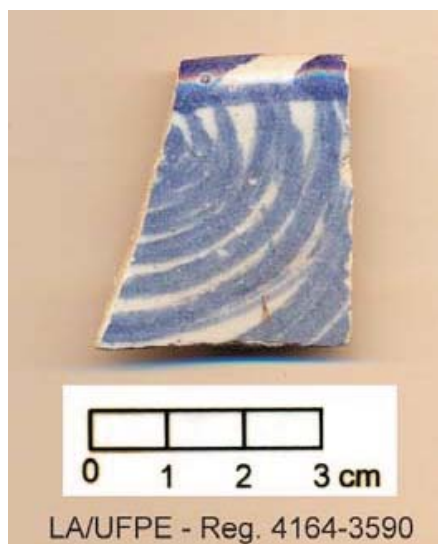
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura no torno e a mão na cor azul sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitado na parte superior por linha e pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T. de S., 1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE



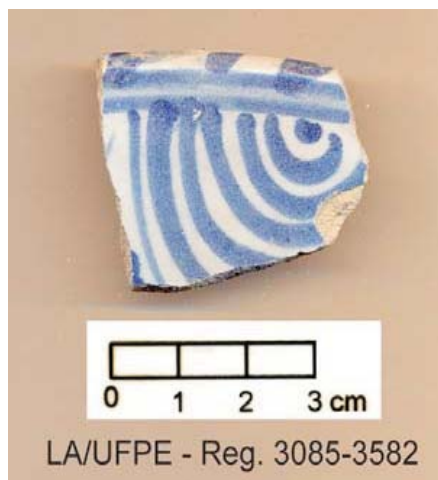
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura no torno e a mão na cor azul sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitado na parte superior por linha e pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE



Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura no torno e a mão na cor azul sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitado na parte superior por linha e pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão e torno na cor azul sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitado na parte superior por linha e pinceladas no lábio. Origen portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de tigela em faiança apresentando na face interna pintura a mão e torno na cor azul sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitados por linhas e pinceladas no lábio. Na base observa-se a repetição do motivo intercalados com motivo fitomorfo. Origen portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão e torno na cor azul sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos limitado por faixa parte superior. Observa-se também pinceladas no lábio e associação com fitomorfo na cor azul sobre branco. Origen portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

ALBUQUERQUE, P. T. de S., 1991; 2008.
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão e torno na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

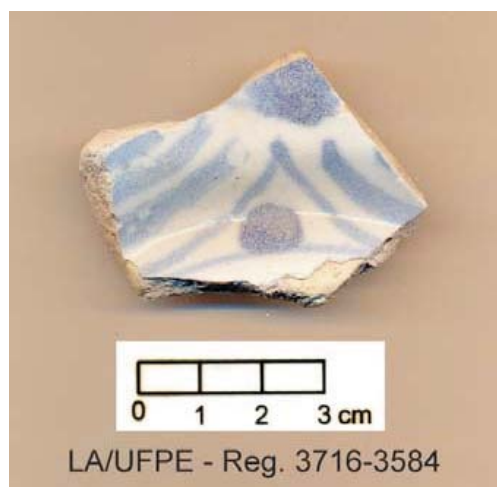
Descrição da Peça:

Fragmento peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos e pincelada formando pequena esfera preenchida. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos e e círculo central parcialmente preenchido por pincelada. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos na aba e friso duplo com parte de motivo possivelmente fitomorfo na base. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos na aba e motivo incompleto na base. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos e motivo possivelmente fitomorfo. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico associado aos semi-círculos concêntricos. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos e motivo possivelmente fitomorfo. Apresenta suspeita de aplicação do pigmento Azul da Prússia. Se se confirmar será uma produção do século XVIII. Origem portuguesa.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos e motivo possivelmente fitomorfo. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos na aba e espiral na base. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

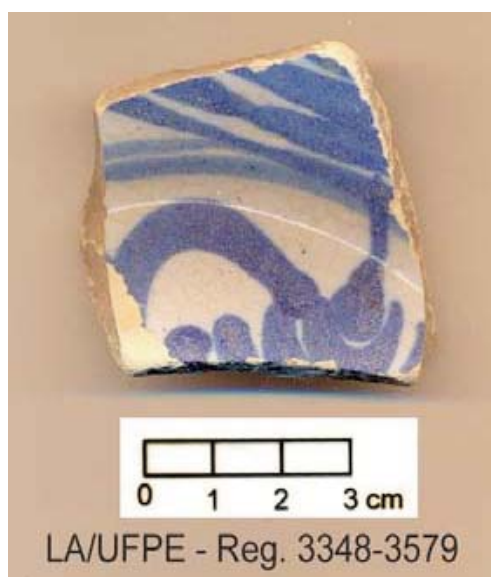
Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos e motivo possivelmente fitomorfo. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

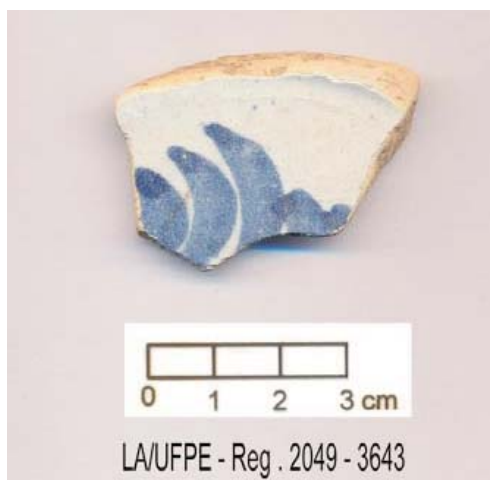
Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos concêntricos. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1551-1625.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de tigela ou malga em faiança decorada por pintura a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII-XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e com a utilização de torno na cor azul sobre fundo branco. Na face interna a peça apresenta motivo geométrico e fitomorfo com influência chinesa e, na face externa, pinceladas retas perpendiculares à borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de tigela em faiança com decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre fundo branco. A face externa apresenta motivo geométrico com influência chinesa e a face interna motivos geométricos junto a borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivo geométrico com influencia chinesa e na face externa pinceladas sinuosas. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança com decoração pintada a mão na cor azul sobre branco. Face interna apresenta motivo geométrico com influência chinesa e face externa com pinceladas retas perpendiculares a borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando decoração plástica e pintada a mão. Observa-se motivo geométrico de influência chinesa na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Peça fragmentada em faiança apresentando associação das técnicas de decoração plástica e pintada a mão. Observa-se na face externa motivos fitomorfo e geométrico. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivo geométrico com influência chinesa e na face externa pinceladas sinuosas. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão na cor azul sobre branco. Observa-se na face externa motivo geométrico com influencia chinesa e na face interna linhas circundando a borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão na cor azul sobre branco. Na face interna observa-se motivos geométrico de influência chinesa. Na face externa pinceladas. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e com a utilização de torno na cor azul sobre fundo branco. Na face interna a peça apresenta motivo com influência chinesa e, na face externa, pinceladas, alternando entre reta e sinuosa, perpendiculares a borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVIII, entre 1701-1750.

Referência(s):

José Queiroz , 1987.

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



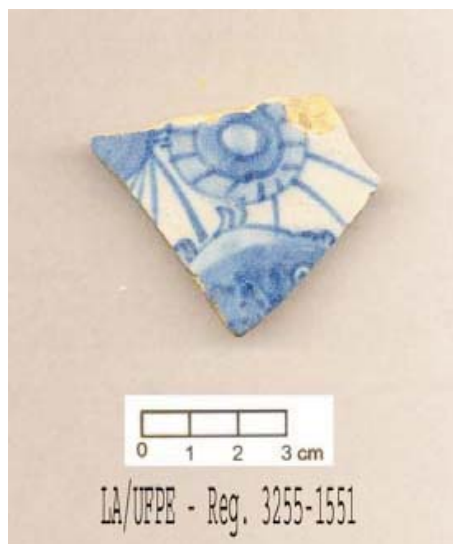
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando na face interna pintura a mão com motivos de influência chinesa. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVIII, entre 1701-1750.

Referência(s):

José Queiroz, 1987.
Albuquerque, P. T. de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Base de faiança apresentando na face interna pintura a mão com motivo fitomorfo na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T. de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Base da faiança apresentando decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivo com influência chinesa. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T. de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Borda da faiança apresentando decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivo com influência chinesa e na face externa linhas reta e sinuosa perpendiculares a borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

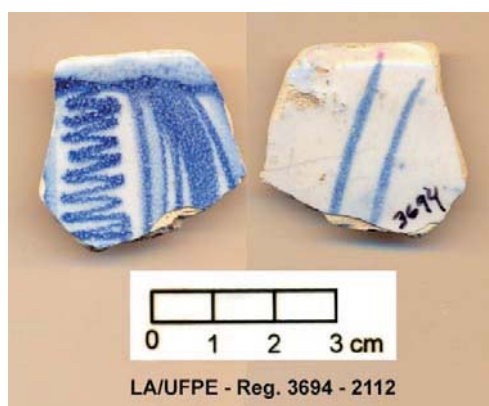
Descrição da Peça:

Borda da faiança apresentando decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivo com influência chinesa e na face externa linhas reta e sinuosa perpendiculares a borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Borda da faiança apresentando decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivo com influência chinesa e na face externa linhas retas paralelas entre si e perpendiculares em relação à borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Observa-se nas faces interna e externa motivos geométricos. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Observa-se na face interna motivo geométrico com influência chinesa e na face externa pinceladas retas e sinuosas. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Observa-se na face interna motivo geométrico com influência chinesa e na face externa pinceladas. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Observa-se na face interna motivo geométrico com influência chinesa e na face externa pinceladas sinuosas. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão livre. Motivo identificado como "faixa de volutas" na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo se apresenta influência chinesa. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando decoração geométrica de inspiração chinesa pintada a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivo geométrico com influência chinesa e na face externa vestígios de pintura. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão na cor azul sobre branco. Na face interna observa-se motivos geométrico e fitomorfo de influência chinesa. Na face externa faixa paralela, perpendicular e sinuosa como referencia de fabricante. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando na face externa decoração pintada a mão livre com motivos geométricos na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno. O motivo geométrico caracteriza-se por linhas paralelas circundando a borda e limitando o "três contas" na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII, entre 1626-1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

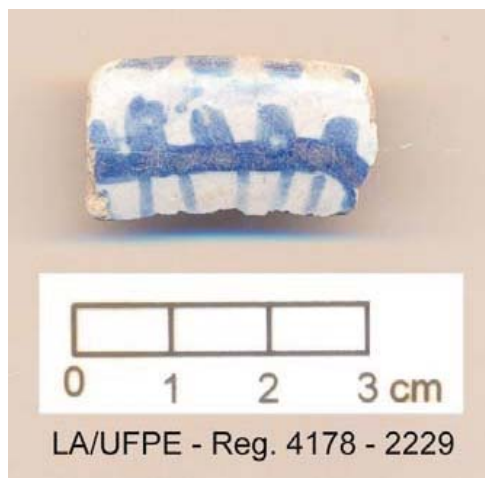
Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão livre. Motivo identificado como "Renda portuguesa". Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão livre. Motivo identificado como "Renda portuguesa", associado a motivo de borda caracterizado por pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão livre e torno. Motivo identificado como "Renda portuguesa". Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão livre. Motivo identificado como "Renda portuguesa", associado a motivo de borda caracterizado por pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



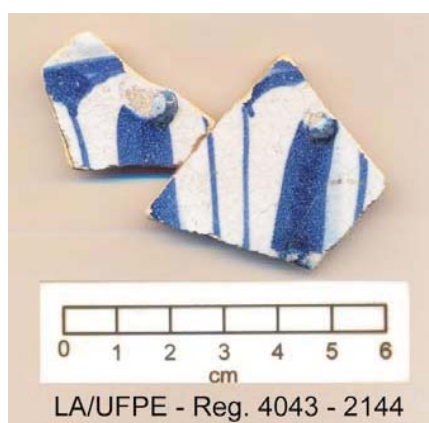
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato em faiança fragmentado apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivo geométrico, "Pinceladas na diagonal" localizadas na aba e na face externa pincelada transversal a borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada com motivo geométrico na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão livre e torno com motivos geométricos na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão livre e torno com motivos geométricos na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

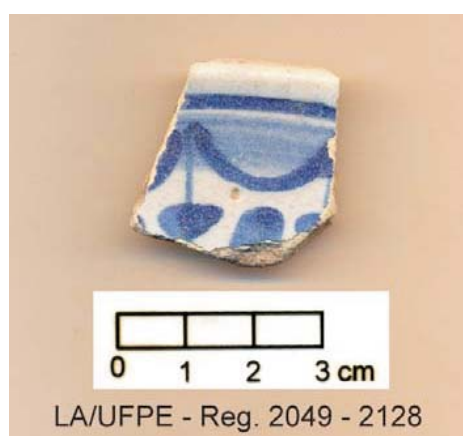
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

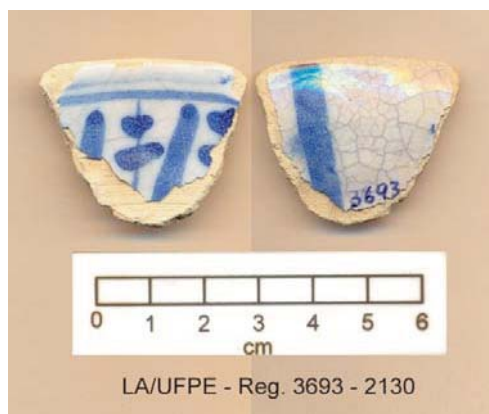
Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão e torno na cor azul sobre branco. Na face externa, observa-se pincelada perpendicular em relação a borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apreentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apreentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. A peça apresenta também pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

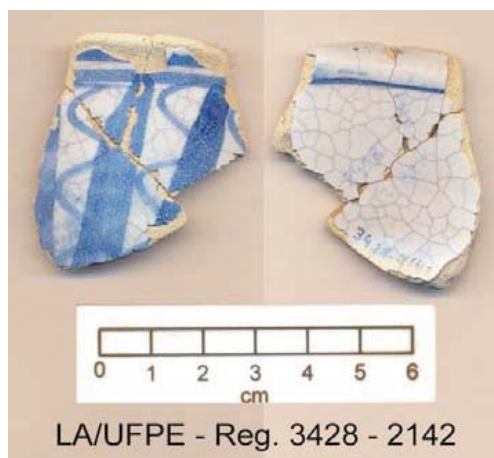
Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apreentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

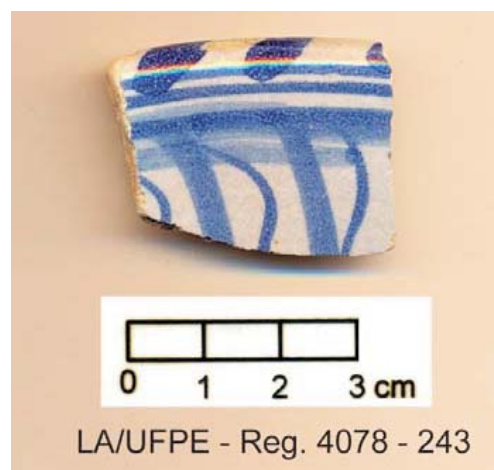
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face externa e friso na face interna. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. A peça apresenta também pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apreentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apreentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apreentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. A peça aprsenta também pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

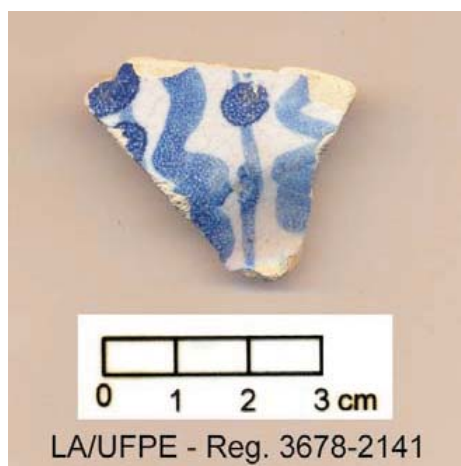
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

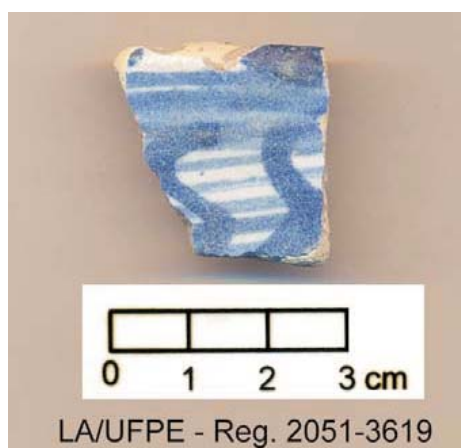
Descrição da Peça:

Fragmento de aba de peça do serviço de mesa em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. A peça apresenta também pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apreentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apreentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apreentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco, na face interna. A peça aprsenta também pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

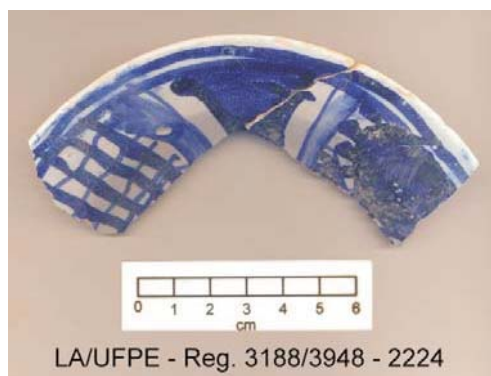
Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O padrão decorativo ocupa toda a superfície interna da peça conjugando motivos geométricos e fitomorfos. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O padrão decorativo ocupa toda a superfície interna da peça conjugando motivos geométricos e fitomorfos. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

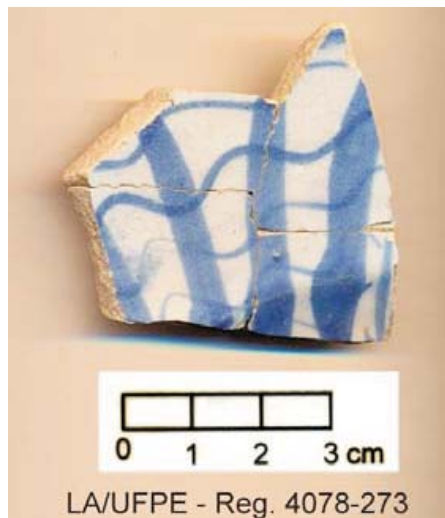
Fragmento de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O padrão decorativo se apresenta na superfície interna da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

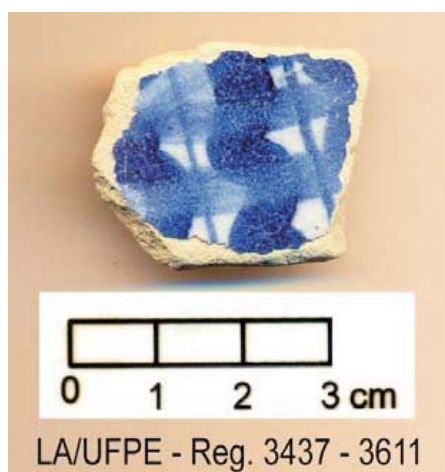
Descrição da Peça:

Fragmento de aba de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo se apresenta na superfície interna da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo se apresenta na superfície interna da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo se apresenta na superfície interna da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo se apresenta na superfície interna da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O padrão decorativo ocupa toda a superfície interna da peça conjugando motivos geométricos e fitomorfos. Na superfície externa, a peça apresenta pincelada transversal longa, da base à borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo se apresenta na superfície interna da peça. A peça apresenta ainda pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo, "xadrez", se apresenta na superfície interna da peça. Na superfície externa, a peça apresenta pincelada transversal longa, da base à borda. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T. de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo, "xadrez", se apresenta na superfície externa da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T. de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo, "xadrez", se apresenta na superfície interna da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T. de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo, "xadrez", se apresenta na superfície interna da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

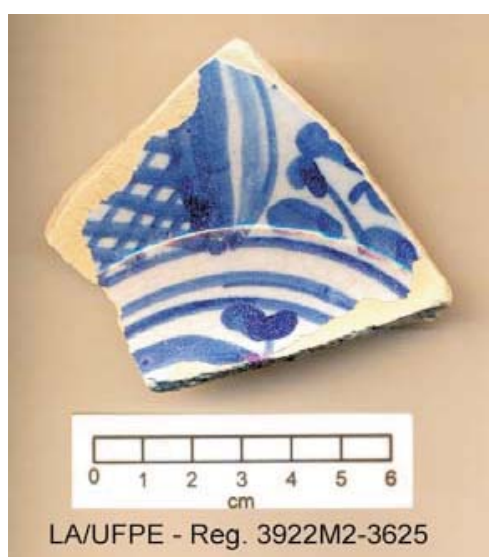
Descrição da Peça:

Prato fundo fragmentado em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O padrão decorativo apresenta motivos geométrico e fitomorfo: "xadrez" e variante de "bonina" se apresentam na superfície interna da peça. A peça apresenta ainda pinceladas no lábio. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na cor azul sobre fundo branco. O padrão decorativo se apresenta motivos geométricos como o "xadrez" e fitomorfos, na superfície interna da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

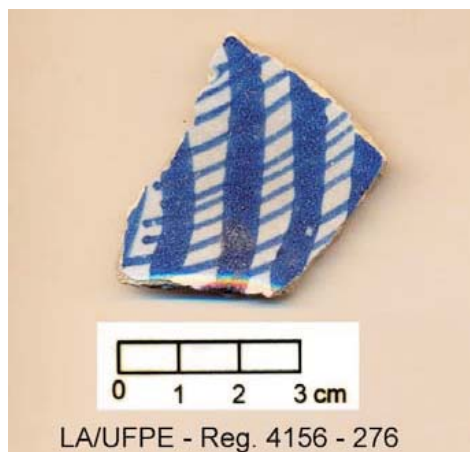
Descrição da Peça:

Fragmento de base e bojo de peça do serviço de mesa em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno. Observa-se na face interna motivos geométrico e fitomorfo na cor azul sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo, "xadrez", se apresenta na superfície interna da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

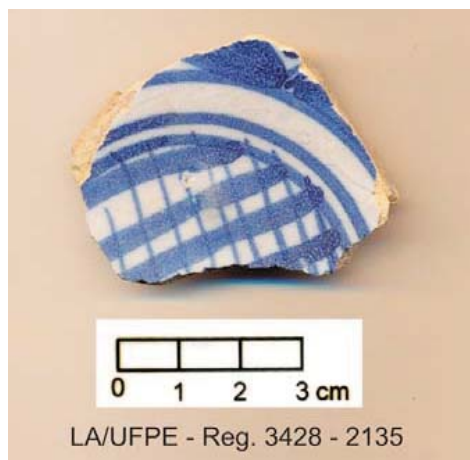
Fragmento de base de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo, "xadrez", se apresenta na superfície interna da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre, na cor azul sobre fundo branco. O motivo decorativo, "xadrez", se apresenta na superfície interna da peça. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada com motivo geométrico "xadrez" na base e geométrico e fitomorfo no bojo na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada em azul sobre fundo branco, formando um padrão decorativo constituído por motivo geométrico, como o "xadrez" e fitomorfo. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada com motivos geométricos na cor azul sobre fundo branco. No trecho do bojo ou caldeira, pode-se identificar a presença do motivo "xadrez". Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada em azul sobre fundo branco, formando um padrão decorativo constituído por motivos geométrico e fitomorfo. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada em azul sobre fundo branco, formando um padrão decorativo constituído por motivos geométrico e fitomorfo. Origem portuguesa, com expectativa de produção no século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivos geométricos e fitomorfo identificados como "Rolo de papel" com laçaria dentro de cartuchas e divisor de motivo. Na face externa, a peça apresenta linhas perpendiculares a borda e pequenas pinceladas que se cruzam formando um asterisco. Marca semelhante a de produtores lisboetas. Origem não identificada, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

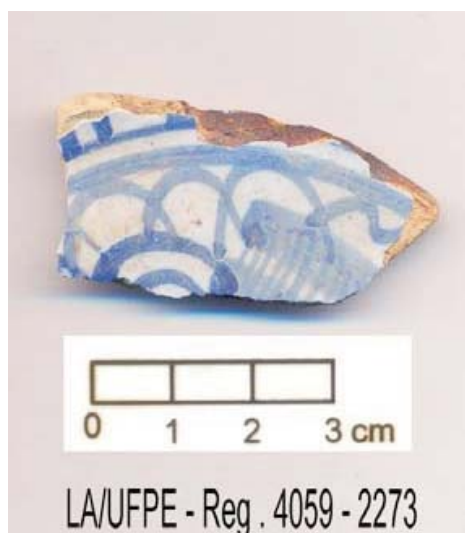
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivos geométricos e fitomorfo identificados como "Rolos de papel" com laçaria dentro de cartuchas. Na face externa, a peça apresenta pequenas pinceladas que se cruzam formando um asterisco. Marca semelhante a de produtores lisboetas. Origem não identificada, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivos geométricos e fitomorfo identificados como "Rolos de papel" ou com laçaria. Origem não identificada, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno. Padrão decorativo apresentando evidência de cartucha e divisor de motivo na cor azul sobre branco. Origem não identificada, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno. Padrão decorativo apresentando evidência de cartucha e divisor de motivo na cor azul sobre branco. Origem não identificada, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno. Padrão decorativo apresentando evidência de cartucha e divisor de motivo na cor azul sobre branco. Origem não identificada, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno. Padrão decorativo apresentando evidência de cartucha e divisor de motivo na cor azul sobre branco. Origem não identificada, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança com decoração pintada a mão livre na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivo fitomorfo e geométrico identificados como associação de "Bonina, divisor de motivo e Laçarias". Na face externa linha paralela e perpendicular a borda associado a pinceladas semelhante a folhagem como referência do fabricante. Origem portuguesa, com estimativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando. Observa-se motivo fitomorfo e geométrico caracterizado por "divisor associado a bonina". Origem portuguesa,

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração plástica e pintada a mão livre na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivo fitomorfo e geométrico caracterizado por "divisor associado a bonina" e na face externa friso próximo a borda e fitomorfo. Origem portuguesa, com estimativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna motivo fitomorfo e geométrico caracterizado por "divisor associado a bonina". Origem portuguesa, com estimativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Observa-se na face interna motivo fitomorfo caracterizado por variante da "folha lanceolada" e na face externa friso circundando e linha perpendicular a borda. Origem portuguesa, com estimativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão na cor azul sobre branco. Observa-se na face externa motivo caracterizado por "Folha lanceolada e Laço como divisor". Origem portuguesa, com estimativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando decoração pintada na cor azul sobre branco. Observa-se na face interna padrão composto por quatro motivos decorativos: "Bonina, divisor de motivos e laçaria" na aba e fitomorfo na base e, na externa, friso, linha perpendicular à borda e folhagem. Origem portuguesa, com estimativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão na cor azul sobre branco. Na face interna observa-se motivo fitomorfo identificado como "Romãs" com diferentes tons de azul. Na face externa círculo e pontos como referencia do fabricante. Origem não identificada, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



LA/UFPE - Reg. 3447 - 488

Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba com caldeira de peça em faiança apresentando, na face interna, pintura a mão livre. O motivo decorativo é fitomorfo e foi identificado como "Variação de "Bonina", na cor azul sobre branco. Origem não identificada, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



LA/UFPE - Reg. 3428 - 2304

Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Observa-se na face interna motivo geométrico identificado como "divisor de motivos". Na face externa pinceladas e pontos como referência do fabricante. Origem portuguesa, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



LAUFPE - Reg. 3594 - 2429

Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre, identificada como divisor de motivo: "Laço", executado na cor azul sobre fundo branco. Origem não identificada, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de bojo de peça em faiança com decoração pintada a mão livre na cor azul sobre fundo branco. A decoração se apresenta na face externa da peça e o motivo é identificado como variação de "Laços". Origem portuguesa, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre na cor azul sobre fundo branco. Observa-se na face interna da aba os motivos identificados como "Laço divisor, Bonina e laçaria". A face externa apresenta pincelada. Origem portuguesa, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança com decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo branco. A decoração foi executada na face interna da peça e apresenta motivos fitomorfo e geométrico: "Bonina", divisor de motivo e laçaria. Na face externa apresenta pinceladas pequenas formando asterisco. Origem não identificada, com estimativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno na cor azul. Origem portuguesa, com estimativa de produção no século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



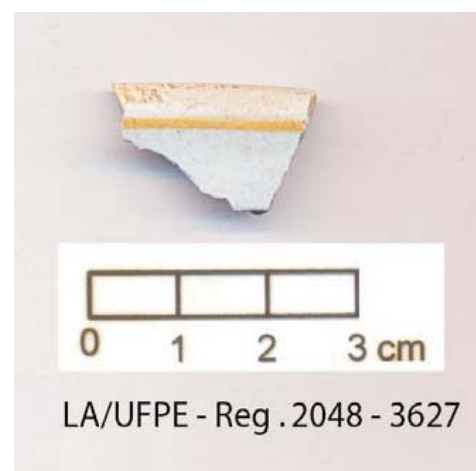
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando na face interna da base decoração pintada a mão. Motivo parece se tratar de monograma na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com estimativa de produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada no torno: friso amarelo. Origem não identificada, séc. XIX.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente em faiança apresentando decoração pintada a mão livre com motivo fitomorfo na cor verde sobre branco, em sua superfície interna. Origem não identificada séc. XIX.

Referência(s):

Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre com motivo fitomorfo na cor verde sobre branco. Origem não identificada, século XVIII.

Referência(s):

Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

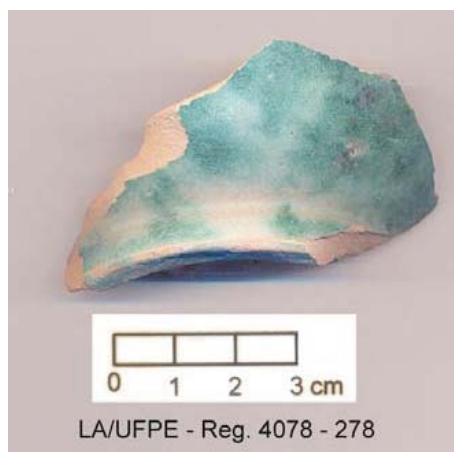
Descrição da Peça:

Fragmento de malga ou tigela em faiança apresentando, na superfície externa, a decoração pintada "esponjada" na cor verde. Internamente, a peça se apresenta branca. Origem não identificada séc. XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de bojo e base de malga ou tigela em faiança apresentando, na superfície externa, a decoração pintada "esponjada" na cor verde. Internamente, a peça se apresenta branca. Origem não identificada séc. XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



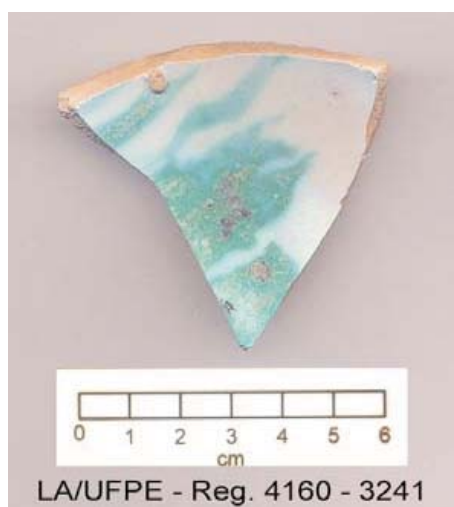
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de malga ou tigela em faiança apresentando a decoração pintada "marmorizada" na cor verde e branco, na face interna. Origem não identificada, século XIX.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

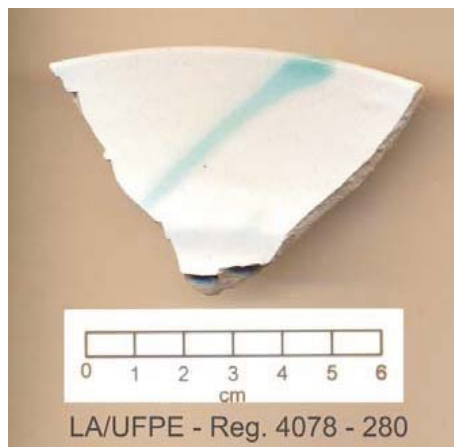
Descrição da Peça:

Fragmento de base de malga ou tigela em faiança apresentando a decoração pintada "marmorizada" na cor verde e branco, na face interna. Origem não identificada, século XIX.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de prato ou travessa em faiança, apresentando, na superfície interna, decoração pintada com pinceladas em diagonal na cor verde sobre o fundo branco. Origem não identificada séc. XIX.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

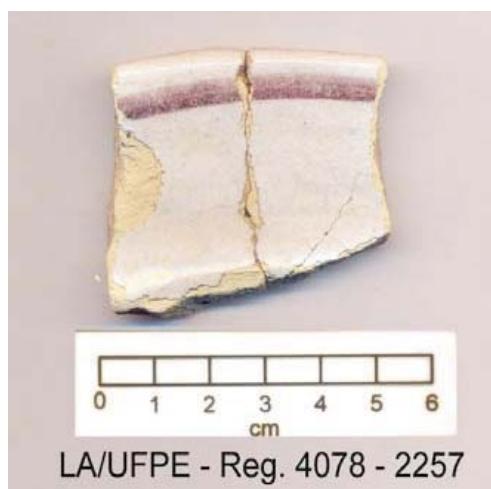
Descrição da Peça:

Fragmento de prato fundo em faiança decorado, na face interna, por pintura a mão livre e torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por friso circundando a borda, logo abaixo do lábio e no bordo da base. O motivo decorativo do centro da base não pode ser resgatado por se apresentar quase vestigial. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

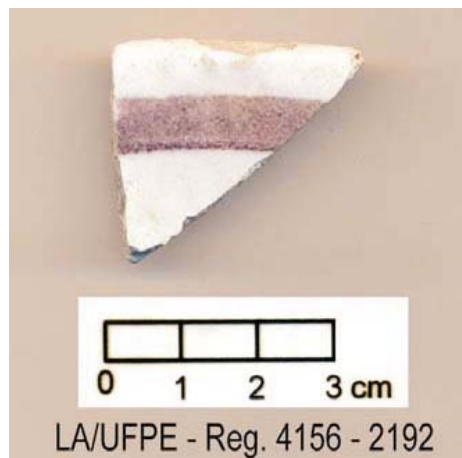
Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por friso circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



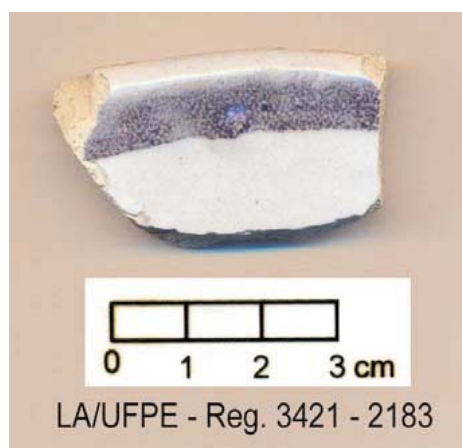
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por friso circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por friso circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

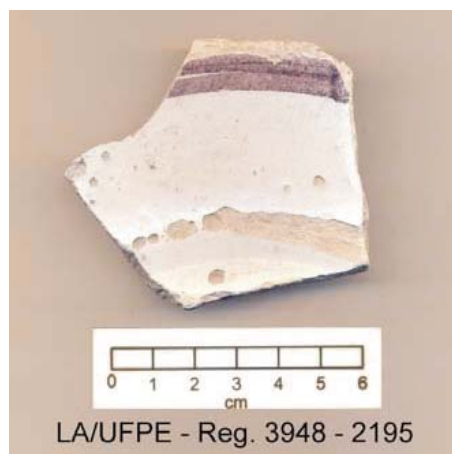
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por friso circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem e cronologia não identificadas.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



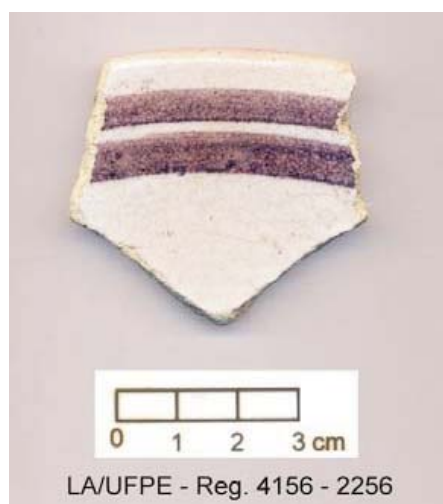
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por frisos circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



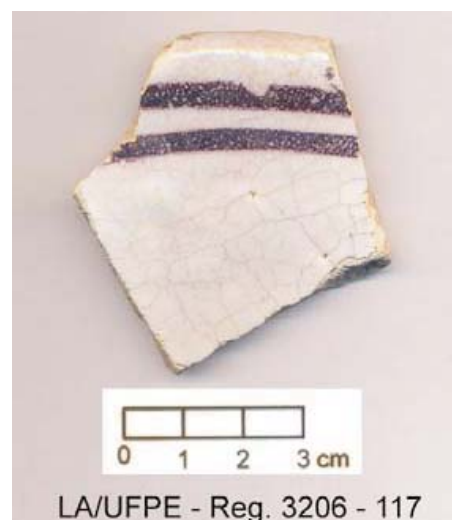
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por frisos circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

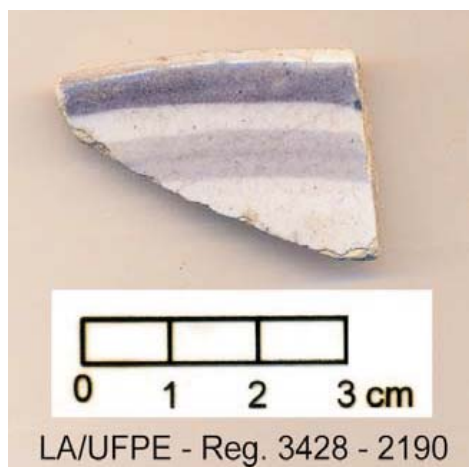
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por friso circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Brasil Arqueológico -
www.magmarqueologia.pro.br
www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



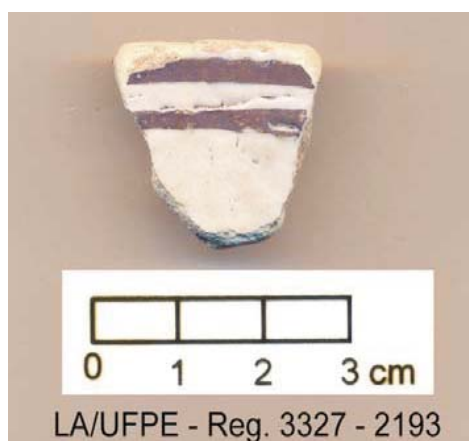
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por friso circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



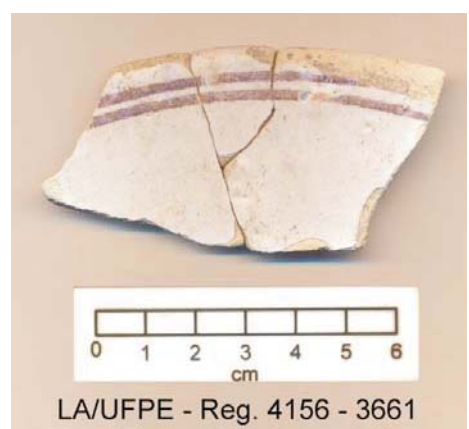
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por friso circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

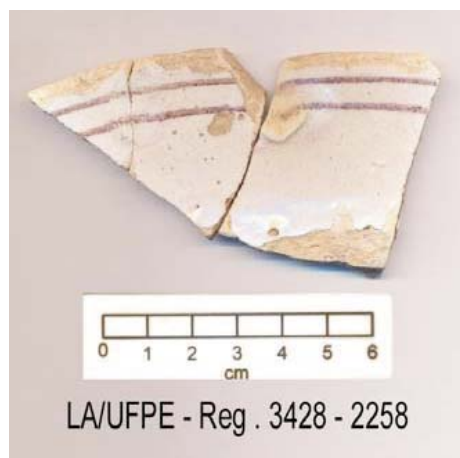
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por friso circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



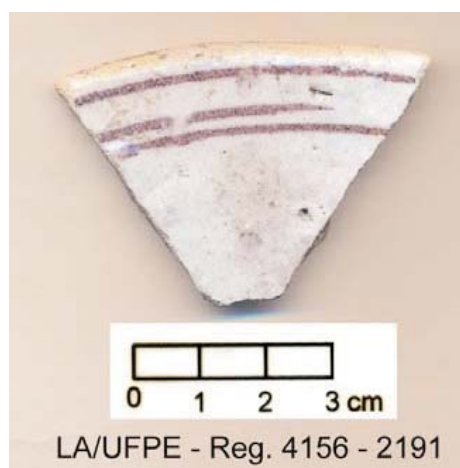
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por friso circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



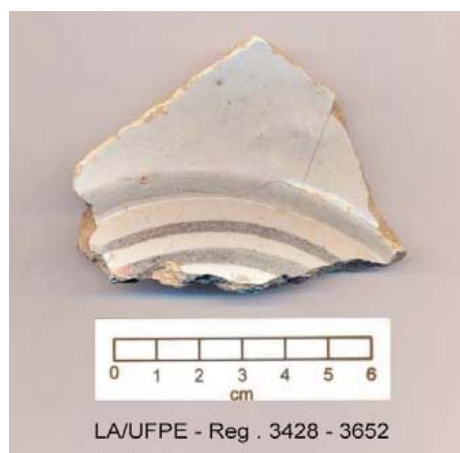
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por friso circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba e base de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico e se caracteriza por frisos no limite da base. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



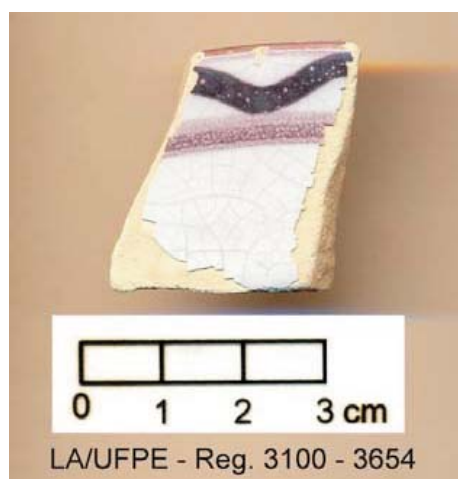
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura a mão livre e torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Apresenta motivo geométrico caracterizado por linhas paralelas circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico, caracterizado por duas linhas paralelas preenchida por linha ondulada, circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico, caracterizado por duas linhas paralelas preenchida por linha ondulada, circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

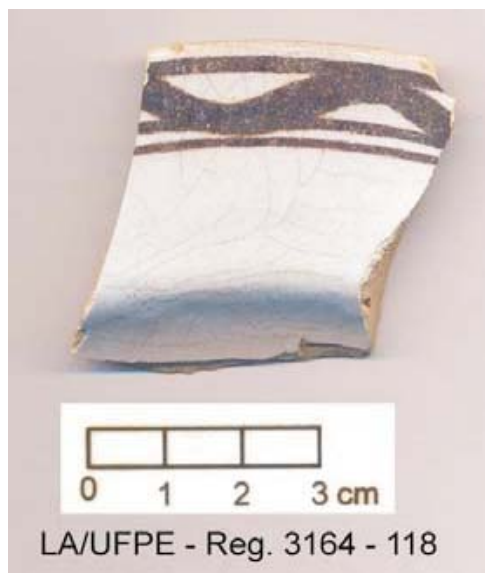
Descrição da Peça:

Recipiente fragmentado em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico, caracterizado por duas linhas paralelas preenchida por linha ondulada, circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

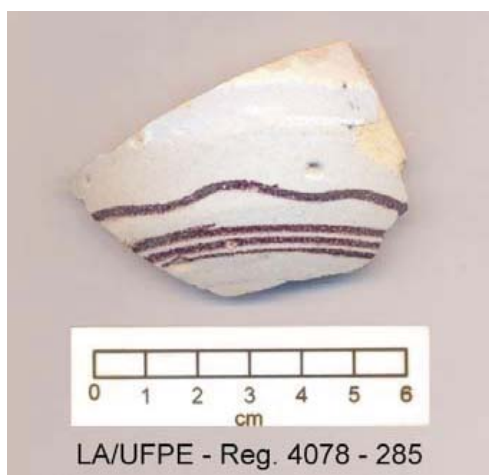
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada no torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. O motivo decorativo é geométrico, caracterizado por duas linhas paralelas preenchida por linha ondulada, circundando a borda, logo abaixo do lábio. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de bojo de peça em faiança decorada, na face externa, por pintura realizada com a utilização de torno, na cor vinhoa sobre fundo branco. Apresenta motivos geométricos caracterizados por linhas paralelas, retas e ondulada. Origem portuguesa, com cronologia entre os séculos XVII-XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de pequena tigela ou malga em faiança apresentando, na face externa, decoração pintada a mão livre e torno na cor vinhosa sobre branco. O padrão decorativo é caracterizado pela conjugação de motivo geométrico, na borda, e fitomorfo no bojo. O motivo de borda é caracterizado por linhas paralelas, linha ondulada e pontos circundando a borda logo abaixo do lábio. No bojo, a pintura representa galhos com folhas e flor. Origem portuguesa, com produção estimada entre 1751 e 1825.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura a mão livre e torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Origem portuguesa, possivelmente coimbrã, produzida no século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Borda em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno e a mão. Motivo caracterizado por linhas paralelas circundando a borda com pintura geométrica preenchendo na cor vinhosa sobre branco. Origem portuguesa séc. XVIII. Fragmento de borda de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura a mão livre e torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. Origem portuguesa, possivelmente coimbrã, produzida no século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente em faiança decorado, na face interna, por pintura a mão livre e torno, na cor vinhosa sobre o fundo branco. O motivo não apresenta condições de identificação. Origem portuguesa, possivelmente coimbrã, produzida no século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de bojo de recipiente em faiança apresentando, na face externa, decoração pintada na cor vinhosa sobre o fundo branco. Origem portuguesa, produção entre os séculos XVI-XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

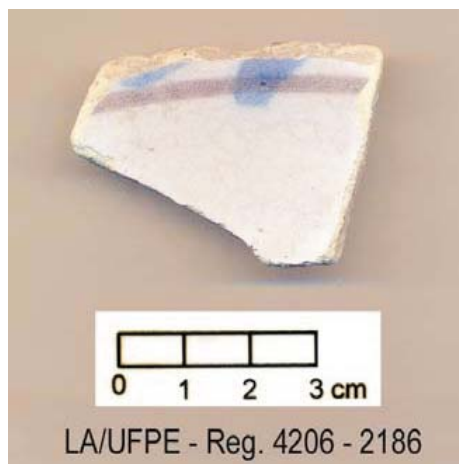
Prato fundo fragmentado em faiança decorado, na face interna, por pintura a mão livre, na cor vinhosa sobre o fundo branco. O motivo decorativo se encontra no centro da base e não pode ser resgatado por se apresentar quase vestigial. Origem portuguesa, com produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



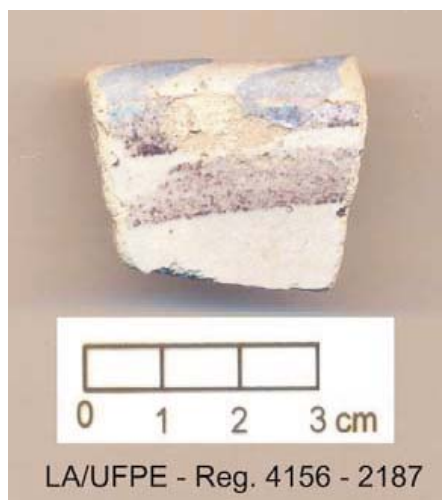
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno. Motivo geométrico caracterizado por linha circundando a borda na cor vinhosa sobre fundo branco e pinceladas no lábio na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVI e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão livre e torno. Motivo geométrico caracterizado por duas linhas circundando a borda na cor vinhosa sobre fundo branco e pinceladas no lábio na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão e torno. Observa-se no fragmento motivos geométricos caracterizados por frisos paralelos intercalados por linha ondulada na cor azul e vinhoso sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno. Motivo caracterizado por linhas paralelas circundando a borda e linha sinuosa intercalada nas cores azul e vinho sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura no torno nas cores azul e vinho sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por linhas paralelas circundando a borda intercalada por linha sinuosa. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

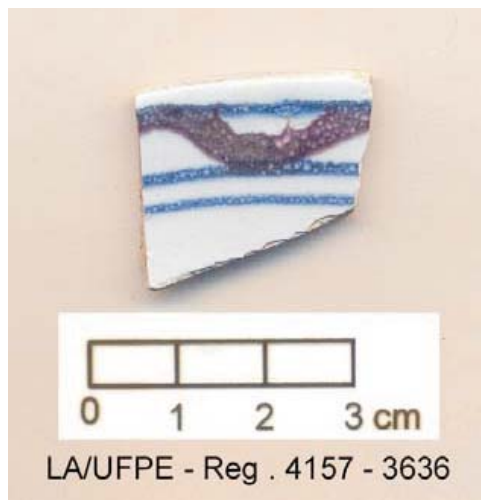
Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura no torno nas cores azul e vinho sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por linhas paralelas circundando a borda intercalada por linha sinuosa. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura no torno nas cores azul e vinho sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por linhas paralelas circundando a borda intercalada por linha sinuosa. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



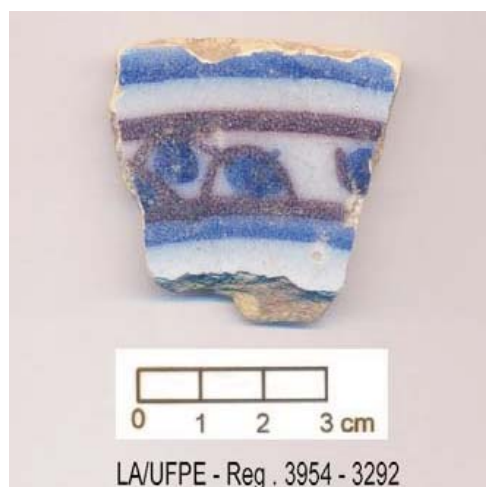
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando na face interna pintura no torno nas cores azul e vinho sobre branco. Motivo geométrico caracterizado por linhas paralelas circundando a borda intercalada por linha sinuosa. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinho sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "três contas" nas cores azul e vinho sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



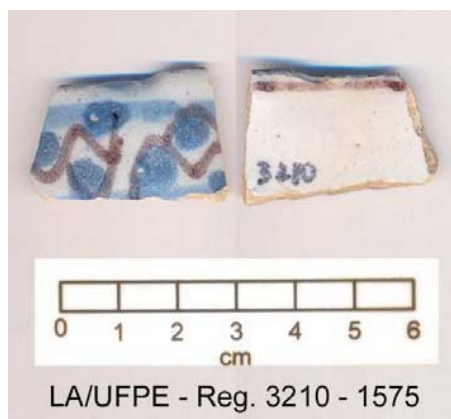
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinho sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "três contas" nas cores azul e vinho sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinho sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "três contas" nas cores azul e vinho sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de tigela em faiança apresentando pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinho sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "três contas", na superfície externa e, na interna, friso em vinho. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinho sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "três contas". Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

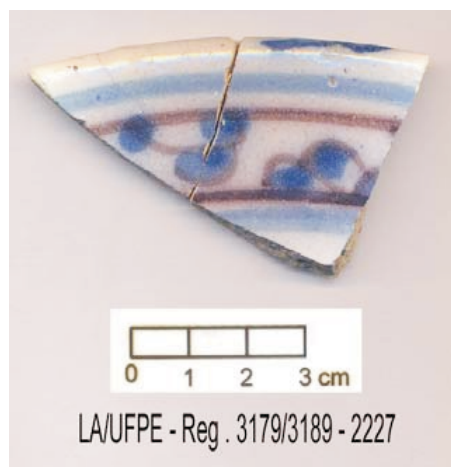
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinho sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "três contas". Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinho sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "três contas". Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinioso sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "contas". Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinioso sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "contas". Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de travessa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinioso sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "contas". Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

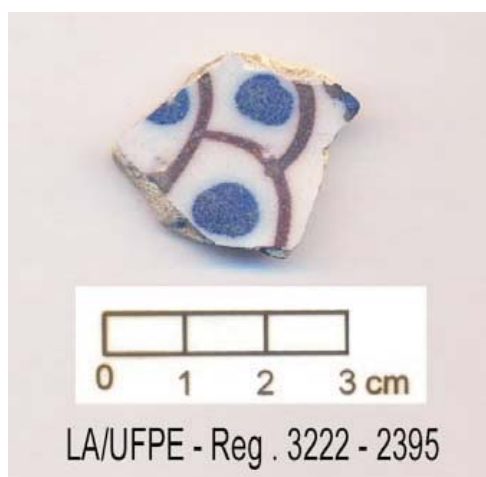
Descrição da Peça:

Tampa em faiança apresentando na face externa pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinhoso sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "contas". Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

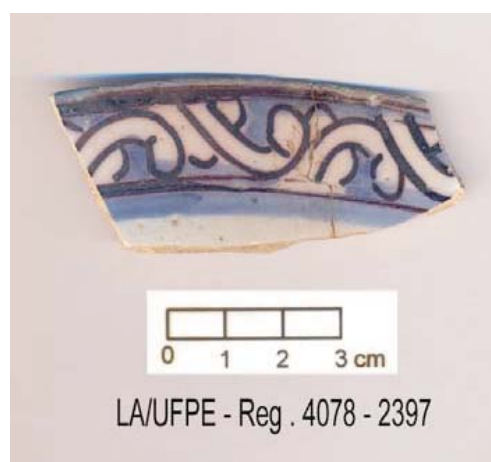
Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinhoso sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "contas". Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e no torno nas cores azul e vinhoso sobre fundo branco. Apresenta o motivo identificado como "faixa de voluta". Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato ou travessa em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão livre. Na face interna, observa-se o motivo identificado como "faixa de voluta" nas cores azul e vinho sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão livre. Na face interna, observa-se o motivo identificado como "faixa de voluta" nas cores azul e vinho sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de prato em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão livre. Na face interna, observa-se o motivo identificado como "faixa de voluta" associado a fitomorfo, nas cores azul e vinho sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

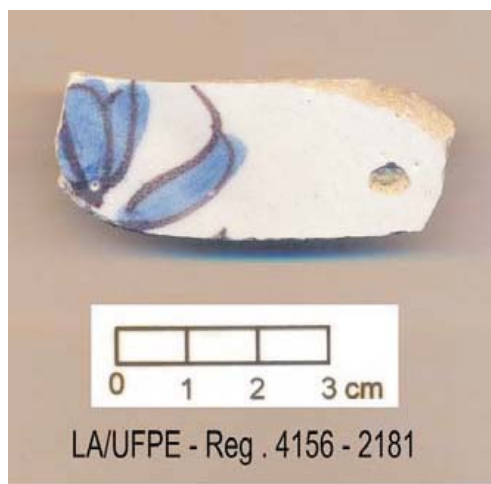
Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão livre. Na face interna, a peça apresenta motivos geométrico e fitomorfo nas cores azul e vinhoso sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando decoração fitomorfa pintada a mão livre, na face interna da peça, nas cores azul e vinhoso sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

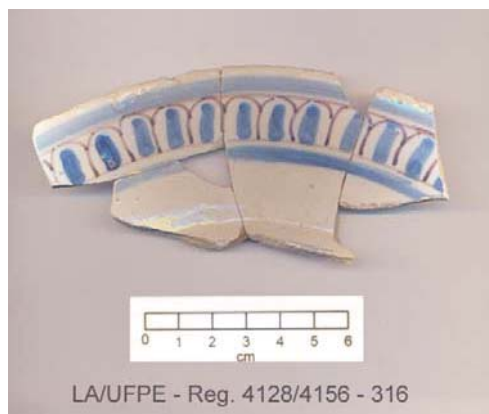
Fragmento de prato em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão livre. Motivo geométrico com semi-círculos com pinceladas no centro, limitados por linhas e faixas localizados na aba e se repete na base associado a motivo fitomorfo. A decoração foi executada nas cores azul e vinhoso sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão livre. Motivo geométrico com semi-círculos com pinceladas no centro, limitados por linhas e faixas, nas cores azul e vinioso sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1626 e 1675.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de prato em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno e a mão livre, nas cores azul e vinioso sobre branco. Observa-se os motivos identificados como "romãs e aranhões" delimitados por linha paralelas em toda extensão aba. Na base, as linhas se repetem associadas a fitomorfo nas cores azul e vinioso sobre fundo branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

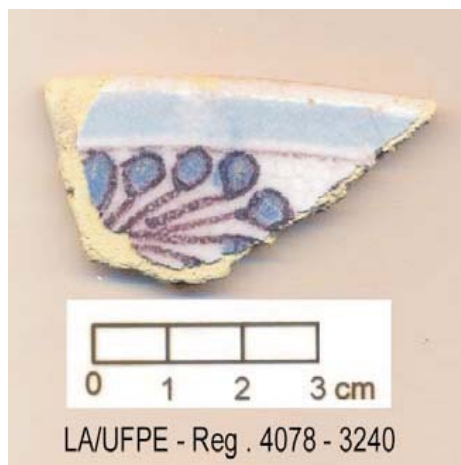
Fragmento de aba em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno e a mão. Motivo fitomorfo identificados como "Romãs, aranhões e laçarias" associados nas cores azul e vinioso sobre branco. Origem não identificada, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno e a mão . Motivo fitomorfo e associado a linhas paralelas circundando a borda nas cores azul e vinhoso sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno e a mão . Motivo fitomorfo e geométrico, identificado como "roma" associado a linhas paralelas na parte superior e inferior da aba, nas cores azul e vinhoso sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno e a mão . Motivo fitomorfo e geométrico, identificado como "roma" associado a linhas paralelas na parte superior e inferior da aba, nas cores azul e vinhoso sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão. Motivo fitomorfo nas cores azul e vinho sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno e a mão nas cores azul e vinho sobre branco. Observa-se a associação de motivos identificados como "romãs e aranhões" delimitados por linha paralelas. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno e a mão. Observa-se a associação de Motivo identificado como "aranhões", linha e faixa paralelas na parte superior da borda, nas cores azul e vinho sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



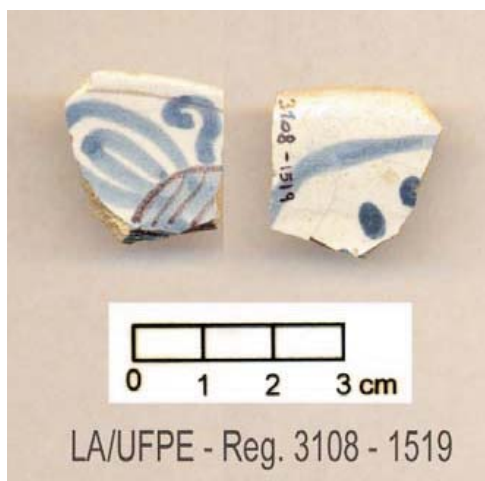
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno e a mão. Motivo identificado como "aranhões", nas cores azul e vinioso sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão. Na face interna observa-se motivo com "laçarias" nas cores azul e vinioso sobre branco e na face externa pintura a mão na cor azul. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão. Motivo fitomorfo nas cores azul e vinioso sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão. Motivo identificado como "laçarias" dentro de cartuchas e divisor de motivos nas cores azul e vinhoso sobre branco. Origem não identificada, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno e a mão. Motivo identificado como "Rolo de papel e laçarias" nas cores azul e vinhoso sobre branco. Origem não identificada, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando decoração pintada a mão e no torno nas cores azul e vinhoso sobre branco. Observa-se na face interna motivo geométrico caracterizado por linha e faixa na parte superior e inferior da aba limitando a "Faixas barrocas ou Folhagem trançada". A presença de linhas circundando a base associadas a pequenas pinceladas também são notadas. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1726 e 1775.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba de peça em faiança apresentado decoração pintada a mão e torno nas cores azul e vinioso sobre branco. Observa-se na face interna motivo geométrico caracterizado por linha e faixa na parte superior e inferior da aba limitando a "Faixas barrocas ou Folhagem trançada". Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1726 e 1775.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentado decoração pintada a mão e torno nas cores azul e vinioso sobre branco. Observa-se na face interna motivo geométrico caracterizado por linha e faixa na parte superior e inferior da aba limitando a "Faixas barrocas ou Folhagem trançada". Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1726 e 1775.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba em faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno e a mão. Motivo identificado como "aranhões", nas cores azul e vinioso sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentado na face interna decoração pintada a mão e torno nas cores azul e vinho sobre branco. Observa-se na motivo geométrico caracterizado por linha e faixa na parte inferior da aba limitando a "Faixas barrocas ou Folhagem trançada". Linhas que se repetem no limite da base. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1726 e 1775.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



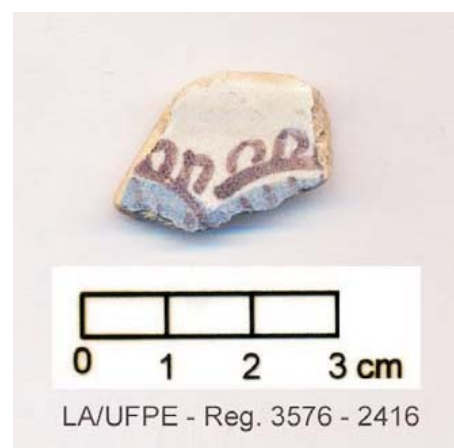
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão. Motivo geométrico "faixas de volutas" nas cores azul e vinho sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre 1676 e 1725.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

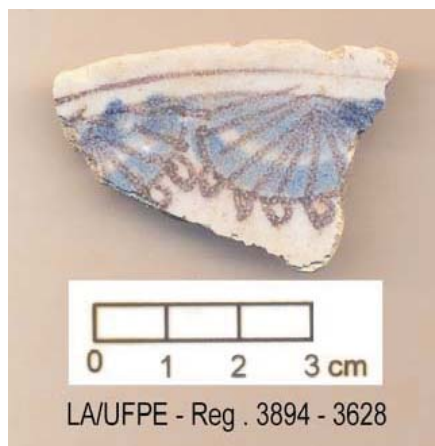
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração na face interna pintada a mão com motivo conhecido por "renda portuguesa" nas cores azul e vinho sobre branco. Origem portuguesa, século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão e torno com motivo conhecido por "Renda portuguesa" nas cores azul e vinho. Origem portuguesa, século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



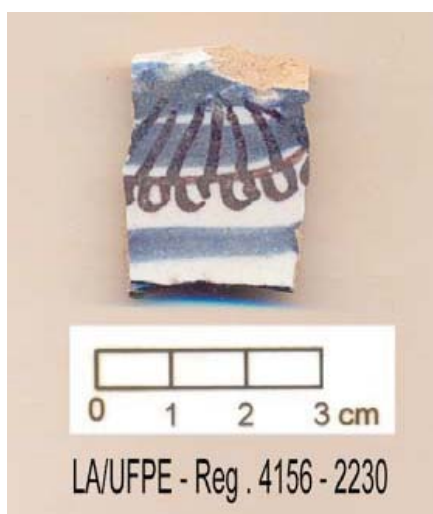
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão e torno. Observa-se na face externa motivo conhecido por "Renda Portuguesa" nas cores azul e vinho sobre branco. Na face interna friso na cor vinho sobre branco circundando a borda. Origem portuguesa, século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

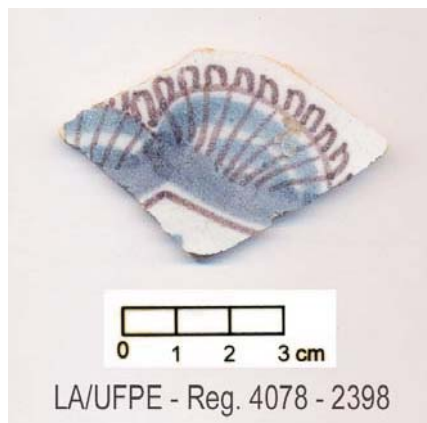
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão e torno com motivo conhecido por "Renda Portuguesa" nas cores azul e vinho. Origem portuguesa, século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



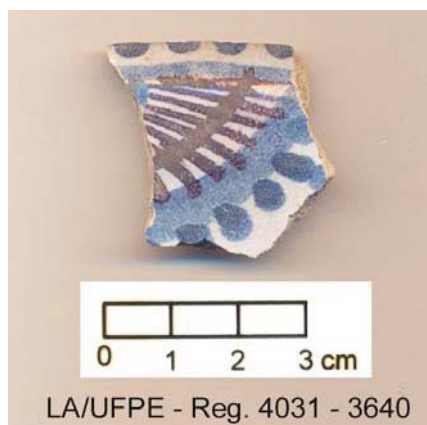
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão com motivo conhecido por "renda portuguesa" nas cores azul e vinhoso sobre branco. Origem portuguesa, século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão e torno com motivo identificado por "Renda Portuguesa" e pinceladas no lábio na cor azul e vinhoso sobre branco. Origem portuguesa, século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

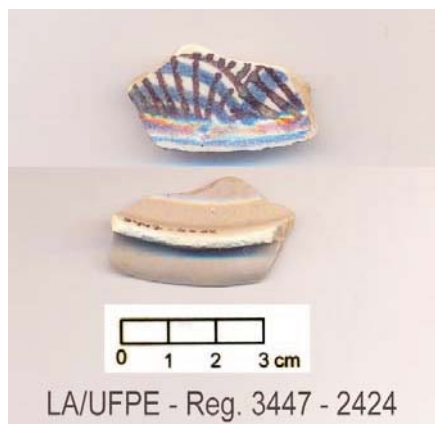
Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando na face externa decoração pintada a mão com motivo conhecido por "renda portuguesa" nas cores azul e vinhoso sobre branco. Origem portuguesa, século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



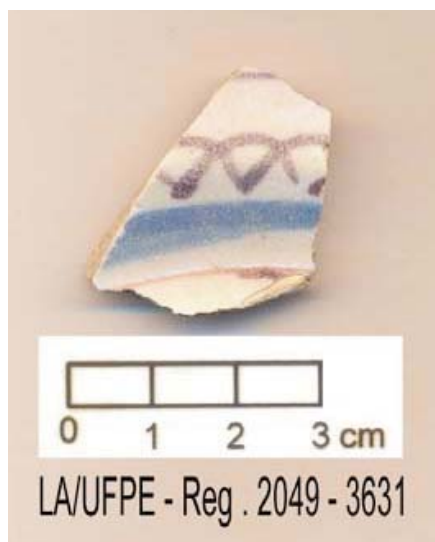
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Tampa fragmentada em faiança com decoração pintada a mão. Na face externa apresenta motivo conhecido por "Renda portuguesa" nas cores azul e vinhoso sobre branco. Origem portuguesa, século XVII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



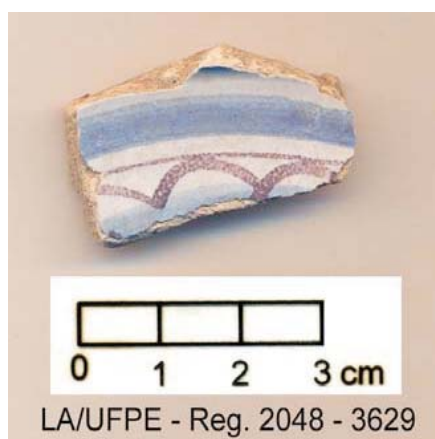
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão e torno. Motivo geométrico caracterizado por linha faixa e semi-círculos que se intercalam nas cores azul e vinhoso sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão e torno. Motivo geométrico caracterizado por linha, faixa e semi-círculos que se intercalam nas cores azul e vinhoso sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Tampa fragmentada de peça em faiança apresentando face externa com decoração pintada a mão. Motivo geométrico caracterizado por semi-círculos que se intercalam, nas cores azul e vinioso sobre branco. Origem portuguesa, com expectativa de produção entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Pratofragmentado em faiança apresentando na face interna pintura a mão e torno com motivo geométrico. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



LA/UFPE - Reg. 3216 - 2168

Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

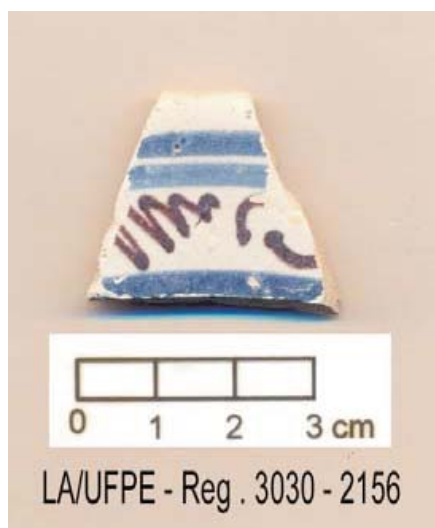
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



LA/UFPE - Reg . 3030 - 2156

Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



LA/UFPE - Reg. 3948 - 241

Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

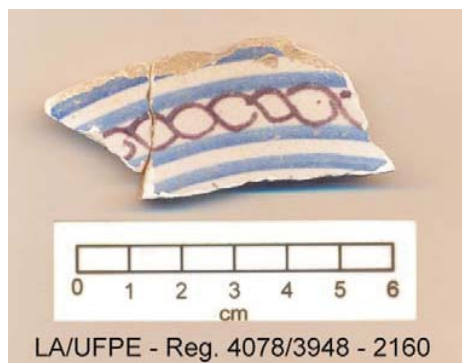
Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

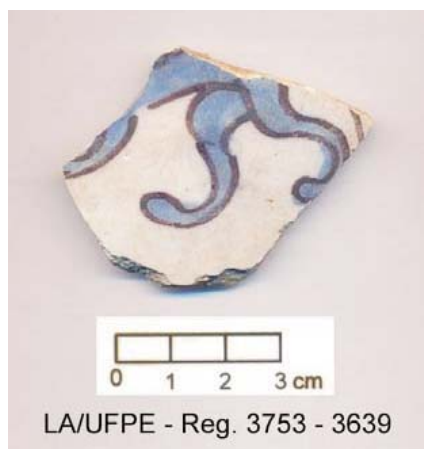
Fragmento de base de peça do serviço de mesa em faiança apresentando na face interna pintura a mão livre e torno. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base brasonada em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão. O motivo heráldico representa um Leão, correspondendo ao Brasão da Família Silva. Origem portuguesa, datada de 1649.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



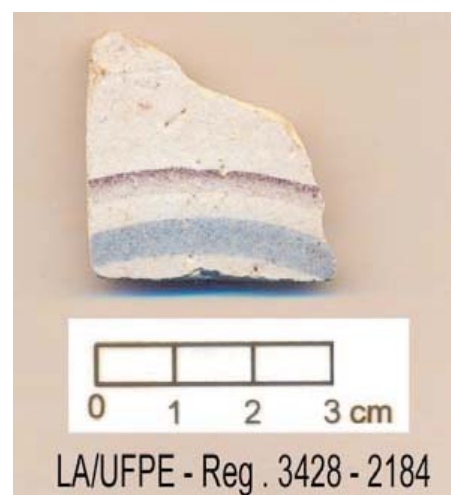
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base brasonada em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão. O motivo heráldico representa um Leão, correspondendo ao Brasão da Família Silva. Origem portuguesa, datada de 1649.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando na face externa decoração pintada a mão e torno. Motivo geométrico caracterizado por linha na cor vinho e faixa na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com produção estimada entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando na face interna decoração pintada a mão e torno. Motivo geométrico caracterizado por linha na cor vinho e faixa na cor azul sobre branco. Origem portuguesa, com produção estimada entre os séculos XVII e XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T. de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Base de recipiente em majólica, apresentando decoração pintada a mão livre, motivo mitológico, nas cores azul e amarelo sobre fundo branco, representando a figura de um cupido em movimento. Na superfície externa, o banho esverdeado. Apresenta um anel de base, ou frete, largo, pouco irregular e desgastado.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de recipiente decorado na face interna por pintura a mão livre em azul, amarelo e vinho sobre fundo branco, motivo fitomorfo. Ocupando o espaço da aba desta peça, pode-se ver uma ramagem com folhas e flores. Na base é possível observar parte do motivo decorativo em azul. Origem e cronologia não identificada.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



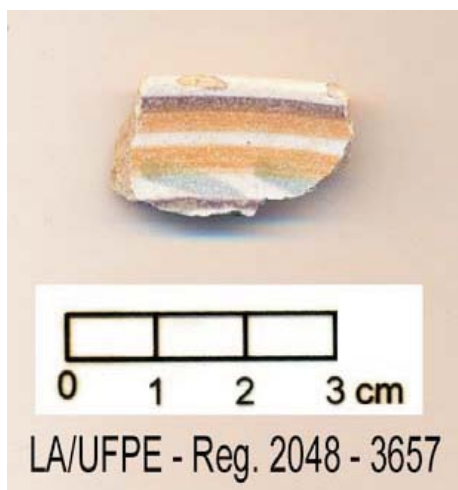
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Albarelo fragmentado: peça de farmácia em majolica apresentando, na face externa, pintura a mão e torno nas cores azul, laranja e marrom. O padrão decorativo é constituído por motivos geométricos, podendo ser descrito por uma combinação de linhas, faixas e pinceladas. Origem holandesa, com produção estimada entre 1620-1660.

Referência(s):

Ian Baart, 2003, informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



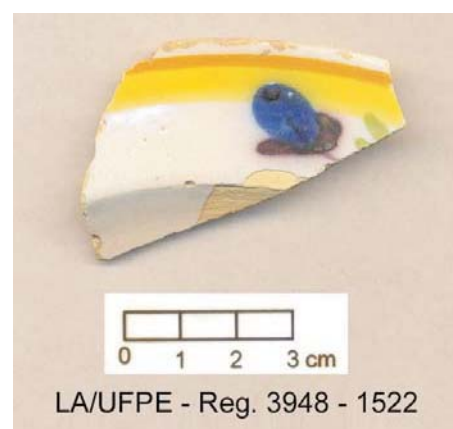
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada no torno e a mão livre. Padrão decorativo incompleto, apresentando motivos geométricos caracterizados por frisos e linhas ou pinceladas transversais. Origem não identificada, séc. XVIII.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

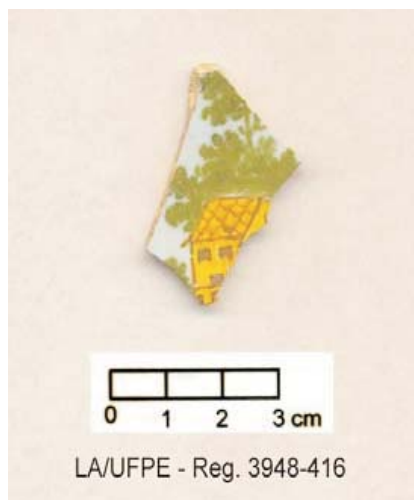
Descrição da Peça:

Borda de faiança apresentando na face interna pintura a mão e torno. Motivo geométrico com "linha e faixa" e fitomorfo nas cores amarelo, laranja, azul, vinho e verde. Origem não identificada séc. XVIII
Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada no torno e a mão livre. Padrão decorativo incompleto, apresentando uma combinação de motivos geométrico e fitomorfo, caracterizado por friso, faixa e fitomorfo, nas cores azul, amarelo, laranja, verde e vinho sobre branco. Origem não identificada, séc. XVIII.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

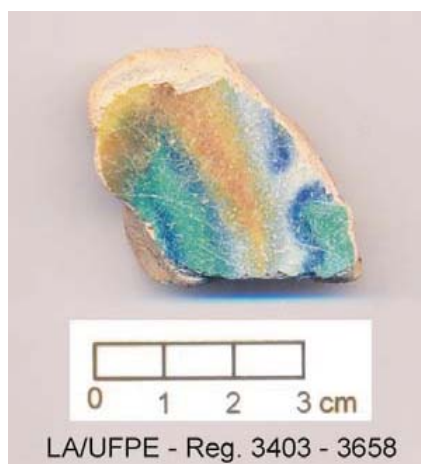
Descrição da Peça:

Base de faiança apresentando na face interna

decoração pintada a mão com motivo caracterizado por uma arquitetura nas cores amarelo, verde e marrom. Origem desconhecida século XIX.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



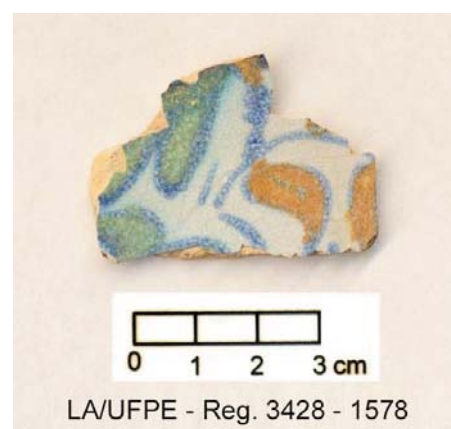
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Base de majólica apresentando decoração pintada a mão na face interna nas cores amarela, verde e azul. Origem holandesa cronologia não identificada.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

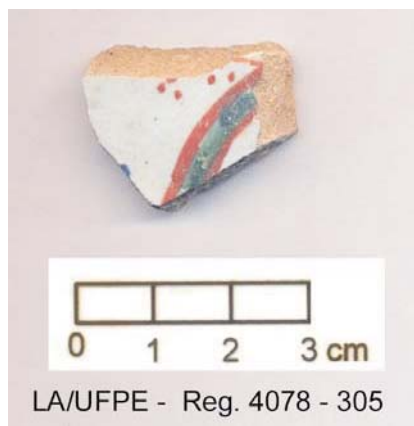
Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente em majólica apresentando decoração pintada a mão livre, na face interna. O motivo decorativo é fitomorfo e foi realizado nas cores azul, laranja e verde. Origem holandesa, cronologia não identificada.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de peça em faiança apresentando decoração pintada a mão livre nas cores vermelho e verde sobre branco. Origem e cronologia não identificadas.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

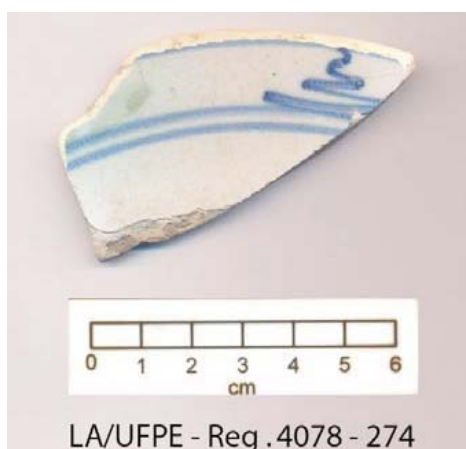
Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão livre. Na face interna da peça, apresenta-se o padrão decorativo caracterizado por motivos geométricos: "friso circundando a borda na cor azul e frisos e faixa nas cores azul e verde sobre branco. No centro da base, o motivo se apresenta incompleto, na cor azul. Origem e cronologia não identificadas.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba de peça do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada no torno e a mão livre, nas cores azul e verde sobre fundo branco. Circundando a borda observa-se motivos geométricos caracterizado por linhas paralelas e sinuosas na cor azul e vestígio pincelada verde sobre branco. Origem portuguesa séc XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada no torno e a mão livre. Circundando a borda foram pintados motivos geométricos caracterizados por linhas azuis paralelas ao lábio e, na transversal, pequenos traços em azul e pinceladas em verde intercalados. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre sobre fundo branco. Muito embora apresente o motivo decorativo "Xadrez" na cor azul, o padrão decorativo não se apresenta completo e se percebe vestígio de verde. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de peça em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada, nas cores azul e verde sobre branco. O padrão decorativo é caracterizado por motivos geométricos constituído por linhas retas e por linhas onduladas intercruzadas. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão livre, nas cores azul e verde sobre branco, na face interna. O padrão decorativo é caracterizado por motivos geométricos "frisos e semi-círculos" inter cruzados, com pinceladas como "pontos". Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão livre, nas cores azul e verde sobre branco, na face interna. O padrão decorativo é caracterizado por motivos geométricos "frisos e semi-círculos" inter cruzados, com pinceladas como "pontos". Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

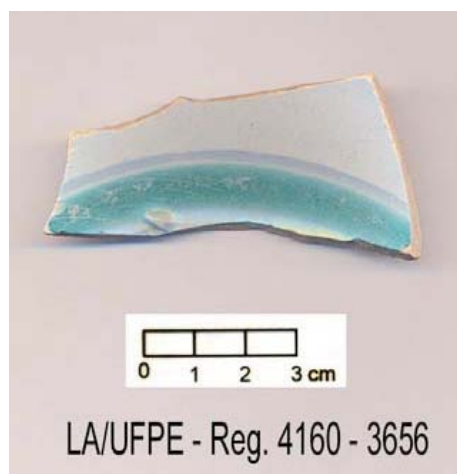
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão livre, na face interna. O motivo decorativo, nas cores azul e verde sobre fundo branco, foi identificado como "três contas". Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de bojo de recipiente em faiança apresentando decoração pintada em azul e verde, executada com o uso do torno, em uma face interna. O padrão decorativo se apresenta incompleto, podendo-se descrever o motivo geométrico identificado como caracterizado por linha azul e faixa verde, possivelmente o verde preenche o espaço entre linhas azuis. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T. de S., 1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



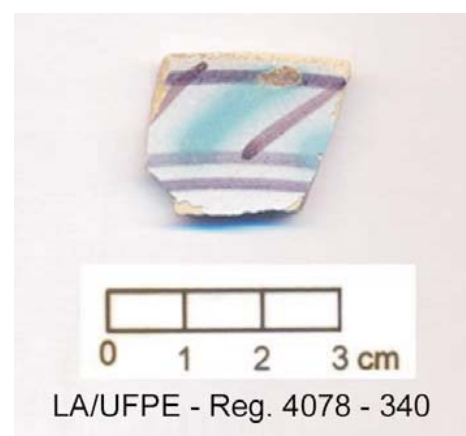
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno, na face interna. Os motivos geométricos e fitomorfo se apresentam nas cores azul e verde sobre branco. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada no torno e a mão livre. Circundando a borda foram pintados motivos geométricos caracterizados por linhas vinhosas paralelas ao lábio e, na transversal, pequenos traços em vinhoso e pinceladas em verde intercalados. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de malga ou tigela em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada, sobre fundo branco, com a utilização do torno. O motivo que adorna a borda é caracterizado por frisos paralelos, retos e linha sinuosa, na cor vinhosa. No trecho inferior do bojo, foram pintados frisos na cor vinhosa e preenchimento verde. Origem portuguesa séc XIX.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Base de faiança apresentando na face interna decoração pintada no torno com motivos geométricos "frisos e faixa" paralelas nas cores verde e vinhoso. Origem portuguesa séc. XVIII.
Base de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada com utilização do torno, formando círculos concêntricos, com traçado em vinhoso e preenchimento em verde, sobre fundo branco. Origem portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Dordio, P.; Teixeira, R.; Sá, A., 2001.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

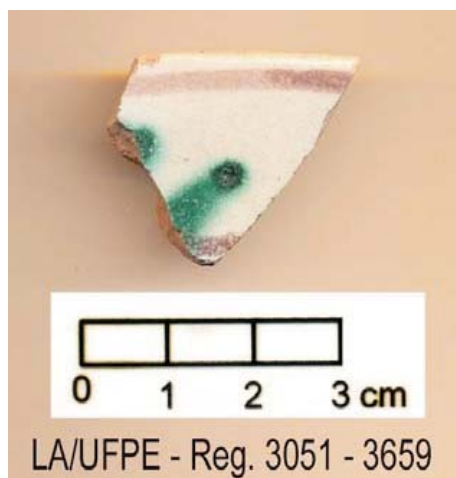
Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando decoração pintada em verde e vinhoso na face interna. O motivo decorativo se apresenta incompleto, porém pode ser descrito como geométrico, apresentando friso vinhoso circundando o bordo da base e faixa ou preenchimento na cor verde. Origem portuguesa, séculos XVIII- XIX.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S.,1991; 2008.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada no torno. O motifriso em vinhoso e vestígio de decoração não identificada em verde. Origem portuguesa, com estimativa de produção entre os séculos XVIII e XIX.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de malga ou tigela em faiança apresentando, na face interna, decoração geométrica pintada, sobre fundo branco, com a utilização do torno. O motivo que adorna a borda é caracterizado por frisos paralelos, retos e linha sinuosa, na cor vinhosa. No trecho inferior do bojo, foram pintados frisos na cor vinhosa e preenchimento verde. Origem portuguesa séc XIX.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada com a utilização do torno nas cores azul, vinhoso e verde. O padrão decorativo é composto por linhas retas e ondulada na borda e linhas retas e faixa na base. Origem Portuguesa, século XVIII.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



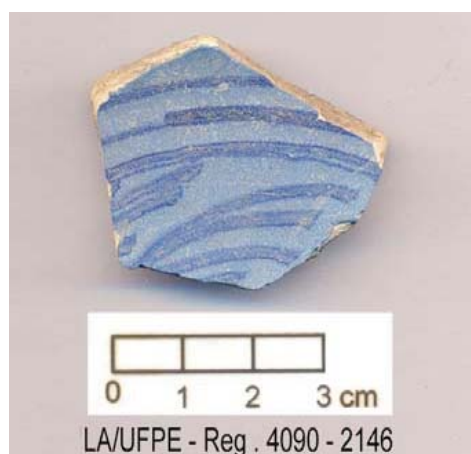
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Prato fragmentado em faiança, apresentando decoração pintada a mão livre e torno na face interna. O padrão e os motivos decorativos apresentam uma composição que inclui elementos geométricos e, possivelmente, estilização de motivo fitomorfo, na cor azul sobre fundo azul. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente do serviço de mesa em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo azul, na face interna. O padrão e os motivos de decoração se apresentam incompletos, porém foram identificados elementos geométricos e, possivelmente, estilização de motivo fitomorfo. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

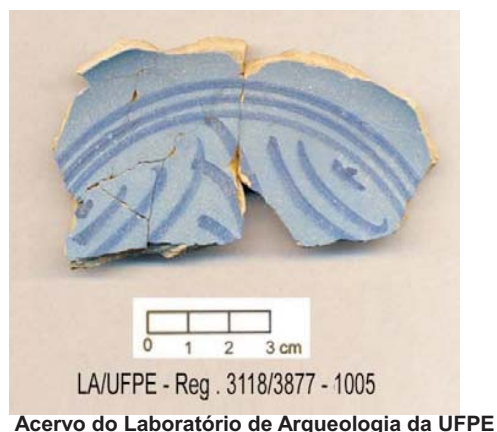
Descrição da Peça:

Fragmento de aba de recipiente do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo azul. O padrão e os motivos decorativos se apresentam incompletos, porém foram identificados elementos geométricos. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo azul. O padrão e os motivos decorativos se apresentam incompletos, porém foram identificados motivos geométricos caracterizados por frisos e semi círculos concêntricos. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo azul. O padrão e os motivos decorativos se apresentam incompletos, porém foi identificado motivo geométrico. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



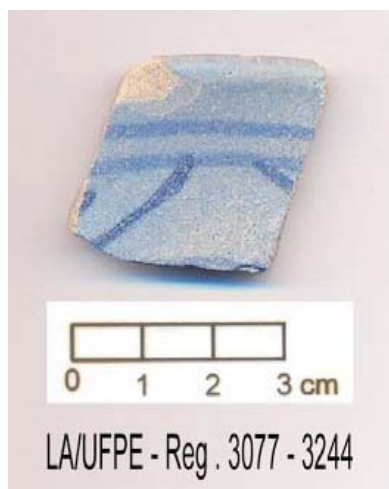
Descrição da Peça:

Fragmento de aba, caldeira e base de recipiente do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo azul. O padrão e os motivos decorativos se apresentam incompletos, porém foram identificados elementos geométricos. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo azul. O padrão e os motivos decorativos se apresentam incompletos, porém foram identificados elementos geométricos. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba de recipiente do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada na cor azul sobre fundo azul. O padrão e os motivos decorativos se apresentam incompletos. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de borda de recipiente do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo azul. O padrão e os motivos decorativos se apresentam incompletos, porém foram identificados elementos geométricos. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



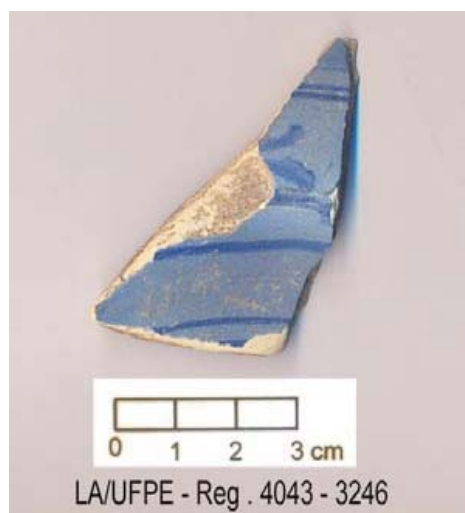
Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba de recipiente do serviço de mesa em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo azul, na face interna. O padrão e os motivos de decoração se apresentam incompletos, porém foram identificados elementos geométricos, podendo haver uma representação estilizada de motivo fitomorfo. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba com caldeira de recipiente do serviço de mesa em faiança apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo azul. O padrão e os motivos decorativos se apresentam incompletos, porém foram identificados elementos geométricos. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

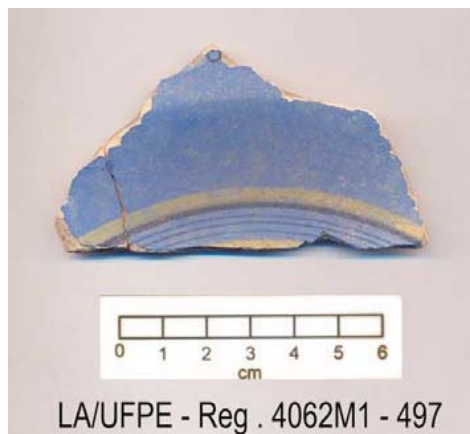
Descrição da Peça:

Fragmento de aba de recipiente do serviço de mesa em faiança apresentando decoração pintada a mão livre e torno na cor azul sobre fundo azul, na face interna. O padrão e os motivos de decoração se apresentam incompletos, porém foram identificados elementos geométricos. Origem italiana da região da Ligúria, com produção estimada entre 1590-1610.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de caldeira de recipiente em majólica apresentando, na face interna, decoração pintada no verso, podendo ser descrita por motivos geométricos caracterizados por frisos e faixa nas cores vinho e amarelo sobre azul. Observa-se na face externa a ausência do banho azul. Origem holandesa, cronologia não identificada.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de base de recipiente em majólica apresentando, na face interna, decoração pintada a mão livre, nas cores amarelo, verde e vinho sobre fundo azul. Observa-se na face externa a ausência do banho azul. Origem holandesa, cronologia não identificada.

Referência(s):

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br



Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

Descrição da Peça:

Fragmento de aba e caldeira de recipiente em majólica apresentando decoração pintada a mão livre e verso, sobre fundo azul, na face interna. Na aba, a peça apresenta motivo fitomorfo nas cores branca, amarela e vinosa. No limite da caldeira com a base, percebe-se vestígio de friso em amarelo. O banho azul, na face externa, limita-se a uma pequena faixa logo abaixo do lábio. Origem holandesa, cronologia não identificada.

Referência(s):

Albuquerque, P. T.de S., informação oral.
Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE



Descrição da Peça:

Fragmento de tigela de faiança apresentando decoração pintada no torno e a mão livre. Na face externa, a peça apresenta o motivo decorativo identificado como "três contas" nas cores azul e preto e, na face interna, friso circundando a borda na cor preta. Origem portuguesa, com expectativa cronológica de produção entre 1626-1675.

Referência(s):

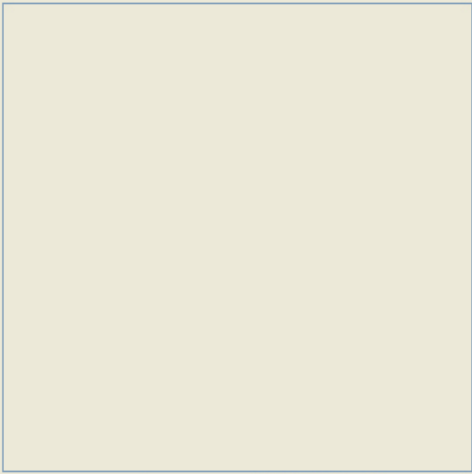
Albuquerque, P. T. de S., 1991; 2008.

Brasil Arqueológico - www.magmarqueologia.pro.br

Acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE

APÊNDICE 2

PE 0034 LA/UFPE – FORTE DE ORANGE, ITAMARACÁ-PE. FORMULÁRIO DE ANÁLISE - MATERIAL ARQUEOLÓGICO: FAIANÇA

FAIANÇA DO FORTE ORANGE - PE 0034 LA/UFPE	
Código:	Morfologia Funcional:
	Porção da Peça:
	Pasta
	Método de manufatura:
	Morfologia 1
	Morfologia 2
	Espessura Regularidade da espessura
	Diâmetro Altura
	Esmalte de fundo
	Técnica de decoração
	Modalidade da decoração
Nº de Registro: Nº Individual:	Motivo decorativo
Cores	Padrão decorativo
	Traçado
	Intensidade da cor
	Subsistema
	Origem: Fabricante:
Século: Quartel de século:	
Cronologia inicial: Cronologia final:	
Referência(s):	
Obs:	